



Opiniões (I) e Avaliações (II) sobre o DAY AFTER DAY 15

Gabeira - Reveillon

" Domingo ainda não vai revelar tudo. Mas será uma espécie de passagem de ano, um réveillon político de 2015. " –

(Fernando Gabeira)

“Lembrete curto e grosso: Dilma não é o Collor. A consigna de impeachment é , no mínimo e por enquanto, equivocada. Sem apoio na sociedade civil organizada, nem mesmo de líderes mais responsáveis da Oposição. Mas como às vezes eu me engano - e cada vez mais depois dos 70 - , posso estar me enganando desta vez também.”

Paulo Timm- março 15

“O problema não é Dilma ou o PT. É a História... Lá se vai, independentemente dos desdobramentos da crise, que pode tanto desembocar num retrocesso, como num mero continuísmo, sem nenhuma mudança significativa , mais uma esperança, mais um sonho, mais uma oportunidade...! Depois, daqui a uns 20 ou 30 anos não reclamem do aumento da violência, a qual tenderá, cada vez mais ,a se "politizar"... "Essa gente" , tão depreciada pela "zelite" não é a que está no Governo "Essa gente" são 100 milhões de brasileiros, maior parte deles bastardos do suplício da escravidão, que estão nos presídios, nos prostíbulos, nas periferias mais abjetas das grandes metrópoles, no meio das ruas, perdidos no desatino de uma sociedade extremamente injusta.”

Paulo Timm – março 17

“Dilma e o PT não têm o que dizer, mas a oposição também não sabe o que fazer, qual o próximo passo. Partidos e políticos estão a reboque das ruas.”

Eliane Cantanhêde

“Que margem de erro João Roberto e João Moraes Abreu. Para a PM bem mais de 1 milhão. Para o data-folha 210 mil. independentemente do total isso não afeta a legitimidade das manifestações.

<São Paulo é o Estado com o maior número. A PM informou que 1 milhão de pessoas se reuniram na região da avenida Paulista, no centro da capital paulista. Segundo o Datafolha, porém, foram 210 mil manifestantes. A cidade foi a única a registrar um incidente até o momento. Cerca de 20 manifestantes de um grupo denominado "Carecas do Subúrbio", conforme escrito em suas camisetas, foram detidos. Com eles, foram encontrados rojões, bombas caseiras e soco inglês>.”

Marco Antonio Carvalho Teixeira



Cartaz – Manif. Março 15-2015

Índice

Introdução

Opiniões

Paulo Timm

Cid Benjamin

Helga Hoffman

Benicio Schmidt

Marco Aurélio Nogueira

Marina Silva

Fernando Gabeira

Roldão Arruda
Renato Janine Ribeiro
Mauro Santayana
M.Veríssimo

Avaliações do dia 15

Governo

Balanço

Paulo Timm
R.Rudá
Marco Antonio Teixeira - SP
Aldo Fornazieri - SP
G.Maringoni
Helga Hoffman
Cid Benjamin
Roberto Robaina/Luciana Genro – PSOL
Marina Silva
Sen.Cristovam Buarque - Brasília
Juremir Machado da Silva – JornalisPta POA
Juan Arias – Jorn. El Pais
Paulo Ghiraldelli
Vladimir Safatle -SP
Antonio Lassance - SP
Paulo Nogueira
Marco Aurélio Nogueira – SP
Eliane Brum
Paulo Ghiraldelli
Breno Altman
Luiz Carlos Azedo BSB
O que muda? 5 análises

Ricardo Kotscho – SP
Marcelo Zero
Felipe Amim Filomeno

Imagens preocupantes do 15 março

Outras repercussões

As respostas do 13 de março

Introdução

SER OU NÃO SER . Eis a questão...

Paulo Timm – março 15

A morte do velho e querido comunista Armênio Guedes, aos 96 anos, nesta semana, justo num momento de grave tensão na conjuntura nacional, deveria servir como uma advertência para a esquerda brasileira. A esquerda, em primeiro lugar, não se resume nem a um Partido, nem ao Governo. O PT, por exemplo, um partido de caráter inequivocamente popular, ocupou historicamente a esquerda, não sem um certo apoio do *stablishment*, que o preferia aos velhos líderes como Brizola e Luiz Carlos Prestes, e até se tornou hegemônico sobre ela desde a eleição de Lula em 2002. Desde então, seja por erros políticos, seja por erros administrativos no exercício do Poder, desgastou-se e vem perdendo, crescentemente a hegemonia conquistada. Há amplos segmentos da esquerda, hoje, totalmente independentes do Governo e do PT. Não obstante, o PT continua à esquerda do espectro ideológico do país. Ser ou não ser de esquerda, entretanto, é outra discussão, sendo que, desde sempre houve uma esquerda dita revolucionária, que aposta na Revolução comandada por um Partido, e uma esquerda evolucionária, que prefere as rupturas pactuadas, que implicam na existência de grandes Partidos de Massa. Aqui, uma observação: O PT não é nem nunca se pretendeu ser um Partido Revolucionário. Como um partido reformista, entretanto, tem optado por um discurso de confronto entre ricos x pobres, agudizando a luta ideológica com as consequentes tensões no cenário político e consequente perda da classe média. Com isto, o PT acaba fraturado entre um caráter reformista, que aposta nas mudanças progressivas mediante o concurso no processo eleitoral e um discurso que acabou estigmatizando não só as classes médias, mas o próprio processo democrático. Ou seja, o problema do PT não são nem seus inimigos - inevitáveis -, nem os erros de administração. É de natureza política e interna. É de saber o que deseja ser. Se quer ser um Partido Revolucionário, transitando da esquerda à esquerda, como, de certa maneira o fez a UNIDADE POPULAR no Chile, em 1973, tudo bem. Vamos à luta revolucionária! Eu nada tenho contra, mas gostaria de ver uma melhor teoria que sustentasse

tática e estrategicamente esta alternativa, mais além dos imperativos morais de justiça social. Chega de fracassos e vítimas! Mas se o PT quer aprofundar sua experiência reformista, apostando na democracia "burguesa", tem que ter um discurso mais abrangente, capaz, como fez em 2002, de recompor em seu apoio não só segmentos da pequena burguesia, como também das própria "zelites", mais além daqueles que se encontram sob suspeita na Operação LAVA JATO.

SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO. Como sempre...

I - OPINIÕES

Paulo Timm -

Não precisa explicar. Eu só queria entender...

Tenho mais de 70 anos e vivi, atento e ativo, às últimas cinco décadas no Brasil, com a vantagem de ter acompanhado de perto o drama chileno entre 1970 e 1973. Confesso que estou perplexo diante da conjuntura nacional. Não tanto pela gravidade da crise política, já tangenciando o plano institucional. Mas pela confusão que se está instaurando.

Vi o suicídio de Vargas, vi a queda do Jango e vi a morte do Allende. Caíram porque eram Governos "de esquerda" que se enfrentaram, coerentemente, às forças internas e externas contrárias. Não estavam apenas "à esquerda", em função do papel que eventualmente cumpriram no jogo político. Tinham programas de esquerda, populares e anti-monopolistas, portanto contra o grande capital internacional. Agora, vemos um Governo eleito pela esquerda, com eixo num Partido, PT, com envergadura nacional e inequívoco caráter popular, enredado em questões éticas e administrativas, provocados por falta de firmeza republicana e de inteligência na condução do Governo. Tem cabimento, por exemplo, saber-se, agora que as transferências (entre 2008 e 2013) do Tesouro para o BNDES, lastradas em emissão de Títulos fora do Lei Orçamentária, captados a juros superiores à taxa SELIC, num valor de 2 trilhões de reais, destinados a juros subsidiados para setores de alto risco, como o Grupo X, de Eike Batista, ou FRIBOI, de baixa densidade tecnológica? Tudo porque, talvez, o PT tenha ousado "improvisar" na indicação para a Presidência de uma pessoa sem qualquer liderança política. **Política não é gestão. É capacidade de construir possíveis históricos inimagináveis** Fazer História, mesmo na derrota. Agora, em dificuldades, o Governo do PT debita a conta dos desacertos à inimigos externos e internos. Ora, do ponto de vista externo outros países dos BRICS, como China e Índia, já respondem bem à crise internacional e até mesmo às ofensivas da política externa

americana. Mas é claro que o PT tem inimigos internos, mas o que este Partido sempre considerou com o pior deles, o PSDB, não o está fustigando, nem pedindo impeachment. Esta maluquice está, sim, na cabeça e nas providências de marginais políticos como Bolsonaro e Paulinho da Força. Até a Marina Silva, tão atacada na campanha presidencial ,já deixou claro que é contra o impeachment. É tempo, portanto, de parar de inventar inimigos, embora eles existam até para os esquizofrênicos. Mas quem na política não tem inimigos, dentro e fora da trincheira, dentro e fora da própria nação? É um ringue. Subiu, bateu,levou,caiu. Levanta, dá volta por cima, sacode a poeira e vai de novo à luta. Dos inimigos só se pode esperar uma coisa: conspiração, sacanagem, soco no olho e outras cositas más (literalmente). No dicionário da Política não existe nem gentileza nem gratidão, a não ser como instrumento de dominação e poder.

Contudo, não sou pessimista quanto ao Brasil, no prazo mais longo. Fomos a China do século XX. Fizemos milagres com o modelo nacional-desenvolvimentista, tirando do campo uma população de pouco mais de 30 milhões em 1930 saltando-a para os 200 milhões no final do século XX. Éramos um modelo para outros países ditos, então, subdesenvolvidos. A conjuntura, hoje mudou. O país mudou. Já não há espaço para o confronto ideológico à la pobres x ricos, nem Revolução x golpe militar. Essas são vozes do passado, quase caricatas. Nada tenho contra uma Revolução. Acho até que o Brasil a necessitaria. Mas não há espaço para um assalto ao poder no Brasil. Nem para guerra civil, que exigiria divisão das Forças Armadas. Todo o cuidado, portanto, é pouco. Por duas vezes a esquerda esquentou a cabeça e acabou mal: Em 1935 e nos Anos de Chumbo. Vamos fazer mais vítimas? Quase todos jovens idealistas? Daí porque tenha selecionado, abaixo, algumas observações retiradas aqui do Face , ontem, que me parecem pertinentes.

Cid Benjamin – Contradições

Hoje, manifestação a favor do governo, feita por gente que é crítica em relação à política que ele aplica.

Domingo, manifestação contra o governo, feita por gente que é favorável à política que ele aplica.

Helga Hoffmann / março 13, 2015 - Esclarecendo.

Muito bom. Em um momento difícil no Brasil, porque as situações (e opiniões também) estão mudando com enorme rapidez. Hoje finalmente Dilma declarou que “modelo econômico do primeiro mandato está esgotado”. Espero que o recado seja ouvido pelo pessoal que convocou a manifestação (...) de apoio a Dilma mas contra a introdução de mudanças no modelo econômico.

Benicio Schmidt - Cutucando

Acho que a partir de domingo (15) teremos outro quadro. Não por causa das manifestações, que deflagrarão os mais baixos instintos em todos (é lei da Psicologia de Massas, não há como evitar...), mas pela possibilidade de medidas anunciadas nestes últimos dias conseguirem apoio dos investidores etc. Novas PPPs, mexida na Infraero, atração de investimentos etc. Nelson Barbosa sinalizou muito bem hoje (VALOR). Ele pelo menos entende do que fala, ao contrário da anterior Ministra de Planejamento (nunca falou). A crise financeira ainda tem que destapar as estranhas e podres relações BNDES-Tesouro Nacional e brutal endividamento público (saudades da Argentina, anos 1990 ?). Mas, para isto será necessário novo arco de controle do Estado e governança nas estatais. Haverá tempo ? O PT insiste em construir seus adversários, em vez de assumir o ônus das barbaridades feitas. O Mercado (aqui e lá fora) espalha que o "Levy vai confiscar a poupança, etc." Não adianta dizer que é mentira e satanizar os adversários (Boff na liderança desta conversa com Deus e o Diabo). Sou ateu, estou fora desta! Mas, haverá tempo para o reencaminhamento das orientações que parecem, agora, corretas? Segunda-feira (16) saberemos.

Juan Arias – El país – Visão externa

Por que o protesto de domingo no Brasil é mais grave que o de 2013

As manifestações preocupam mais desta vez porque o país, em vez de ter melhorado, está pior do que então

- Para “sangrar” PT, PSDB oficializa seu apoio aos protestos anti-Dilma

JUAN ARIAS 12 MAR 2015 - 20:26 BRT

[HTTP://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2015/03/12/OPINION/1426187063_907632.HTML](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/12/opinion/1426187063_907632.html)

- Recomendar no Facebook 1.017
- Twittear 32
- Enviar para LinkedIn 1
- Enviar para Google + 6

As [manifestações de protesto convocadas para domingo](#) no país todo, chamadas de 15/15, não serão as de 2013, quando os brasileiros foram às ruas para exigir um país melhor. Naquela ocasião este jornal se perguntou: “Por que o Brasil e por que agora?”. A resposta foi que diferentemente, por exemplo, do movimento dos indignados da Espanha, que protestavam pelo que

as pessoas estavam perdendo com a crise econômica de 2008, os brasileiros exigiam o que ainda não tinham.

O de 2013 não foi um protesto para exigir uma mudança de governo, nem de regime político. Não ressoou nele o “Fora Dilma”. Exigiam-se dos governantes melhores serviços públicos, melhor qualidade de vida, melhor transporte, melhor saúde e melhores escolas. E menos corrupção política.

“Éramos infelizes e não sabíamos”, dizia uma dos milhares de cartazes criativos daquelas manifestações. Significava que os brasileiros se sentiam conformados com o já conseguido e não tinham tomado total consciência de que, por exemplo, seus serviços públicos ainda eram de terceiro ou quarto mundo, enquanto pagavam impostos de primeiro mundo.

A manifestação de 15/15 (ainda sem saber qual poderá ser sua força) será diferente. Não se pede apenas que as coisas melhorem; [rejeita-se o Governo da recessão, da inflação que corrói os salários](#), de serviços cada dia mais caros, de uma carga tributária que sufoca a cada ano que passa. Não se aguenta mais a corrupção, cada vez maior e mais espalhada. E os participantes vão gritar que saia do comando do Titanic que faz água a equipe atual: o PT e sua comandante, a presidenta Dilma Rousseff.

Hoje, nem Rousseff nem o PT, com muita probabilidade, ganhariam as eleições

O protesto de 15/15 é mais grave que o anterior porque o Brasil, em vez de ter melhorado desde então, impulsionado pelas promessas feitas e não cumpridas, piorou.

É possível alegar que nas últimas eleições a maioria dos votos foi para Rousseff, e que é apenas a minoria que protesta hoje, inconformada com o resultado das urnas. Na verdade, quem toma o pulso da opinião pública pode notar, como revelou a última pesquisa do Datafolha, que [essa maioria mudou](#). Hoje, nem Rousseff nem o PT, com muita probabilidade, venceriam as eleições.

De fato, uma dos motivos que mais irritam a sociedade é ter visto que a então candidata presidencial Dilma Rousseff não contou a verdade. Mostrou um Brasil feliz, pujante e sem crise. Jurou que não haveria cortes nem sacrifícios, menos ainda para os mais necessitados, e acusou seus concorrentes Aécio Neves e Marina

Silva de quererem entregar o país aos banqueiros, que acabariam roubando a comida do prato dos pobres.

E hoje o ministro da Fazenda do novo Governo é [o banqueiro Joaquim Levy](#), formado em uma das escolas mais ortodoxas e liberais dos Estados Unidos. E Rousseff lhe entregou, ainda que relutantemente, a tesoura que havia condenado.

A crise refletida no espelho dos protestos de hoje é de credibilidade. E quando um país perde a confiança em seus governantes e políticos é difícil voltar atrás.

Nada contagia mais que o desencanto, especialmente se esse desencanto mexe no bolso das pessoas, porque se converte inevitavelmente em irritação.

Se os protestos de 2013 foram importantes porque neles o Brasil democrático se reconheceu numa mesma esperança de melhora, o que hoje cabe pedir é que, como então, os brasileiros (até os mais irritados) sejam capazes de se manifestar pacificamente, afastando os violentos e os que pedirem soluções para a crise que não tenham o selo de garantia da democracia.

O filósofo Hegel elaborou a tese de que não se cria uma nova síntese (nesse caso, um Brasil melhor) sem antes ter criado a antítese do que já não funciona.

Foi essa a dinâmica de todas as revoluções da história. Algumas vezes souberam criar uma síntese de maior liberdade e prosperidade, e outras afundaram em sombrios totalitarismos.

Oxalá o 15/15, depois do “não” ao que a população rejeita, saiba dar um “sim” a um futuro de prosperidade e de responsabilidade política, para pôr novamente em marcha o trem descarrilado da economia.

Oxalá esse “sim” e esse “não” os brasileiros saibam dar juntos no domingo, sem violência, sem enfrentamento, sem prejuízos, sem bandeiras de ideologias ultrapassadas e perigosas, unidos numa mesma esperança de construir um país que nossos filhos possam herdar com orgulho, sem se envergonhar.

O Brasil pode e merece.

Que seu povo, que nasce com o gosto pela festa em seu sangue, transforme o protesto de domingo numa comemoração de sonhos com os olhos abertos. O Brasil também é isso.

Feliz 15/15!

Recomendar no Facebook 1.017

Luta de classes não explica déficits de liderança e coordenação política

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA

14 Março 2015 | <http://politica.estadao.com.br/blogs/marco-aurelio-nogueira/luta-de-classes-nao-explica-deficits-de-lideranca-e-coordenacao-politica/>

Convidado de honra nos atos que ontem e anteontem encheram as ruas para defender a Petrobras, o governo Dilma e a reforma política, João Pedro Stedile, principal liderança do MST, esteve com a língua afiadíssima. Mais atacou os adversários do governo do que defendeu Dilma. Contra a Presidente, aliás, foi particularmente duro.

Ontem, no Rio, foi de rara agressividade: “Dona Dilma, se tem coragem, saia do Palácio e vem aqui prá rua para ouvir o que o povo quer de mudança”. Ele acredita que a Presidente deve suspender a política econômica de ajuste porque ela fere direitos trabalhistas e beneficia os bancos. Além do mais, acha que o ministro Joaquim Levy é um “infiltrado” do mercado no governo petista e não deveria continuar. E mandou um recado arrogante e provocador: “Estamos dizendo para a burguesia: não se atrevam a falar em golpe”, pois o MST irá “engraxar as botas para voltar a ocupar as ruas do Brasil”.

Atos em praça pública são momentos de agitação, não de análise ou reflexão. Muitos descontos devem ser dados a Stedile por causa disso. Seus tropeços teóricos e seu entusiasmo político talvez sejam corrigidos em ambientes mais serenos e reflexivos. Mas não deixam de chamar atenção, como exemplo de uma analítica que parece crescer, hoje, nos ambientes governistas e petistas, a complicar um pouco mais o quadro e a dificultar o encaminhamento de soluções democráticas para a crise que está aí.

Na sexta-feira, em Porto Alegre, Stedile foi veemente: “o que temos hoje é só o começo do jogo da luta de classes, porque democracia se faz nas ruas”.

Os governistas estão convencidos de que os problemas do governo Dilma derivam de um aguçamento da luta de classes: são o resultado do reaparecimento da direita na política brasileira, uma espécie de vingança dos ricos e da burguesia contra um governo reformador e popular. Dilma estaria

cercada por inimigos do reformismo social, gente que se moveria por ódio e ressentimento, instigada por uma mídia categoricamente golpista. Nada escapa deste quadro: qualquer crítica ou manifestação, qualquer atitude ou palavra que não se submeta ao manual de procedimentos do governo teriam de ser sumariamente desconsideradas e combatidas como materialização de um “terceiro turno” antidemocrático.

Como marxista que é, Stedile deveria saber que o “jogo da luta de classes” não tem começo e fim: é parte da estrutura da vida e da história. Pode ter picos de aquecimento e outros de arrefecimento, mas está sempre ativado. Os bons partidos e os bons políticos trabalham para traduzir a luta de classes — os conflitos sociais, as contradições, as tensões — em matéria-prima e combustível para transformações substantivas na vida, no Estado, na política, na economia. Não podem ser indiferentes a este jogo, mas também não devem ser arrastados por ele nem muito menos atuar para produzir rupturas dramáticas, ao menos enquanto não houver a devida correlação favorável de forças.

Sabem, também, que a democracia se faz nas ruas, mas não somente nelas. A participação das massas é vital e deve ser buscada de forma permanente. As pessoas que foram às ruas para aplaudir o governo ontem valem tanto quanto as que saírem de casa para criticá-lo amanhã. Se fizerem isso de modo pacífico e com senso cívico elevado, todos ganharão.

Marina Silva

Silêncio se faz para ouvir

14 de março de 2015

Marina Silva = <http://marinasilva.org.br/silencio-se-faz-para-ouvir/>

•
•
•
• Imprimir

Muita gente andou falando ou escrevendo a respeito do meu silêncio, alguns até em tom de cobrança ou censura, como se eu estivesse me esquivando da responsabilidade de dar opinião sobre o atual momento da política brasileira.

Como disse Mark Twain, “os boatos a respeito da minha morte estavam um pouco exagerados”. Não andei tão calada assim, basta ver que em minhas páginas na internet tratei das questões mais importantes da vida brasileira, como a crise hídrica, a retomada dos ataques aos direitos indígenas e, é claro, as investigações da corrupção na Petrobrás. Também divulguei, em várias mensagens, minhas observações sobre a disparidade entre a propaganda da presidente reeleita e os atos reais de seu governo, que chamei de [“desmandamentos”](#). Não foi, portanto, um silêncio muito silencioso.

Se me ative às páginas da internet, especialmente nas redes sociais, deixando de lado as entrevistas e artigos na chamada “grande mídia”, é porque preferi não seguir a pauta convencional, onde o bate-boca pós-eleitoral e as versões da guerra partidária continuavam acirrados. Como já disse, a polarização não é apenas uma disputa entre dois lados, é uma cultura, um modelo mental que domina a política e a comunicação, algo difícil de desfazer.

O respeito à democracia nos ensina a dar um prazo inicial a todo governo eleito, para que diga a que veio. Sinto que isso vale também quando o escolhido – ou guiado pelas estrelas – recebe da sociedade a cômoda ou incômoda tarefa de suceder a si mesmo.

Desde 2010 venho alertando para a incompatibilidade entre dois fenômenos políticos contemporâneos, uma contradição que nos empurrava para o abismo onde hoje caímos: de um lado, o avanço social, político, econômico e cultural de uma significativa parcela da sociedade, que se esforça para deixar a passiva posição de espectadora e intenta ser protagonista no desenvolvimento do país; de outro lado, o enorme atraso na política, a lentidão e até o retrocesso na qualidade das instituições e na representação. Repeti incontáveis vezes: o atraso político é a maior ameaça ao que conquistamos a duras penas – Democracia, Estabilidade Econômica e Inclusão Social.

Esse atraso nos fez estacionar em um sistema político que degrada os processos sociais de diversas maneiras, entre as quais destaco três.

Primeiro, afasta os verdadeiros agentes de transformação das dinâmicas econômica e política, retira-os de todos os centros reais de decisão e os coloca no lugar de meros espectadores no processo político. Empresários ou trabalhadores, estudantes ou cientistas, comunidades ou movimentos, todos são “avassalados” ou meramente excluídos, só os políticos profissionais podem participar de uma espécie de república dos operadores.

Segundo, cria uma governança sem qualquer compromisso com a execução de um programa, compondo o governo e configurando sua base de sustentação no Congresso através do loteamento de pedaços gerenciais e financeiros do Estado. A gestão dos assuntos públicos é entregue a uma teia de esquemas que atravessa instituições e órgãos públicos, empresas e bancadas parlamentares, um amontoado de nichos e feudos onde se faz qualquer negócio em qualquer setor: saúde, educação, segurança e especialmente as grandes obras, tudo vira objeto de troca. A ocupação dos cargos obedece a duas modalidades, com ou sem “porteira”, seja fixa ou giratória, como dizem os que participam das negociações.

Terceiro, assenta-se numa lógica partidária que abandona o debate em torno de idéias e programas pelo embate para ganhar ou manter o poder. E esclareço: trata-se do poder pelo poder, que independe daquilo que se faz, se pensa ou se diz, pois todas as idéias se reduzem a peças de marketing e toda ação tem sentido tático de destruir adversários numa disputa que não tem fim nem finalidade para o que de fato importa, os reais interesses do país.

Esse sistema se reproduz e se protege. Basta ver as sucessivas “reformas” políticas, arrumações nas leis eleitorais ou regras para impedir a criação de novas formas de organização e participação política. A cada ano criam-se e aperfeiçoam-se mecanismos para manter o domínio das oligarquias, a hegemonia dos grandes partidos e o financiamento de suas campanhas.

Por tudo isso é que falei em 2010 e repeti em 2014, ao lado de Eduardo Campos: é imprescindível e urgente um realinhamento político, com base em uma agenda estratégica que dê conta dos principais desafios do país, capaz de manter e institucionalizar conquistas, corrigir erros e assumir os novos e grandes desafios desse século.

Propus que esse realinhamento aposentasse a Velha República, que permaneceu incrustada no Estado brasileiro mesmo nos governos do PSDB e do PT, dificultando os avanços que estes promoveram – sempre reconheci – nas áreas econômica e social. Para sustentarem-se nessa Velha República, como já disse FHC, esses novos partidos da democracia brasileira disputaram o posto de líderes do atraso.

Só uma República renovada seria capaz de juntar os fundamentos dos avanços já obtidos, o processo democrático, o tripé da estabilidade macroeconômica e os programas de inclusão social e acrescentar a eles um novo objetivo inadiável, a sustentabilidade socioambiental. Assim, através de um Novo Pacto, o Brasil evitaria o retrocesso e a perda de suas conquistas, superaria o atraso político e atualizaria seu ambiente institucional para enfrentar as crises e rigores deste tempo em que o mundo é sacudido pelas mudanças climáticas e pela crise econômica e social, uma verdadeira crise da civilização.

Não foi por acaso que busquei Eduardo Campos quando o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) negou registro à Rede Sustentabilidade. Éramos duas figuras que, até aquela época, em função das posturas políticas que tínhamos e de nossas trajetórias de vida, nos imaginávamos como pontes entre os legados do PSDB e do PT, até mesmo pela atitude de respeito que sempre cultivamos por seus líderes maiores, Lula e FHC.

Não foi por acaso que propusemos um programa para a grave crise que já se alastrava, falando das medidas duras a serem tomadas, mostrando a verdade da crise econômica, política e social, mesmo correndo o risco de sermos atacados com virulência, como ocorreu, sobretudo comigo, após a trágica morte de Eduardo.

Não foi apenas o marketing selvagem, amplificado pelas técnicas do boato e da calúnia em cada cidade ou vila do país, operando uma destruição na “imagem” de um adversário político. Foi uma contração de todo o sistema político, incluindo suas ramificações nos meios de comunicação e organizações da sociedade, na tentativa de trancar do lado de fora qualquer novo projeto de identidade política para o Brasil, qualquer proposta de mudança e de futuro que não fosse a mera repetição do que já existe.

Nada de realinhamento das forças políticas para fazer a transição e aposentar a Velha República. Nada de manter as conquistas, corrigir os erros e encarar os novos desafios. Nada de nova governança baseada em um programa de governo e agenda estratégica, nada dessa história de reunir os melhores de todos os partidos. Nada de fim da reeleição, pela qual os mandatários se dedicam mais a conseguir outro mandato do que servir ao país. O sistema desconhece e joga fora a possibilidade de evolução e quer continuar sendo assim como é, uma máquina de vencer eleições, uma couraça, uma repetição neurótica de palavras vazias, um embate de “nós” contra “eles”, uma reafirmação de quem manda.

Qual o resultado de uma campanha assim? O que acontece com quem “ganha” dessa forma? E o que acontece com os eleitores, a sociedade, o país?

Estamos, agora, diante das respostas. O agravamento de todos os sintomas da crise já é visível. A insatisfação da população vai da desesperança ao desespero. A mudança na equipe econômica parece ser insuficiente para dar ao governo a credibilidade necessária à condução da economia. A imagem da situação social é a dos tanques na rua, na Favela da Maré. A enchente gigantesca no Norte e a seca rigorosa no Sudeste denunciam a irresponsabilidade com a agenda ambiental e a falta de planejamento na produção de energia e no saneamento. E a corrupção revela-se generalizada como um câncer que se espalhou por todos os órgãos. Quantos minutos na televisão serão necessários para fazer as pessoas voltarem a acreditar no mundo cor-de-rosa que os “pessimistas” queriam destruir?

Muita gente vai para as ruas protestar. Há uma campanha pedindo o impeachment da presidente que foi eleita há poucos meses. Compreendo a indignação e a revolta, mas não acredito que essa seja a solução. Talvez o resultado não seja o pretendido retorno à ordem, mas um aprofundamento do caos. Quando o Congresso depôs Fernando Collor, assumiu o vice-presidente Itamar Franco, que formou um governo aglutinando várias forças políticas incluindo a parcela do PT que acompanhou Luíza Erundina. Em sua gestão, que tinha FHC como Ministro da Fazenda, começou o Plano Real e a hiperinflação foi finalmente debelada. Mas hoje quem domina as instituições são as parcelas do PMDB mais envolvidas com as práticas e métodos que estão na gênese da crise.

As principais lideranças políticas de todos os partidos têm agido com cautela e senso de responsabilidade com o país. O PT, é claro, quer salvar o governo. Em parte da oposição predomina a lógica partidária e o desejo de “sangrar” o governo e enfraquecê-lo para as próximas eleições. Mas há os que compreendem a gravidade de uma crise institucional, os riscos de aventuras autoritárias – de esquerda ou de direita –, a quebra da economia, a violência descontrolada, enfim, um cenário totalmente indesejável. O governo é ruim, mas temos a responsabilidade de manter não a ele, mas a democracia.

O impeachment seria uma punição ao PT, sem dúvida. Uma resposta no mesmo padrão criado pelo partido quando estava na oposição: gritar “fora” a qualquer governo (Sarney, Collor, Itamar, FHC e incontáveis governos estaduais), com ou sem provas de corrupção, pela simples avaliação ideológica de que eram governos impopulares ou contrários aos interesses dos trabalhadores. Talvez até uma parcela dos que votaram em Dilma em outubro ou até mesmo que fizeram parte dos núcleos ocultos de sua campanha estejam agora alimentando a idéia de afastá-la para ganhar o poder por outros meios. Por isso, é bom lembrar que, às vezes, a maior punição àqueles que ultrapassam limites éticos para alcançar seus objetivos não seja interditar-lhes o objeto almejado, mas retirar-lhes as regalias e deixá-los com a responsabilidade de dar conta do que prometeram.

Essa é uma questão que será decidida no coração do povo, num nível profundo em que a tosca propaganda e os gritos de guerra da direita e da esquerda não penetram. Só os que fazem silêncio e ficam atentos conseguem ouvir o que diz esse coração.

A questão política é: existe alguma possibilidade de navegar na crise estabelecendo, na prática, uma nova governança no país? Creio que é muito difícil. Mas talvez seja possível estabelecer alguns pontos de contato entre os agentes reais dos processos políticos, econômicos e sociais, com base na dura realidade dos fatos. A percepção de que estamos à beira de um abismo que chama outros abismos, como bem adverte o ensinamento bíblico, nos remete à responsabilidade de abrir novos caminhos e maneiras de caminhar. Afinal, se todos estamos no mesmo barco de um país em profunda crise, devemos estabelecer diálogos e projetos comuns em que governos estaduais e municipais, organizações da sociedade, cientistas, empresários, movimentos sociais, comunidades, todos se sintam dispostos a contribuir até que se consiga alcançar um realinhamento político que dê novas bases de sustentação ao país.

Se não é possível ter uma agenda governamental, podemos ter acordos setoriais e regionais em diversos temas. Mais uma vez, escolho os que me parecem centrais.

Primeiro, seria necessário ter sério compromisso com a transição para uma economia de baixo carbono. Mas é possível começar com as urgências da crise ambiental que já mostra seu potencial de destruir a economia urbana ou rural. Não adianta reconstruir a casa da mesma forma e no mesmo lugar em que foi derrubada pela chuva. Agricultura, indústria, obras de infra-estrutura, todos já estão ameaçados pela crise. Eis a oportunidade de mudar os métodos de produção e consumo. Os planos de contingência e os comitês de gestão da crise hídrica já seriam um bom começo.

Segundo, aperfeiçoar os programas e mecanismos de inclusão social. Programas de transferência de renda não podem ser tratados como política de um governo ou um favor que será cobrado a cada eleição. É necessário institucionalizar, colocar na lei: toda

família em situação de extrema pobreza tem o direito de recorrer ao Estado e receber ajuda enquanto for necessário. Cabe ao Estado providenciar meios, como financiamento e formação técnica, para que ocorra uma inclusão produtiva, ou seja, a pobreza seja superada com educação e trabalho.

Terceiro, recuperação dos fundamentos macro e microeconômicos em um ciclo estrutural e não puramente eleitoral. Aqui, a sociedade e os governos locais podem fazer algo, mas é responsabilidade do governo federal recuperar a credibilidade do país e o ambiente para o investimento produtivo.

Mas o mais urgente, o sinal mais claro de um enfrentamento direto da crise é o combate à corrupção, que hoje está espalhada em todos os níveis da economia e da política. É preciso manter uma opinião pública exigente e capaz de apoiar a autonomia dos órgãos de investigação, justiça, fiscalização e controle. A liberdade de imprensa é condição essencial e deve ser defendida sem hesitação.

Não podemos ser tolerantes com “acordos de leniência” que livrem corruptos ou corruptores de suas responsabilidades a pretexto de proteger as empresas. O Estado deve apenas dar condições legais para que os setores da economia afetados pela corrupção se reestruturem. Empresas podem fechar ou se reinventarem, as leis é que não podem ser mudadas para salvar a pele de quem quer que seja. Num mercado aberto, não se exige apenas “menor preço” para contratar uma obra, mas também a concorrência leal, com regras para proteger o interesse público, o meio ambiente e a população, com mecanismos de controle e total transparência.

Na área ambiental, o Ministério Público tem estabelecido, em diversas ocasiões, os Termos de Ajustamento de Conduta, que estabelecem prazos e metas, procedimentos e regras, começando pela imediata interrupção das práticas danosas. Esse é o enfoque correto para manter as obras e serviços, mas limpando a sujeira e desarmando os esquemas de corrupção.

Quem pode levar adiante acordos e pactos em torno dessas diretrizes? Creio que cada um tem uma parcela de poder e governabilidade. Tenho visto, em todo o Brasil, exemplos

emocionantes de iniciativas de pessoas, comunidades, movimentos sociais, organizações civis, prefeituras e governos estaduais e também em alguns órgãos do governo federal. Não existe só corrupção e maldade no mundo, temos que manter a esperança.

Enfim, tenho muitas dúvidas e algumas propostas. Não me iludo, sei que estamos ainda no início dos problemas e o mais provável é que a situação do país se agrave nos próximos meses. Mas insisto que devemos ter uma agenda que possa gerar novos compromissos, uma posição – sem alinhamento automático com governos ou oposições – a favor do Brasil. Política é serviço e devemos contribuir para que tudo melhore.

A melhor energia para essa melhora é e sempre será a manifestação da sociedade, pacífica mas indignada, contra tudo que ameaça a honra de seu passado, a dignidade de seu presente e a esperança de seu futuro. Das ruas vem sempre o alerta: acima dos interesses dos partidos e grupos que almejam o poder estão os interesses do país e os que querem sinceramente servi-lo não devem desperdiçar a oportunidade de mudar, antes de serem por elas mudados.

Fernando Gabeira –

Domingo é dia

• *Queria ver o espanto do PT quando descobrir que o problema não o choque ricos x pobres*

- O Estado de S. Paulo

Se em três meses de governo Dilma já enfrenta uma crise de credibilidade, com vaias e panelaços, o que imaginar para quatro anos de governo? Em outras palavras: é possível perguntar pela saída num túnel tão longo e agitado?

Se fosse cirurgião político e a crise fosse um corpo humano, minha proposta seria desconectar alguns nervos que entrelaçam economia e política. Isso é quase impossível. Mas não deixa de ser a tarefa

correta. Se a crise política continuar interferindo na frágil situação econômica, será mais longo o caminho da retomada, todos sofreremos mais.

O cenário ideal seria aquele em que o Congresso Nacional discutisse as medidas econômicas de manhã e, ao longo do dia e da noite, quebrasse o pau em torno da política, sobretudo da corrupção. Esse idealismo esbarra em obstáculos intransponíveis, como a divergência entre quem manda no Congresso e quem manda no governo.

Na discussão econômica, não seriam escamoteadas as questões políticas. Estamos cortando os gastos de forma adequada? Quais são as correções necessárias no movimento da tesoura?

Quem apenas torce pela recuperação econômica tem medo de que as teses do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, sejam contestadas e prefere não apontar correções. Mas elas podem enriquecer o estreito caminho.

Os cortes terão de ser feitos por um governo de esquerda, é o que temos no momento. Na Grécia, a esquerda chegou ao poder com um projeto de rever o plano de austeridade. Aqui, ela ainda precisa reverter a ganância. É uma etapa anterior, para a qual está pouco preparada.

Mesmo se conseguirmos isolar, parcialmente, a economia, é impossível acreditar que Dilma iria muito longe. O desgaste cotidiano, acabará reduzindo seu horizonte.

A conjugação das crises política, econômica e social é uma das mais sérias que conheci nos últimos anos. Dilma acha que não, que estamos exagerando.

Ela afirma que o aumento no preço da energia se deve à seca e omite seus equívocos. Ela diz que a Petrobrás foi assaltada, mas não consegue vislumbrar, pelo menos no seu discurso, como se produziu esse assalto.

Dilma não reconhece as mentiras da campanha. E acredita que as pessoas vão esquecer-se delas com um pouco de manipulação marqueteira.

O PT não reconhece o direito legítimo de protestar contra o governo. Prefere atacar os que protestam: são ricos, são da classe média, burgueses manipulados pela imprensa golpista.

A tática da negação e do confronto alimenta os protestos. É possível que alguém deles saiba disso. Saber alguma coisa dentro do PT é extremamente perigoso. Seguir a cartilha é mais seguro.

Nesse quadro, não vejo outro caminho a não ser uma crise prolongada. Sem capacidade de autocrítica e conciliação, Dilma marcha para uma rejeição mais ampla nas pesquisas.

A manifestação de domingo, com o tema "Fora Dilma", é uma tentativa de desatar um dos grandes nós da crise: a incapacidade da presidente mais despreparada do período democrático para liderar o processo mais difícil que o Brasil enfrentou nesses 30 anos.

Os teóricos do PT afirmam que a saída de Dilma é um golpe, pois foi eleita para governar até 2018. Nem toda saída é um golpe. Collor, com a ajuda do próprio PT, sofreu impeachment. No período anterior à democratização, Jânio simplesmente renunciou.

Os tucanos rejeitam a tese do impeachment. Não gostam de conflito. Nem os previstos na lei. Argumentam que a sustentação política do

governo sofreu um colapso. E mencionam vagamente uma abertura para a sociedade.

Impeachment e renúncia são diferentes de golpe. Intelectuais ligados ao governo têm falado de um ódio contra o PT. De fato, os ânimos se exaltaram. Fala-se de um ódio contra o PT, como se o partido fosse de anjos imaculados. Ninguém analisa o comportamento dos seus quadros no governo ou tenta entender as causas da rejeição.

Segundo alguns deles, o ódio dos ricos existe porque os pobres consomem mais, vão às universidades e viajam de avião. Em outras palavras, a razão do ódio é a nossa virtude solidária.

O máximo que conseguem é isto: circunscrever o processo à oposição ricos e pobres. Se os ricos estão protestando, os pobres deveriam celebrar.

As lentes da ideologia queimam muitos neurônios. Eles supõem que os pobres são ressentidos e darão razão a qualquer governo ao qual os ricos se oponham.

São incapazes de reconhecer a importância do ajuste econômico e apresentar, dentro dele, um viés que realmente atenuie o impacto negativo nos setores menos favorecidos. Um programa de cortes teria mais credibilidade se envolvesse alguns gastos do governo, passando pela publicidade, pelas viagens irracionais, pela demissão em massa dos companheiros agregados à máquina do Estado.

Dilma não tem condições de enfrentar a crise. Os intelectuais perderam-se na defesa do governo, foram atropelados, como tantos na História, pelo fascínio da chapa branca.

Não há dentro do PT a energia suficiente para pensar uma saída. Apenas reflexos defensivos, baseados nos instintos mais básicos da esquerda autoritária. Essa estrutura mental, que projeta nos outros a

causa do próprio fracasso, é um dos pontos que me deixam pessimista em torno de um diálogo quando a crise for sentida como insuportável.

O PT acredita que está sofrendo uma conspiração dos ricos e da classe média. Mas poucos movimentos na História fizeram tantos líderes ricos e elevaram tantos militantes à classe média.

O problema do momento não é o choque de ricos contra pobres. Gostaria de ver seu espanto quando descobrirem isso. Ou, pelo menos, constatarem que existem milhões de ricos no Brasil.

Domingo ainda não vai revelar tudo. Mas será uma espécie de passagem de ano, um réveillon político de 2015.

CEBOLAS & ALGEMAS

14 de março de 2015

Marcos Rolim

Em um regime democrático, as pessoas exercitam o direito de pressionar os agentes públicos em favor de mudanças.

A ordem democrática, por isso, nada tem a ver com a unanimidade ou com o silêncio. Trata-se de uma ordem especial, capaz de equilibrar-se no dissenso e cuja trilha sonora é, necessariamente, uma algaravia. Não se sabe o que será o domingo, dia de manifestações de protesto contra o governo. Imagino que elas serão expressivas – menos do que as jornadas de junho de 2013, mas, ainda assim, impactantes. O sentido político delas será, provavelmente, a reivindicação pelo impeachment. Diante desta tendência, PT e governo agem para minimizar os protestos, tidos como “GOLPISTAS”.

O discurso me lembra passagem de Hannah Arendt quando ela usa a imagem da cebola para descrever as interações nos partidos em regimes totalitários. Os militantes que se dedicavam integralmente às atividades partidárias, sem vida pessoal ou profissional autônomas, só se relacionavam com outros militantes situados nas “camadas” adjacentes – acima e abaixo. Um tipo de relação que

distorce a percepção, isolando os sujeitos da realidade vivida pelos demais, que estão fora da “cebola”. Entendo que os protestos são sintomas muito mais significativos do uso que deles fará a oposição (falar “direita” seria equivocado, porque parte importante dela está no Poder). Eles ultrapassam as camadas médias e sinalizam exaustão com o cinismo, a incompetência, a corrupção e a arrogância. Os protestos de rua preenchem, de forma confusa, o vazio da política e a ausência de rumos que caracteriza um governo ainda mais confuso.

Penso que a maioria dos parlamentares brasileiros também vive em uma cebola. Quem tiver dúvidas, acompanhe a CPI da Petrobrás. Vários dos seus integrantes tiveram campanhas financiadas por empreiteiras investigadas na Lava-Jato. Então decidiram NÃO convocar os donos das empreiteiras. Faz sentido. Esta semana, com algumas exceções, os deputados aplaudiram o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, outro dos que serão investigados pela Polícia Federal. Do PT ao PSDB, Cunha foi saudado como verdadeiro condottiere ou, em metáfora que ele próprio gostaria, um Moisés no deserto. Seria cômico, não fosse outro atestado de que nosso sistema político consagra o vício e pune a virtude. É provável que, desta vez, tenhamos uma ampla reforma política e penso que ela surgirá fora do Parlamento.

A novidade é que a reforma virá com algemas. É preciso estar FORA da cebola para entender a importância disso.

Extrema-direita avança com ódio aos direitos humanos, diz filósofo

RENATO JANINE RIBEIRO

14 Março 2015 | <http://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda>
direita no Brasil adotou uma agenda voltada para a área de costumes, com “ódio cabal aos direitos humanos”. Em palestra em São Paulo, ele disse que o risco no atual cenário político é a contaminação da direita liberal pela extrema-direita

Em palestra proferida em São Paulo, o filósofo Renato Janine Ribeiro, professor da cadeira de Ética e Filosofia Política da USP, afirmou que os grupos políticos de extrema-direita no Brasil estão voltando suas atenções sobretudo para a área de costumes – o que envolve as questões de gênero e os direitos de minorias, como os homossexuais. “O que distingue a extrema-direita hoje no Brasil é

quase que mais uma agenda de costumes do que uma agenda política”, afirmou. “A extrema-direita está se distinguindo do restante por um ódio cabal aos direitos humanos.”

Antes de falar sobre a forma como a extrema-direita age, o professor observou que no Brasil ainda existem preconceitos fortes em relação a expressões como direita e esquerda e que isso torna o diálogo político mais difícil. Ao definir os dois grupos do ponto de vista da ideologia, disse que a direita defende uma sociedade mais competitiva, com pouca interferência do Estado; e que a esquerda quer programas sociais mais intensos, com maior presença do Estado.

Para a esquerda a questão básica seria a redução das desigualdades. Para a direita, a liberdade, sobretudo a liberdade de empreender. O ideal, do ponto de vista político, seria conseguir um “diálogo bem falante” entre direita e esquerda.

O diálogo não é possível, porém, com grupos extremistas. Enquanto a direita e a esquerda são democráticas, defensoras da liberdade e dos direitos humanos, a extrema-direita e a extrema-esquerda são contrárias a esses princípios, observou o palestrante.

Ao se referir ao quadro partidário e ao Congresso, disse que não existem evidências de ação de grupos de extrema-esquerda no atual momento político. A extrema-direita, no entanto, estaria presente em vários partidos, destacando-se com ataques à liberdade de costumes.

“Atacam o homossexual, a igualdade de gênero, os direitos das mulheres, e por aí. Tudo isso tem um alcance muito grande no Brasil”, assinalou.

Ao atacarem condutas diferentes, os grupos políticos de extrema-direita estariam ganhando o apoio e se articulando com correntes políticas evangélicas, sobretudo neopentecostais. “Isso está criando uma situação potencialmente perigosa”, afirmou. “Na Câmara, um deputado está propondo uma PEC na qual se diz que todo poder não emana do povo, mas de Deus. Não vai passar, mas é um sinal da loucura que está por aí.”

Ainda sobre os riscos potenciais da ação da extrema-direita, Janine observou: “O perigoso no Brasil, de certa forma, é a extrema-direita ir se aproximando da direita e contaminando, a ponto de seu apoio se tornar essencial.”

O cenário é delicado, segundo o filósofo. “A extrema-direita quer aumentar o seu cacife, mas a direita não vê as coisas dessa maneira. Para ela interessa uma extrema-direita radical, que não

conhece limites, mas que não se torne hegemônica. Esse é um ponto delicado. A extrema-direita se tornará hegemônica se começar a conquistar gente da oposição, se a oposição começar a achar que o discurso brutal é correto.”

Sobre essa questão ele também disse: “Estamos tendo no Brasil uma tolerância, que é grande, com condutas antidemocráticas que deveriam ser tipificadas como criminosas... Pregar a volta dos militares deveria ser crime, deveria levar a pessoa para a cadeia. Vários países da Europa criminalizaram a pregação nazista. Nós – que tivemos uma ditadura militar – deveríamos criminalizar a pregação da ditadura.”

Na palestra que se estendeu por quase duas horas, com perguntas dos convidados, Ribeiro fez críticas à ação do PSDB e do PT e falou de políticas sociais do governo, impeachment, corrupção e insatisfações da classe média, entre outros assuntos. O encontro aconteceu na terça-feira, 10, e foi organizado pelo Quintal Amendola – uma organização que se apresenta como “espaço para discussão, debate e aprendizado”.

[/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-diz-filosofo/](#)

Na avaliação do filósofo Renato Janine Ribeiro, da USP, a extrema-

A marcha dos insensatos e a sua primeira vítima (II)

Mauro Santayana/Jornal do Brasil

Muitos brasileiros também vão sair às ruas, no domingo, por acreditar - assim como fazem com relação à afirmação de que o PT quebrou o país - que o governo Dilma é comunista e que ele quer implantar uma ditadura esquerdista no Brasil.

Quais são os pressupostos e características de um país democrático, ao menos do ponto de vista de quem acredita e defende o capitalismo?

a) A liberdade de expressão - o que não é verdade para a maioria dos países ocidentais, dominados por grandes grupos de mídia pertencentes a meia dúzia de famílias;

- b) A liberdade de empreender, ou de *livre iniciativa*, por meio da qual um indivíduo qualquer pode abrir ou encerrar uma empresa de qualquer tipo, quando quiser;
- c) A liberdade de investimento, inclusive para capitais estrangeiros;
- d) Um sistema financeiro particular independente e forte;
- e) Apoio do governo à atividade comercial e produtiva;
- f) a independência dos poderes;
- g) um sistema que permita a participação da população no processo político, na expressão da vontade da maioria, por meio de eleições livres e periódicas, para a escolha, a intervalos regulares e definidos, de representantes para o Executivo e o Legislativo, nos municípios, estados e União.

Todas essas premissas e direitos estão presentes e vigentes no Brasil.

>> A marcha dos insensatos e a sua primeira vítima (I)

Não é o fato de ter como símbolo uma estrela solitária ou vestir uma roupa vermelha - hábito que deveria ter sido abandonado pelo PT há muito tempo, justamente para não justificar o discurso adversário - que transformam alguém em comunista - e aí estão botafoguenses e colorados que não me deixam mentir, assim como o Papai Noel, que se saísse inadvertidamente às ruas, no domingo, provavelmente seria espancado brutalmente, depois de ter o conteúdo do seu saco revisado e provavelmente “apreendido” à procura de dinheiro de corrupção.

Da mesma forma que usar uma bandeira do Brasil não transforma, automaticamente, ninguém em patriota, como mostra a foto do Rocco Ritchie, o filho da Madonna, no *Instagram*, e os pavilhões nacionais pendurados na entrada do prédio da Bolsa de Nova Iorque, quando da venda de ações de empresas estratégicas brasileiras, na época da privatária.

Prefiro um brasileiro vestido de vermelho, mesmo que seja flamenguista ou são-paulino, do que um que vai para a rua, vestido

de verde e amarelo, para defender a privatização e a entrega, para os EUA, de empresas como a Petrobras.

O PT é um partido tão comunista, que o lucro dos bancos, que foi de aproximadamente 40 bilhões de dólares no governo Fernando Henrique Cardoso, aumentou para 280 bilhões de dólares nos oito anos do governo Lula.

É claro que isso ocorreu também por causa do crescimento da economia, que foi de mais de 400% nos últimos 12 anos, mas só o fato de não aumentar a taxa sobre os ganhos dos mais ricos e dos bancos - que, aliás, teria pouquíssima chance de passar no Congresso Nacional - já mostra como é exagerado o medo que alguns sentem do “marxismo” do Partido dos Trabalhadores.

O PT é um partido tão comunista, que grandes bancos privados deram mais dinheiro para a campanha de Dilma e do PT do que para os seus adversários nas eleições de 2014.

Será que os maiores bancos do país teriam feito isso, se dessem ouvidos aos radicais que povoam a internet, que juram, de pés juntos, que Dilma era assaltante de banco na década de 1970, ou se desconfiassem que ela é uma perigosa terrorista, que está em vias de dar um golpe comunista no Brasil ?

O PT é um partido tão comunista que nenhum governo apoiou, como ele, o capitalismo e a livre iniciativa em nosso país.

Foi o governo do PT que criou o Construcard, que já emprestou mais de 20 bilhões de reais em financiamento, para compra de material de construção, beneficiando milhares de famílias e trabalhadores como pedreiros, pintores, construtores; que criou o Cartão BNDES, que atende, com juros subsidiados, milhares de pequenas e médias empresas e quase um milhão de empreendedores; que aumentou, por mais de quatro, a disponibilidade de financiamento para crédito imobiliário - no governo FHC foram financiados 1,5 milhão de unidades, nos do PT mais de 7 milhões - e o crédito para o agronegócio (no último Plano Safra de Fernando Henrique, em 2002, foram aplicados 21 bilhões

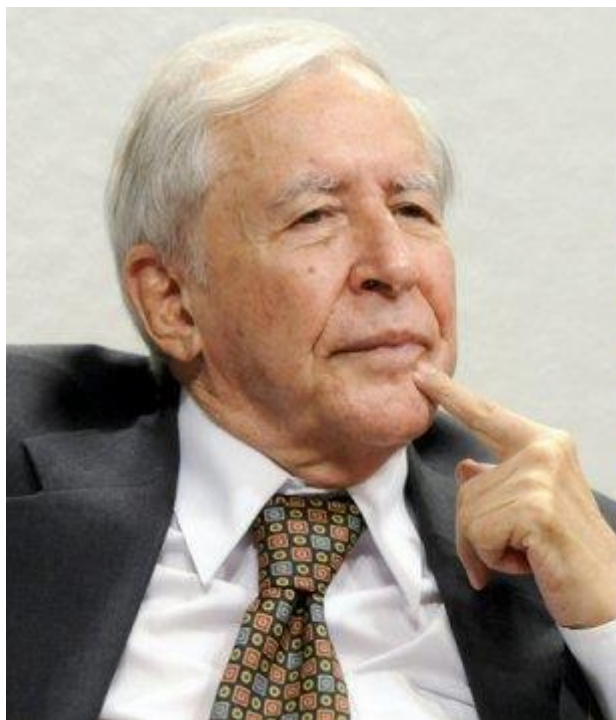
de reais, em 2014/2015, 180 bilhões de reais, 700% a mais) e a agricultura familiar (só o governo Dilma financiou mais de 50 bilhões de reais contra 12 bilhões dos oito anos de FHC).

Aumentando a relação crédito-PIB, que era de 23%, em dezembro de 2002, para 55%, em dezembro de 2014, gerando renda e empregos e fazendo o dinheiro circular.

As pessoas reclamam, na internet, porque o governo federal financiou, por meio do BNDES, empresas brasileiras como a Braskem, a Vale e a JBS.

Mas, estranhamente, não fazem a mesma coisa para protestar pelo fato do governo do PT, altamente “comunista”, ter emprestado - equivocadamente a nosso ver - bilhões de reais para multinacionais estrangeiras, como a Fiat e a Telefónica (Vivo), ao mesmo tempo em que centenas de milhões de euros, seguem para a Europa, como andorinhas, todos os anos, em remessa de lucro, para nunca mais voltar.

**SANTAYANA: GOVERNO DO PT NÃO ESTÁ
QUEBRANDO O PAÍS**



O jornalista Mauro Santayana faz um alerta aos brasileiros que se preparam para protestar neste domingo, 15, contra a atual situação do Brasil; "Se antes de ficar repetindo os mesmos comentários dos portais, procurassem fontes internacionais em que o mercado financeiro normalmente confia para tomar suas decisões, como o FMI e o Banco Mundial, veriam que a história é bem diferente, que o PIB e a renda per capita caíram, e a dívida pública líquida praticamente dobrou, foi no governo FHC", afirma; Santayana mostra dados oficiais que retratam como era o Brasil em 1994, 2002 e atualmente em relação ao PIB, renda per capita, salário mínimo, investimento estrangeiro direto, reservas internacionais, dívida pública e valorização cambial; "Não dá para acreditar que os que bateram panelas contra Dilma em suas varandas acreditem mais nos boatos das redes sociais, do que no FMI e no Banco Mundial, organizações que podem ser taxadas de tudo, menos de terem sido "aparelhadas" pelo governo brasileiro e seus seguidores", diz

13 DE MARÇO DE 2015 ÀS 19:51

Por Mauro Santayana – www.maurosantayana.com

Segundo os chamamentos que estão sendo feitos nesse momento, no WhatsApp e nas redes sociais, pessoas irão sair às ruas, no domingo, porque acusam o governo de ser corrupto e comunista e de estar quebrando o país.

Se estes [brasileiros](#), antes de ficar repetindo sempre os mesmos comentários dos portais e redes sociais, procurassem fontes internacionais em que o mercado financeiro normalmente confia para tomar suas decisões, como o FMI - Fundo Monetário Internacional - e o Banco Mundial, veriam que a história é bem diferente, e que o PIB e a renda per capita caíram, e a dívida pública líquida praticamente dobrou, foi no governo Fernando Henrique Cardoso.

Segundo o Banco Mundial ([veja aqui](#)), o PIB do [Brasil](#), que era de 534 bilhões de dólares, em 1994, caiu para 504 bilhões de dólares, quando Fernando Henrique Cardoso deixou o governo, oito anos depois.

Para subir, extraordinariamente, destes 504 bilhões de dólares, em 2002, para 2 trilhões, 300 bilhões de dólares, em 2013, último dado oficial levantado pelo Banco Mundial, crescendo mais de 400% em dólares, em apenas 11 anos, depois que o PT chegou ao poder.

E isso, apesar de o senhor Fernando Henrique Cardoso ter vendido mais de 100 bilhões de dólares em empresas [brasileiras](#), muitas delas estratégicas, como a Telebras, a Vale do Rio Doce e parte da Petrobras, com financiamento do BNDES e uso de “moedas podres”, com o pretexto de sanear as finanças e aumentar o crescimento do país.

Com a renda per capita ocorreu a mesma coisa. No lugar de crescer em oito anos, a renda per capita da população [brasileira](#), também segundo o [Banco Mundial](#) - caiu de 3.426 dólares, em 1994, no início do governo, para 2.810 dólares, no último ano do governo Fernando Henrique Cardoso, em 2002.

E aumentou, também, em mais de 400%, de 2.810 dólares, para 11.208 dólares, depois que o PT chegou ao poder, também segundo o *World Bank*.

O salário mínimo, que em 1994, no final do governo Itamar Franco, valia 108 dólares, caiu 23%, para 81 dólares, no final do governo FHC e aumentou em três vezes, para mais de 250 dólares, hoje, também depois que o PT chegou ao poder.

As reservas monetárias internacionais - o dinheiro que o país possui em moeda forte - que eram de 31,746 bilhões de dólares, no final do governo Itamar Franco, cresceram em apenas algumas centenas de milhões de dólares por ano, para 37.832 bilhões de dólares ([aqui](#)) nos oito anos do governo FHC.

Nessa época, elas eram de fato negativas, já que o Brasil, para chegar a esse montante, teve que fazer uma dívida de 40 bilhões de dólares com o FMI.

Depois, elas se multiplicaram para 358,816 bilhões de dólares em 2013, e para 369,803 bilhões de dólares, em dados de ontem, transformando o Brasil de devedor em credor ([aqui](#)), depois do pagamento da dívida com o FMI em 2005, e de emprestarmos dinheiro para a instituição, quando do pacote de ajuda à Grécia em 2008.

E, também, no quarto maior credor individual externo dos EUA, segundo consta, para quem quiser conferir, do próprio [site oficial](#) do tesouro norte-americano.

O IED - Investimento Estrangeiro Direto, que foi de 16,590 bilhões de dólares, em 2002, no último ano do Governo Fernando Henrique Cardoso, também subiu mais de quase 400%, para 80,842 bilhões de dólares, em 2013, depois que o PT chegou ao poder, ainda segundo dados do [Banco Mundial](#): passando de aproximadamente 175 bilhões de dólares nos anos FHC (mais ou menos 100 bilhões em venda de empresas nacionais) para 440 bilhões de dólares depois que o PT chegou ao poder.

A dívida pública líquida (o que o país deve, fora o que tem guardado no banco), que, apesar das privatizações, dobrou no Governo Fernando Henrique, para quase 60%, caiu para 35%, agora, 11 anos depois do PT chegar ao poder.

E, ao contrário do que muita gente pensa, o Brasil ocupa, hoje, apenas o quinquagésimo lugar do mundo, em dívida pública, em situação muito melhor do que os EUA, o Japão, a Zona do Euro, ou países como a Alemanha, a França, a Grã Bretanha - cujos jornais adoram ficar nos ditando regras e “conselhos” - ou o [Canadá](#).

Também ao contrário do que muita gente pensa, a carga tributária no Brasil caiu ligeiramente, segundo Banco Mundial, de 2002, no final do governo FHC, para o último dado disponível, de dez anos depois ([aqui](#)), e não está entre a primeiras do mundo, assim como a dívida externa, que caiu mais de 10 pontos percentuais nos últimos dez anos, e é a segunda mais baixa, depois da China, entre os países do [G20](#).

Quanto à questão fiscal, não custa nada lembrar que a média de déficit público, sem desvalorização cambial, dos anos FHC, foi de 5,53%, e com desvalorização cambial, de 6,59%, bem maior que os 3,13% da média dos anos que se seguiram à sua saída do poder; e que o superavit primário entre 1995 e 2002 foi de 1,5%, muito menor que os 2,98% da média de 2003 e 2013 - segundo Ipeadata e o Banco Central - nos governos do PT.

Considerando-se estas informações, que estão, há muito tempo, publicamente disponíveis na internet, o grande mistério da

economia brasileira, nos últimos 12 anos, é saber em que dados tantos jornalistas, economistas, e “analistas”, ouvidos a todo momento, por jornais, emissoras de rádio e televisão, se basearam, antes e agora, para tirar, como se extrai um coelho da cartola - ou da "cachola" - o absurdo paradigma, que vêm defendendo há anos, de que o Governo Fernando Henrique foi um tremendo sucesso econômico, e de que deixou “de presente” para a administração seguinte, um país econômica e financeiramente bem sucedido.

Nefasto paradigma, este, que abriu caminho, pela repetição, para outra teoria tão frágil quanto mentirosa, na qual acreditam piamente muitos dos cidadãos que vão sair às ruas no próximo domingo:

A de que o PT estaria, agora, jogando pela janela, essa - supostamente maravilhosa - “herança” de Fernando Henrique Cardoso, colocando em risco as conquistas de seu governo.

O pior cego é o que não quer ver, o pior surdo, o que não quer ouvir.

Não dá, para, em perfeito juízo, acreditar que os advogados, economistas, empresários, jornalistas, empreendedores, funcionários públicos, majoritariamente formados na universidade, que bateram panelas contra Dilma em suas varandas, há poucos dias, acreditem mais nos boatos das redes sociais, do que no FMI e no Banco Mundial, organizações que podem ser taxadas de tudo, menos de terem sido “aparelhadas” pelo governo brasileiro e seus seguidores.

Está certo que não podemos ficar apenas olhando para o passado, que temos de enfrentar os desafios do presente, fruto de uma crise que é internacional, que faz com que estejamos crescendo pouco, embora haja diversos países ditos “desenvolvidos” que estejam muito mais endividados e crescendo menos do que nós.

Assim como também é verdade que esse governo não é perfeito, e que se cometeram inúmeros erros na economia, que poderiam ter sido evitados, principalmente nos últimos anos.

Mas, pelo amor de Deus, não venham nos impingir nenhuma dessas duas fantasias, que estão empurrando muita gente a sair às ruas para se manifestar: nem Fernando Henrique salvou o Brasil, nem o PT está quebrando um país, que em 2002, era a décima-quarta maior economia do mundo, e que hoje já ocupa o sétimo lugar.

POVO NA RUA/ ... e a “Síndrome da Marseillaise”

Publicado; 16 de março de 2015 | **Autor:** [redacaoqutemblog](#) | **Arquivado em:** [manifestações](#), [Maria Helena Veríssimo](#) | [Deixe um comentário](#)

http://gutemblog.com/2015/03/16/povo-na-rua-e-a-sindrome-da-marseillaise-2/?preview=true&preview_id=947



E daí e daí?

Maria Helena Verissimo para o www.gutemblog.com

Uma ironia que ninguém imaginou que um dia acontecesse – uma convocação de “povo na rua” contra o PT – é certamente o sinal mais evidente de mutação da opinião pública nacional.

Ou – o que não é uma avaliação desprezível – um equívoco que será testado, dia 15, domingo, quando a nova onda oposicionista anti-PT, anti Dilma e anti-Lula – promete realizar pelo menos 28 grandes concentrações pelo país inteiro.

De qualquer forma, o PT e seu aliados tradicionais (MST, UNE, PC do B, CUT) convocaram uma manifestação preventiva, “pró Dilma”, na sexta-feira, 13 (Por coincidência, no mesmo dia 13 de março, um sexta-feira como há 51 anos, no fatídico ano de 1964, quando se realizou o grande Comício da Central, a manifestação esquerdista pró-Jango que antecedeu em 17 dias o golpe militar de 31 de março, que mergulhou o país em 20 anos de ditadura.

Uma varredura curiosa pelas redes sociais, onde até a última campanha eleitoral, em 2014, os blogs e sites petistas eram predominantes e absolutos, revela que a onda oposicionista não apenas se tornou significativa como assumiu uma agressividade surpreendente. De uma maneira geral, a rede oposicionista é declaradamente tucana, nasceu na última campanha eleitoral, adota como referência a liderança pessoal de

Aécio Neves e usa como denominador comum o mote de que a vitória de Dilma se deveu à propaganda enganosa da campanha petista que escondeu a crise econômica (que hoje se manifesta) e foi alimentada pelos recursos oriundos do escândalo da Petrobrás. No mínimo, pedem o impeachment da Presidente e repetem “Fora Dilma!”, tal qual os petistas gritavam “Fora FHC!”.

Da parte dos petistas – que até então, muito justamente, se consideravam donos das ruas e enchiam a boca reclamando “democracia direta” – a situação é desconcertante.

Os petistas estão inconsoláveis, pois já não apostar em plebiscitos e referendos para realizar as reformas política e econômica que preconizam e que consideram inviáveis pela via legislativa. Em contrapartida, acusam os novos opositores de “golpistas”, “reacionários”, “neo udenistas”, “elite branca”, “revanchistas”, “cochinhas”, por reclamarem contra Dilma o mesmo que pediam contra FHC: um processo de impeachment, um recurso constitucional legítimo. Ora, propor e promover impeachment não é golpe, é legal. Está previsto na Constituição E, por isso mesmo, paradoxalmente, é inviável, pois exige uma mobilização de que ninguém dispõe, pelo menos, hoje. (“Exige uma maioria mais próxima da unanimidade do que a maioria qualificada de dois terços ou três quartos” como alertava o Presidente da Câmara, Deputado Ibsen Pinheiro, quando teve início o impeachment de Collor, fenômeno que terminou ocorrendo. Até o famoso deputado Cleto Falcão, um dos homens de ouro de Collor, votou pelo impeachment do padrão... Foi arrastado pela onda da unanimidade.)

Aécio Neves, FHC, Alkimim, a cúpula petista, já disseram que não apoiam o impeachment, mas apoiam o povo na rua. (No fundo, seguem o exemplo de Lula, cuja campanha presidencial vitoriosa de 2003 foi alimentada pelos quatro anos anteriores de gritos “Fora FHC!”) Os tucanos esperam que o Governo Dilma perca todo apoio popular, sofra uma sangria de prestígio e o PT esteja eleitoralmente anêmico em 2018.

A classe média (da média-baixa à média-alta, passando pela média-média) nas ruas, não é novidade. Lembra-voos das Diretas já!, todo mundo de amarelo, como recomendava a Folha de São Paulo. Ou de preto, no impeachment de Collor, “só pra contrariar”, pois Collor tinha convocado o povo, “todo mundo de verde e amarelo”....

O risco é a possibilidade de confronto das tribos, se os petistas decidirem também sair à rua à mesma hora, peitarem a manifestação opositora, tentarem expulsar os adversários de um espaço que antes apenas eles frequentavam.

A Presidente Dilma está pedindo calma, “absoluta tranquilidade”, como recomendou quinta-feira, no Rio, dizendo que considera legítimos os protestos e desestimulando qualquer tipo de violência.

O problema é que, no “Estado democrático de Direito” – a melhor definição do nosso contrato social, a única forma de participação popular direta na sucessão política são as eleições, que se repetem a cada dois anos (uma federal e estadual, a outra municipal), ficando por conta da representação parlamentar a vocalização do sentimento dos eleitores.

Povo nas ruas para pressionar o legislativo (e mesmo para pressionar o executivo) é legítimo, mas não permite aferição e, principalmente, não é imperativo. O Congresso e o Presidente ouvem e atendem, se quiserem, o clamor popular.

Saindo da teoria e descendo ao asfalto, os cidadãos, conforme suas lideranças e os agitadores que costumam conduzi-los, são imprevisíveis.

Sou um pouco francófona e, para mim, a Marselhesa, o Hino da França (e que foi a canção que impulsionou a Revolução Francesa), exprime, pela música e pela letra (especialmente a letra), o sentimento natural das pessoas que saem às ruas para manifestações políticas.

A princípio, sentimo-nos inundados por um apelo inconsciente, quase lírico, expressos pelos dois primeiros versos:

– “Allons enfants de la Patrie! Le jour de gloire est arrivé !” (*Avante, filhos da Pátria/ O dia da Glória chegou!*).

Logo, porém, surge, terrífico o convite à violência:

“-Aux armes citoyens/ Formez vos bataillons/ Marchons, marchons /Qu’un sang impur abreuve nos sillons (*Às armas cidadãos! / Formai vossos batalhões!// Marchemos, marchemos!// Nossa terra do sangue impuro se saciará!*)

As pessoas não precisam conhecer a Marselhesa, mas os seus versos expressam magicamente o sentimento de quem vai à rua se manifestar politicamente. É o que os especialistas em psicologia das multidões chamam de “síndrome da Marseillaise”, que supõe, naturalmente, partir para a derrubada da Bastilha...

Especialmente se há black blocs infiltrados.

II – AVALIAÇÕES

Balanço

Protestos contra governo reúnem mais de 1,7 milhão pelo Brasil, dizem PMs

Do UOL, em São Paulo

15/03/2015 12h25 > Atualizada 15/03/2015 19h18

Ao menos 1,7 milhão de pessoas protestaram contra o governo federal neste domingo (15) em todos os Estados do país, além do Distrito Federal. O número de manifestantes em cada Estado foi divulgado pela Polícia Militar local.

São Paulo é o Estado com o maior número. A PM informou que 1 milhão de pessoas se reuniram na região da avenida Paulista, no centro da capital paulista. Segundo o Datafolha, porém, foram 210 mil manifestantes. A cidade foi a única a registrar um incidente até o

momento. Cerca de 20 manifestantes de um grupo denominado **"Carecas do Subúrbio", conforme escrito em suas camisetas, foram detidos**. Com eles, foram encontrados rojões, bombas caseiras e soco inglês.

Em **Ribeirão Preto (SP), outras 40 mil pessoas saíram às ruas. Em Campinas, foram dois atos: 10 mil e 25 mil.**

No **Paraná**, cerca de 80 mil pessoas protestaram no centro de Curitiba. Em Londrina, o ato reuniu entre 35 e 40 mil pessoas.

Em **Brasília**, o protesto ocupou o Eixo Monumental, com cerca de 45 mil pessoas marchando em direção ao Congresso Nacional. A passeata saiu do Museu da República e se concentrou diante da sede do legislativo. Um cordão de policiais fez isolamento do Congresso para evitar invasões. Um carro de som "proibia" bandeiras vermelhas e de partidos políticos.

No **Rio de Janeiro**, 15 mil pessoas ocuparam a faixa de areia e a pista da orla de Copacabana e caminharam em direção ao Leme. **Em uníssono, eles gritam frases como "Fora Dilma", "o PT roubou" e "a nossa bandeira jamais será vermelha".**

Na Praça da Liberdade, em **Belo Horizonte**, 30 mil pessoas lotavam o local. Muitas usavam camisetas da seleção brasileira, enquanto outras pintaram os rostos em verde e amarelo e usavam apitos. **O tráfego de veículos no entorno da praça foi fechado.**

Em **Florianópolis**, o protesto chegou a reunir 30 mil pessoas, mas a chuva forte espantou parte dos manifestantes.

Já em **Porto Alegre**, a Polícia Militar estimou que cerca de 100 mil pessoas participavam do protesto. Os manifestantes, que se concentraram no parque Moinhos de Vento, marcharam rumo ao parque Farroupilha. Em Santa Maria, na região central do Estado, foram 10 mil pessoas. Outras 60 mil pessoas saíram às ruas em Caxias do Sul.

Em **Goiás**, cerca de 60 mil pessoas participaram do protesto em Goiânia. A concentração começou na praça Tamandaré e seguiu a avenida 85.

Em **Salvador**, os manifestantes marcaram **encontro no Farol da Barra**, onde 4.000 pessoas participaram do protesto pacífico. Boa

parte usava cartazes para demonstrar a insatisfação com os rumos políticos do país.

No [Recife](#), os manifestantes saíram em passeata pela [avenida Boa Viagem](#). O clima só esquentou quando algumas pessoas pediam uma intervenção militar, mas não foram bem recebidas. Segundo a PM, cerca de 8.000 pessoas estavam presentes na manifestação.

Em [Fortaleza](#), cerca de 6.000 pessoas participaram do [protesto na praça Portugal](#). O protesto foi pacífico e contou com a presença de muitas crianças. Manifestantes também usaram bicicletas. O trânsito nas ruas do entorno foram fechadas para evitar problemas.

Ao menos 3.500 manifestantes participaram de ato na avenida Marechal Castelo Branco, na zona central de [Teresina](#). Em [Natal](#), 12 mil foram às ruas.

Em [Manaus](#), cerca de 10 mil pessoas participaram do [ato contra a presidente na praça Congresso](#), no centro da capital amazonense. Os líderes do movimento recolheram assinaturas para enviar aos legislativos cobrando o impeachment.

Em [Belém](#), cerca de 7.000 pessoas se reúnem na praça da República, onde ocorre o protesto contra o governo --o mesmo local onde manifestantes se reuniram na sexta-feira (13) em ato de defesa da Petrobras.

Em [Maceió](#), o protesto reuniu 10 mil no [corredor Vera Arruda](#), na praia de Jatiúca. No local havia faixas com os dizeres "SOS Militares", defendendo uma nova intervenção armada no país e dizendo que os militares "são os únicos que podem fazer a verdadeira reforma política."

Em [São Luís](#), cerca de 3.000 pessoas se concentraram na avenida Litorânea e fizeram um percurso de 6 km.

Em [Aracaju](#), a manifestação ocorreu nos Arcos da Orla. As pessoas começaram a chegar por volta das 9h30 apenas, já que choveu no início da manhã na capital. Segundo a Polícia Militar, 600 pessoas participaram do movimento. Um painel foi montado para que as pessoas gravassem as marcas das mãos em verde e amarelo.

Também foram registrados atos em cidades de [Rondônia](#), [Espírito Santo](#), [Mato Grosso do Sul](#), [Tocantins](#), [Amapá](#), [Roraima](#), [Paraíba](#), [Mato Grosso](#) e [Acre](#)

Governo

Após atos, governo diz que país está longe de golpismo e promete medidas

UOL, em São Paulo
15/03/2015 19h17 - Ouvir texto

http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/apos-atos-governo-diz-que-pais-esta-longe-de-golpismo-e-promete-medidas.htm?fb_ref=Default

Após os **protestos contra a presidente Dilma Rousseff, que reuniram mais de 1,7 milhão de pessoas por todo o país**, o governo disse que Brasil está longe de golpismo e prometeu lançar nos próximos dias medidas de combate a corrupção e impunidade.

"O Brasil está muito longe do golpismo. O governo está atento e revela a disposição que sempre teve de ouvir às manifestações da rua", disse ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, em entrevista coletiva realizada no início da noite deste domingo (15).

Os atos, segundo ele, comprovam o "desejo de todos os brasileiros de combater a corrupção e a impunidade". Cardozo disse que o governo também está engajado nesse propósito e deve anunciar em breve um conjunto de medidas contra a corrupção, mas sem dar detalhes.

A proposta, de acordo com o ministro, será enviada para o Congresso antes do prazo prometido pela presidente Dilma durante campanha eleitoral, que era de seis meses. "Há questões que exigem uma pactuação entre poderes distintos".

Cardoso disse ainda ser "indiscutível" a necessidade de uma mudança no atual sistema político-eleitoral. "É a porta de entrada principal para a corrupção", descreveu ele, que voltou a enfatizar a posição do governo a favor de uma reforma política. "Não é mais possível financiamento empresarial de campanhas empresariais", apontou. "Precisamos fechar imediatamente as portas para atos de corrupção."

o ministro da Secretaria Geral da Presidência, Miguel Rossetto, disse que há uma "inquietude" entre a população devido ao tempo entre o surgimento de denúncias de corrupção e o julgamento das denúncias. "Ao mesmo tempo em que a sociedade aguarda o julgamento dos casos denunciados, também

espera que sejam votadas normas que interrompam esse processo", apontou ele, que relatou a importância da sociedade conhecer os procedimentos e o papel de cada poder nesse processo.

"Esse governo combate a corrupção. O executivo corrige erros, quem julga são as polícias e o poder judiciário", acrescentou o ministro da Secretaria Geral da Presidência, Miguel Rossetto.

Paulo Timm ESTAREI ERRADO? – As 12h

Manifestações: Me parecem fracas, embora seja cedo, ainda, para falar em fracasso. Menores do que a expectativa. Periga ficarem aquém das manifestações do dia 13 de apoio, apesar de terem sido críticas e contraditórias no apoio ao Governo. As manifes de hoje são bem menos expressivas, politicamente, daquelas de 2013. Lá soltou-se o "duende de Garcia Lorca, que empolgou a multidão. Alma...E não se diga que está sendo por falta de organização. O aparato de mídia de apoio é impressionante, desde as primeiras horas da manhã. Uma conclusão preliminar poderia ser a de que a radicalização com o SLOGAN do impeachment é errada. Tão errada quanto as ameaças do MST de ir para o enfrentamento. O país, enfim, apesar da crise política, não está em frangalhos, como a Alemanha de 1933, que criou as condições para a ascensão do nazi-fascismo. Ainda há espaços para negociação, pactos e salvação da democracia

[Agora mesmo](#) · [Curtir](#)

Rudá Guedes Ricci43 min · Belo Horizonte · Está parecendo a Libertadores.

BALANÇO DO FINAL DA MANHÃ DO DIA 15

Manifestação extraordinária, mesmo, só no Rio de Janeiro, nesta manhã. No restante, equivalentes ou um pouco maiores que as de sexta (mas nada que de muito desproporcional).

A de São Paulo está agendada (pelo que me informaram agora) para as 14h00. Aí reside o final do campeonato: se for menor que a de sexta (ao redor de 50 mil pessoas), todo o restante do país terá feito um esforço em vão. Se for gigantesca, potencializará o que ocorreu pela manhã.

Aguardemos.

Está parecendo a Libertadores.

Marco Antonio Carvalho Teixeira - RJ

Primeiras impressões das manifestações do dia 15 onde elas já acontecem. Mobilizaram muitas pessoas em três grandes capitais RJ, BH e DF. Misturam gente que protesta contra o governo, mas que desejam destino diferente para Dilma:

- 1) os que defendem intervenção militar;
- 2) os que querem o impeachment;
- 3) os que protestam contra a perda de poder aquisitivo e o risco de perder emprego;
- 4) os que querem que o governo efetivamente dê respostas aos problemas da corrupção e saia da retórica;
- 5) os que protestam contra os políticos de maneira em geral;

Com exceção dos grupos 1 e 2, os demais desejam uma solução democrática: que o processo eleitoral se encarregue da alternância de poder e se houver motivos para um impeachment, o que ainda não existe de maneira clara, que os mecanismos democráticos também se encarreguem disso.

Pela manhã tive uma pequena amostra do que pode ocorrer a tarde em SP e que acredito deva reunir muito mais gente do se espera. Não haverá somente opositores ou os que querem da um "golpe" no governo, vai ser tudo junto e misturado.

Pela manhã, fui abordado na padaria por funcionários que me conhecem e me perguntaram se eu iria a manifestação. Ao responder que não, ele justificaram que vão a paulista por estarem de "saco-cheio" com a corrupção e também alegando que não conseguem mais pagar as contas. Ou seja, estão perdendo conquistas que obtiveram nos últimos anos. A crise chegou no grupo que deu maior sustentação eleitoral ao PT. Isso não é golpismo e nem manipulação da mídia, pode explicar uma pequena parte, mas não o todo.

Por fim, o fato de a população sair da inércia por diferentes razões - contra ou a favor de maneira geral - é muito positivo. O desafio é canalizar isso em prol de mudanças institucionais que melhorem o país. Caso contrário voltaremos as consequências de junho de 2013: muita gente na rua, alguns ganhos substantivo sem dúvida, mas pouca interlocução com governos e poderes para pressionar por mais avanços. Não há como fazer política sem negociar com os políticos. Não há como melhorar a política negando a própria política. A noite falo um pouco mais.

Aldo Fornazieri

DEMOSTRAÇÃO DE FORÇA DA SOCIEDADE: As enormes manifestações de hoje indicam o grau de descontentamento da sociedade contra o governo, o PT e os políticos em geral. Não é mais possível dizer que o descontentamento atinge só a "burguesia". Ou o governo desperta para a realidade e começa a governar, ou a crise se agrava. Tal como em 2013, as manifestações são fundamentalmente espontâneas, o que revela a falência do sistema partidário e político brasileiro. Embora dirigidas contra o governo, bandeiras de luta importantes foram levantadas, como contra a corrupção e em defesa do Ministério Público. O golpismo é inaceitável, assim como a proposição do impeachment,

pois não há nada que o justifique. Mas o descontentamento da população precisa ser respeitado. Agora surgirão muitos políticos da oposição e oportunistas em geral que tentarão pescar em águas turvas. Protestar sim, mas a democracia precisa ser preservada e o golpe precisa ser contido.

Maringoni Gilberto

I -

A PIOR VIAGEM É DESQUALIFICAR OS PROTESTOS (Alguns palpites no calor da hora)

A pior viagem para os setores democráticos e de esquerda, agora, seria negar o óbvio.

O óbvio é que a direita tem força de massa no Brasil.

E não adianta falar que quem vai às manifestações são os endinheirados, a turma dos Jardins e do Leblon ou, genericamente, os “coxinhas”.

As concentrações deste domingo devem estar mobilizando algo como 500 mil pessoas em todo o país.

Claro que seus promotores são grupos conservadores, muitos deles antidemocráticos, que clamam pela volta da ditadura.

Mas nada garante que a maioria dos que foram às ruas seja formada por gente que votou em Aécio ou seja composta por fascistas de carteirinha.

Não digo isso para exaltar as marchas, mas para tentarmos examinar as coisas objetivamente.

AÇÃO GOVERNAMENTAL

A ação governamental – em especial de Dilma e do PT – nos cinco meses que nos separam do segundo turno aturdiu e decepcionou seus próprios eleitores.

Mesmo com toda a força da mídia, com muito dinheiro gasto na convocação e enxurradas de propaganda, o conservadorismo não teria condições de mobilizar tanta gente em condições normais de temperatura e pressão. Desde a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, há 51 anos, não lograva tento equivalente.

A situação atual, como diria Nelson Rodrigues, não é obra do improviso. Foi meticulosamente construída. Há opções feitas pela administração federal que prejudicaram muita gente dos setores populares. Não se trata da crise internacional ou onda de estiagem prolongada, como Dilma Rousseff tentou alinhar como responsáveis pela crise. (A excelente matéria de capa de CartaCapital desta semana, apurada pelo repórter André Barrocal, evidencia isso com meridiana clareza).

Ao longo dos últimos 12 anos, a recusa de Lula e Dilma em regular as telecomunicações, a negativa em fazer disputa política com a sociedade, a manutenção da política macroeconômica de FHC e o desalento da base social que reelegeu a presidente somam-se ao ajuste fiscal projetado pelo PT.

O resultado está aí: a direita começa a sensibilizar e hegemonizar setores populares. Seria bom realizar uma pesquisa, para verificar que porcentagem dos manifestantes é constituída por eleitores do PT.

CREDIBILIDADE EM QUEDA

A credibilidade de Dilma desaba. Ela pode ser revertida? Em tese, sim, no médio prazo. Isso vai depender das ações oficiais para por termo à desaceleração econômica, construída desde 2011. Mais difícil será convencer a população de que não houve estelionato eleitoral. Pesquisas do próprio palácio do Planalto indicam que essa marca calou fundo na população.

A decepção, logo após o segundo turno, começa a se transformar em raiva. As consequências são imprevisíveis, pois o êxito das passeatas desse dia 15 estimulará novas atividades semelhantes.

Há um raciocínio implícito na difusa pregação reacionária das ruas. Ela vai do xingamento puro e cru a apelos pela volta da ditadura e pelo fim da corrupção. Alguns tresloucados atacam os movimentos sociais, a “doutrinação marxista” e parecem viver tempos da guerra fria.

Não consegui, no entanto, ver ataques à política econômica.

O que é aparentemente um contrassenso – ataques ao governo que poupam sua diretriz econômica – pode ter uma explicação. É a de que para aplicar o programa de Aécio, Dilma não seria a melhor pessoa. Melhor buscar o original. A saída da mandatária, na cabeça dessa gente, traria alguma lógica à conjuntura.

Curiosamente, o governo segue impávido como um tijolo que despenca do décimo andar. Não cogita alterar a rota que vai destruindo empregos e levando milhões de brasileiros a uma situação difícil. Opta por mudar a articulação política, as reuniões do núcleo duro, a disposição dos móveis na sala etc.

Aí fica difícil. Difícil para quem luta pela democracia e pela justiça social. Os que sonham com um golpe e uma solução de força devem mais é achar bom que a vida siga em frente, como se nada tivesse ocorrido neste domingo.

Por fim, a esquerda precisa convergir suas ações em alguns pontos concretos, para pressionar o governo e não deixar a pauta da mudança sem pai nem mãe. Taxação das grandes fortunas, exigir que Gilmar Mendes desengavete a ação que proíbe o financiamento empresarial, um combate à privatização da Petrobrás – que estranhamente une governo e oposição – e bandeiras pontuais de impacto podem ajudar e muito.

Seria bom fazer isso, pois de atrapalhos estamos até a tampa.

II

AS MANIFESTAÇÕES E A SOBERBA DE ROSSETTO

Impressionante a soberba de Miguel Rossetto, ministro da

Secretaria-Geral da Presidência, na entrevista coletiva do início desta noite.

Amigos comuns dizem tratar-se de um bom sujeito e que já foi de esquerda.

Tudo é possível.

Rossetto, diante de mais de um milhão de pessoas nas ruas, não dialoga. "Os manifestantes não são eleitores da presidente Dilma". Assim, na lata. Como sabe? Teve ciência de alguma pesquisa ainda não publicada?

É precipitado dizer que são de direita ou "coxinhas", como se espalha aqui na rede.

O mais estranho é sua defesa quase cega do ajuste fiscal, "feito para o Brasil voltar a crescer". O ministro nada explica sobre as razões do ajuste. Quem desajustou o que agora precisa ser ajustado? "A crise internacional e a seca", repete mecanicamente.

Não mudará a rota definida pelo programa de Aécio e encampada por Dilma.

A direita se fortalece nas ruas. Os manifestantes querem - em sua maior parte - a saída da presidente, numa pregação claramente golpista. Há um ideário difuso, centrado num senso comum conservador.

Diante da acelerada queima - por vontade própria - do capital político oficial, melhor seria entender o que está acontecendo. O que significa a contração do emprego, o aumento das tarifas de energia, gasolina e os efeitos da elevação dos juros na economia real? Qual seu impacto no bolso dos assalariados? Foi bom dizer uma coisa na campanha e praticar outra no governo? Pegou bem? Qual o plano agora?

Sem tais respostas por parte do Executivo, o conservadorismo logra capitalizar um descontentamento real entre a população. Não parece ser uma boa saída um membro destacado do governo fazer de conta que não é com ele ou que benefícios alcançados em anos anteriores, quando havia crescimento, bastam para seguir adiante.

A conjuntura mudou.

O espaço e a legitimidade de Dilma vão ser cada vez mais questionados nas ruas, na mídia, pela oposição e por seus aliados no Congresso.

Já se viu que ela não tem condições de encaminhar uma solução positiva para a crise. Falta-lhe cintura política. Havia a esperança que seus articuladores fizessem isso.

Pelo que se vê do comportamento de Miguel Rossetto, há poucas esperanças de que saia alguma coisa do chamado núcleo duro do governo.

HELGA HOFFMAN – Economista SP

Representantes do governo continuam negando a realidade. Resumo o que ouvi de Cardozo: manifestações demonstram que estamos em democracia, o governo "quer diálogo", a Presidente vai anunciar medidas de combate à corrupção, precisamos acabar com financiamento de campanha por empresas porque é isso que teria aberto a porta à corrupção. Ora... De Rossetto: tentou desmoralizar as manifestações lembrando os poucos (na verdade, não mais que 3 ou 4?) exemplos de violência (na verdade, tentativa de violência) e que elas seriam manifestações de eleitores da oposição, ainda refletiriam a memória recente da campanha. Em seguida defendeu as novas medidas econômicas de ajuste, e que o governo teria demonstrado sua disposição de diálogo ao substituir a MP do imposto de renda.

Cardozo anunciou que mandou retirar do FB do Ministério da Justiça algum post que foi interpretado como discurso de ódio. Diz que é contra o discurso de ódio, que seria minoria (será que lembra do Lula e seus "guerreiros" do MST?)

Rossetto em geral continua dizendo que a economia está em bom estado, em todos os pontos. Como a gente vai sair dessa?

Lembram quem disse na campanha que quem não reconhece um problema não tem condições de resolvê-lo? Por essa entrevista de Rossetto, continuam sem reconhecer. Cardozo pelo menos reconheceu, en passant, que a política econômica anterior não pode continuar.

Cid Benjamin

Alguns comentários sobre a passeata da direita hoje em Copacabana.

1. Fui devidamente trajado de vermelho, pra não ser confundido, e fiquei uma duas horas sempre na periferia da passeata. Não fui hostilizado.

2. Tinha muita gente. Não posso calcular a quantidade de pessoas porque não tive uma visão de cima, mas a passeata tomou vários quarteirões.

3. O clima era de regozijo dos manifestantes, certamente pelo aparente sucesso da empreitada.

4. Não foi uma passeata apenas de oposição ou de críticas ao governo Dilma, foi claramente pela derrubada do governo. A tônica era mais pelo impeachment do que pela intervenção militar, embora houvesse cartazes nesse sentido.

5. Um certo tom de "defesa do Brasil" contra uma suposta transformação do país numa Cuba ou numa Venezuela estava presente, tanto em cartazes, como em palavras de ordem. Isso não deixa de ser irônico porque era uma manifestação contra um governo que não tomou uma só medida que afetasse os ricos e não fez uma só reforma estrutural no país.

6. Críticas à corrupção estavam presentes em quatro de cada cinco cartazes ou palavras de ordem. Mesmo (ou principalmente) nos cartazes rústicos ou na palavras de ordem que pareciam espontâneos. Sempre relacionando a corrupção ao PT e a Lula, mas também a Dilma (embora menos). Como já andou dizendo Gilberto Carvalho, aparentemente a pecha de corrupto pegou mesmo no PT.

7. O repúdio - e até o ódio - à esquerda esteve muito presente. Da mesma forma, o ódio de classe. Ouvi comentários hostis ou depreciativos ao Bolsa Família e aos pobres que seriam parasitas (não cheguei a ouvir essa palavra, mas o tom era esse).

8. Havia poucos pobres ou negros, mas não foi uma manifestação de ricos. A quase totalidade dos manifestantes era classe média. Alguns, classe média baixa. Muita gente parecia ser mesmo de Copacabana, embora o metrô estivesse cheio de gente que ia fantasiada pra passeata.

9. Salvo alguns grupos de pitboys, não havia muitos jovens. Já a presença de gente de meia idade e de famílias inteiras foi muito forte.

10. Havia muita gente de camisa amarela, da seleção brasileira, ou com bandeiras do Brasil. Não sei se foi uma coisa espontânea,

porque não vi qualquer orientação nesse sentido, mas o fato é que a Avenida Atlântica ficou meio que pintada de amarelo.

11. Muita gente levava com cartazes feitos à mão, com frases as mais variadas, o que deu um tom de espontaneidade à manifestação, diferentemente da de sexta-feira, em apoio ao governo, que teve um aspecto meio chapa-branca.

12. As palavras de ordem gritadas pareciam ser também, na maioria dos casos, espontâneas. Algumas até tentavam apelavam para o humor, lembrando algo que até agora só a esquerda fazia.

PS - Peguei carona num post do Gustavo Gindre e adiciono uma 13ª observação:

O governo vai tomar uma surra da mídia, Vai apanhar igual a boi ladrão, e não vai mexer uma palha para tentar enfrentar as mazelas desse oligopólio privado que atenta contra a democracia.

E os apoiadores deste governo continuarão usando a Internet para criticar a grande mídia, a despeito da inação do governo que apóiam.

Seria cômico, se não fosse trágico...

Roberto Robaina/ Luciana Genro

Compartilho com vocês algumas Impressões sobre este dia publicadas pela Luciana Genro, nossa candidata a presidência em 2014. É a minha posição também:

Hoje o Brasil teve muita gente nas ruas. Pelo Brasil afora centenas de milhares falaram, se expressaram. Isso em si mesmo exige uma reflexão sobre o que ocorre. É preciso escutar, a partir daí julgar e se posicionar. Em São Paulo a Polícia Militar (comandada por Alckmin) estimou em 1 milhão(número alardeado pela Globo por horas), o que seria uma grande surpresa para todos, e o Data Folha estimou em 210 mil, um número mais razoável e dentro das previsões.

É claro que ainda teremos que medir o que ocorreu hoje. O que salta aos olhos é que a situação exige uma mudança profunda. Mas nem tudo o que as ruas falam sugerem um bom caminho. As faixas em favor do golpe são um sintoma claro de que mesmo que milhares tenham tomado as ruas, não se abriu um caminho novo e progressista. Não tenho dúvida de que a maioria dos que estavam nos atos não querem uma saída fascista e nem querem ser

controlados por aparatos burocráticos. Por isso Bolsonaro e Paulinho da Força Sindical foram hostilizados. As pessoas querem mudanças, mas para que a direita não ganhe na inércia é preciso avançar em um programa. A questão é que mudanças são necessárias e quem são os agentes desta mudança.

O que vimos pelo Brasil foram atos contra o governo Dilma e contra o PT que expressaram uma indignação geral contra a corrupção e a carestia. Entretanto, ao não ter uma ideologia crítica, anticapitalista, o que predominou foi a ideologia da classe dominante, e no guarda chuva desta ideologia as posições de direita e extrema direita também se expressam.

É neste caldo que a grande mídia atua, instrumentalizando e direcionando. Em junho de 2013 a Rede Globo foi questionada nas ruas por ser claramente identificada com a manipulação ideológica. E é, de fato, o grande partido da classe dominante brasileira. Neste 15 de março a Rede Globo estimulou, promoveu a ida às ruas. Este é um dos motivos pelos quais os atos de hoje, embora fortes, são um simulacro de junho de 2013. Não podemos ser ingênuos quando a Rede Globo estimula um movimento. Querem sangrar o governo e liquidar qualquer ideia de esquerda, usando o PT para por um sinal de igual entre esquerda e PT, e desta forma derrotar os projetos igualitários da esquerda socialista.

Quando as ruas começam a ter mais peso que o Parlamento pode ser o sinal de uma mudança positiva. Entretanto dezenas de milhares nas ruas não basta. É preciso um programa. E neste momento as ruas não estão indicando apenas um caminho. E se a estrada errada for a escolhida, ao invés de se progredir e superar a crise, poderemos retroceder e permitir que os grandes empresários, bancos, empreiteiras e corporações midiáticas façam valer sua agenda de defesa dos privilégios e de uma sociedade ainda mais desigual.

Os grupos que na manifestação defendiam abertamente a intervenção militar revelaram o sentido profundo de uma das tendências que este movimento pode promover se não se interpor a discussão do programa e se ganhar força a ideia de que temos uma saída fácil para um problema que na verdade é difícil. E a saída não é fácil justamente porque ela exige enfrentar as classes dominantes.

O PT traiu os interesses históricos da classe trabalhadora e foi muito útil à classe dominante, controlando as greves e protestos e sendo o agente de aplicação dos interesses econômicos da burguesia, deixando migalhas para o povo. Mas junho de 2013 mostrou que o PT já não tem mais esta serventia e a crise

econômica exige um ajuste brutal contra os trabalhadores e a classe média. É natural, portanto que a burguesia prefira governar através do seu filho legítimo, o PSDB . Mas seria cair em impressões falsas achar que a burguesia abandonou totalmente o PT. Basta refletir sobre o fato de que o PSDB defende a mesma política econômica que Dilma está aplicando e está envolvido nos mesmo escândalos de corrupção para perceber que eles não querem o impeachment. Como já disse FHC e Aloísio Nunes, eles querem sangrar, render totalmente o governo para garantir que o ajuste de Levy seja devidamente aplicado e os interesses do grande capital preservados neste momento de crise econômica.

Por isso é preciso compreender que as ruas por si só não garantem a soberania popular. É preciso dizer quais interesses fortalecem. E quais pontos de programa alavancam.

As propostas do PSOL para superar a crise partem da necessidade de se combater a corrupção, apoiando as investigações da lava jato e defendendo a punição para todos os corruptos, seja de que partido forem. Também é fundamental terminar qualquer possibilidade dos políticos esconderem sua evolução patrimonial.

Precisamos de uma nova legislação na qual os políticos não tenham mais direito a sigilo bancário e fiscal. Igualmente, a lista dos sonegadores do HSBC deve ser revelada e os recursos resgatados.

Mas a luta contra a corrupção não é suficiente. Na economia é preciso impedir que sejam os trabalhadores e as classes medias que paguem pela crise. Basta de arrocho salarial e de demitir trabalhadores para garantir o lucro. Basta de cortar recursos da educação e da saúde e manter o pagamento dos juros da dívida pública aos bancos e grandes especuladores. Basta de extorquir o trabalhador e a classe média com impostos e não cobrar o Imposto sobre as Grandes Fortunas e manter os privilégios fiscais dos bancos. É preciso fazer o ajuste nas costas dos milionários e promover o controle público das corporações privadas.

Ha uma crise de legitimidade geral. É claro que é melhor um canal eleitoral do que continuar como está. Mas novas eleições simplesmente não resolvem. Precisariamos sim reorganizar todo o país, através de uma constituinte democrática. Impeachment para entregar o governo a Michel Temer ou Renan é inaceitável, seria um desastre total. E para que as eleições representem de fato uma mudança teriam que ser realizadas sob novas regras, sem o dinheiro das empreiteiras e sem as desigualdades abissais na disputa.

A bancada do PSOL no Parlamento tem sido atuante e combativa na luta contra a corrupção e as medidas de ajuste contra o povo. O

PSOL tem propostas. Nós as apresentamos na campanha eleitoral e vamos seguir apresentando e lutando por elas. Além disso, nosso papel, como um partido de oposição de esquerda, é ajudar a construir uma alternativa que não seja a manutenção do que está aí, mas que também não coloque água no moinho do PSDB, ou mais absurdo ainda, de uma intervenção militar.

Esta alternativa só pode ser construída a partir de uma agenda de luta contra o ajuste de Dilma/Levy construída pela classe trabalhadora e pela juventude, nos locais de trabalho, nas escolas, nas universidades, lutando por democracia real e construindo um programa anti capitalista. O exemplo da greve dos servidores do Paraná, dos garis do Rio de Janeiro, dos caminhoneiros e tantas outras, é fundamental pois este é o método de luta e o método de se construir uma oposição de esquerda. Estas lutas vão seguir. É desta forma que as ruas precisam falar.

Marina Silva

TODO OUVIDOS

A sociedade brasileira foi hoje às ruas e promoveu a maior manifestação contra um governo na história do país. Pacífica e democrática, a gigantesca expressão de indignação ultrapassou em muito qualquer expectativa e também qualquer desejo de controle dos grupos e correntes políticas organizadas. Foi livre e autoral, descentralizada, autoconvocada. Reeditou as jornadas de junho de 2013, agora com objetivo claro e explícito: contra o governo e contra a corrupção.

Não há como desconhecer ou minimizar a manifestação. O povo brasileiro exige uma posição da presidente da República em resposta aos seus justos e legítimos reclames. Esta, sim, é a hora de falar e dizer a verdade. Reconhecer os erros, assumir a responsabilidade por seus atos, propor soluções para os problemas, nada mais e nada menos que isso. Uma fala da presidente, não do marketing. O Brasil falou e agora é todo ouvidos.

Cristovam Buarque

A insistência da Dilma em permanecer no marketing de um terceiro turno pode levar o Brasil a perder o rumo.

É uma pena que mais uma vez a Presidente Dilma tenha deixado de entender o recado das ruas e continue olhando para as urnas, prisioneira do discurso de seus marqueteiros, como se estivesse em um terceiro turno, no lugar de governar. Seus ministros insistiram em dizer que o milhão de manifestantes em São Paulo e muitos milhares em outras partes eram apenas os eleitores do Aécio Neves em 2014. Não reconhece o descontentamento mesmo de seus eleitores com a radical mudança de seu discurso. O povo sente-se ludibriado, especialmente muitos dos eleitores dela. Ela e os ministros não reconhecem que a inflação está pesando no bolso, que o dólar está aumentando o preço das coisas, que o FIES não está funcionando, que apesar de um dia dizer que o slogan de seu governo é "pátria educadora", um mês depois corta sete bilhões do orçamento da educação, que recebeu apoio formal de 52 reitores e deixa as universidades sem dinheiro para os gastos mais essenciais.....

É uma pena que a presidente e aqueles que a cercam digam que as manifestações são a tentativa de um terceiro turno e ela continue no marketing como se tudo não passasse de um terceiro turno; no lugar de entenderem a gravidade da situação e darem o encaminhamento necessário para uma reorientação de rumo no governo.

Para isso, seria preciso fazer o que ela nem o PT aceitam, um mea culpa dos erros cometidos nos quatro anos de seu primeiro mandato, nas falsidades que seu marqueteiro lhe obrigou dizer; e chamar a todos para juntos encontrarmos um caminho para o Brasil, porque a culpa é de seu governo no primeiro mandato, mas o problema é nosso que estamos apenas começando o novo mandato para o qual ela foi eleita.

Maringoni Gilberto

AS MANIFESTAÇÕES E A SOBERBA DE ROSSETTO

Impressionante a soberba de Miguel Rossetto, ministro da Secretaria-Geral da Presidência, na entrevista coletiva do início desta noite.

Amigos comuns dizem tratar-se de um bom sujeito e que já foi de esquerda.

Tudo é possível.

Rossetto, diante de mais de um milhão de pessoas nas ruas, não dialoga. "Os manifestantes não são eleitores da presidente Dilma". Assim, na lata. Como sabe? Teve ciência de alguma pesquisa ainda não publicada?

É precipitado dizer que são de direita ou "coxinhas", como se espalha aqui na rede.

O mais estranho é sua defesa quase cega do ajuste fiscal, "feito para o Brasil voltar a crescer". O ministro nada explica sobre as razões do ajuste. Quem desajustou o que agora precisa ser ajustado? "A crise internacional e a seca", repete mecanicamente.

Não mudará a rota definida pelo programa de Aécio e encampada por Dilma.

A direita se fortalece nas ruas. Os manifestantes querem - em sua maior parte - a saída da presidente, numa pregação claramente golpista. Há um ideário difuso, centrado num senso comum conservador.

Diante da acelerada queima - por vontade própria - do capital político oficial, melhor seria entender o que está acontecendo. O que significa a contração do emprego, o aumento das tarifas de energia, gasolina e os efeitos da elevação dos juros na economia real? Qual seu impacto no bolso dos assalariados? Foi bom dizer uma coisa na campanha e praticar outra no governo? Pegou bem? Qual o plano agora?

Sem tais respostas por parte do Executivo, o conservadorismo logra capitalizar um descontentamento real entre a população. Não parece ser uma boa saída um membro destacado do governo fazer de conta que não é com ele ou que benefícios alcançados em anos anteriores, quando havia crescimento, bastam para seguir adiante.

A conjuntura mudou.

O espaço e a legitimidade de Dilma vão ser cada vez mais questionados nas ruas, na mídia, pela oposição e por seus aliados no Congresso.

Já se viu que ela não tem condições de encaminhar uma solução positiva para a crise. Falta-lhe cintura política. Havia a esperança que seus articuladores fizessem isso.

Pelo que se vê do comportamento de Miguel Rossetto, há poucas esperanças de que saia alguma coisa do chamado núcleo duro do governo.

Uma radiografia das manifestações

Juremir Machado em [15 de março de 2015](#) – CPOVO - POA

Quem pode ser contra pessoas nas ruas manifestando-se contra a corrupção? Ninguém.

Quase um milhão e meio de manifestantes em todo o país. Muito. E muito pouco. A maioria gigantesca da população brasileira não se manifestou. Mesmo assim, a batata da presidente Dilma passou do ponto. Com razão. O PT perdeu-se na corrupção do mensalão e não aprendeu a lição. Reincidiu. Certo problema das manifestações, porém, tem a ver com a coerência. Se os protestos eram contra a corrupção, por que quase só havia cartazes contra o PT? E o PP, o PMDB, o PSDB? E Eduardo Cunha, Renan Calheiros, Antonio Anastasia e tantos outros? Isso não pode ser atenuante para os erros do petismo.

As manifestações apoiaram-se em quatro pilares: corrupção; ideologia neoliberal (defesa de Estado mínimo); desejo tucano de um terceiro turno (inconformidade com o resultado das eleições) e antipetismo (alavancado pelo horror às suas políticas sociais e pela arrogância passado do PT, quando este fazia crer que era o paladino da ética e apontava o dedo para os demais).

Evidentemente que sem a corrupção os demais pilares dessa obra não encontrariam base para tomar corpo.

O antipetismo, porém, é tão forte que não houve sequer tentativa de empacotar as manifestações como uma recusa do modelo político atual com todos os partidos atolados no toma-lá-dá-cá. Ou alguém acredita mesmo que tenha partido limpo?

As manifestações levaram às ruas gente sinceramente contra a corrupção. Mas isso não pode encobrir o fato de que também foram

às ruas (muitas vezes a mesma pessoa) aqueles que encontraram, enfim, apoio para desovar o ódio ao petismo.

A ideologia está no centro dos atos deste 15 de março.

Pediu-se impeachment, intervenção militar, fim do STF e outras coisas que nem sempre rimam com democracia.

Outras manifestações devem ocorrer.

O petismo mostrou, depois do mensalão, que não se emenda facilmente.

Defende-se alegando que a regra do jogo não lhe deixa alternativa.

Essa racionalização não ilumina o futuro.

A esperteza de virar à direita depois das eleições não enganou a direita e enfureceu a esquerda.

A velha malandragem lulista de ganhar com a esquerda e governar com a direita, dando migalhas aos pobres e milhões aos ricos, já não satisfaz parte alguma. O ministro da Fazenda Joaquim Levy está no mato sem cachorro. Dilma está perdida. Se aprofundar o ajuste fiscal, fica sem o pouco que lhe resta da base popular. Se der meia-volta, bota outros milhões nas ruas.

Como pode um mesmo acontecimento carregar tantas contradições?

Por um lado, justa indignação contra a corrupção. Por outro lado, indignação seletiva. É claro que o governo é o foco. Nada mais razoável que receba a crítica mais aguda. Isso não invalida que o Congresso Nacional também está sob suspeita, com os presidentes da Câmara de Deputado e do Senado sob investigação. Salvo se a suspeita recai mesmo sobre o Ministério Público. Teria o Procurador-Geral da República impostos Eduardo Cunha e Renan Calheiros na sua lista para favorecer o governo?

Teorias da conspiração não faltam.

Evidência há uma só: vai de mal a pior. O PT faz por merecer, não o impeachment (ainda não), mas o seu inferno astral.

Não está no olho de furacão de graça.

Como convencer um ser ideologizado ao extremo que para derrubar um presidente é necessário mais do que uma suspeita ou do que a insatisfação de muitos com as promessas não cumpridas ou com a incompetência do eleito?

Quanto mais se fala em fim das ideologias, mais a ideologia move

as pessoas no Brasil e no mundo.
Nada de errado nisso.
Alguns, porém, só veem ideologia na posição do outro.
Acreditam que a sua ideologia é apenas a verdade neutra e definitiva.

E agora, o que acontece?

Brasília, a capital política, e São Paulo, centro nevrálgico do poder econômico e financeiro, deram vida às duas maiores manifestações de sua história

- **[Ato contra Dilma atrai mais de um milhão](#)**

[JUAN ARIAS 15 MAR 2015 - 18:10 BRT](#)

[HTTP://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2015/03/15/OPINION/1426451800_134298.HTML](http://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2015/03/15/OPINION/1426451800_134298.HTML)

- Recomendar no Facebook 11
- Twittear 1
- Enviar para LinkedIn 0
- Enviar para Google + 0

O Brasil, diante da surpresa de todos, [foi para as ruas em todo o país](#), em massa, convocado pelo novo poder das redes sociais. As duas cidades símbolo: Brasília, a capital política, e São Paulo, centro nevrálgico do poder econômico e financeiro, deram vida às duas maiores manifestações de sua história.

Nas mais de 200 cidades onde os [brasileiros sem outra bandeira além das cores do Brasil](#), ouviu-se um único grito: “Fora Dilma”, “fora PT”, representado graficamente por um caixão. Junto com esses dois gritos, o de “corrupção nunca mais” e uma defesa clara da democracia.

MAIS INFORMAÇÕES

- [Dilma pode ter o mandato impugnado?](#)
- [Ato contra Dilma atrai mais de um milhão](#)
- [Três grupos organizam os atos anti-PT, em meio a divergências](#)
- [“Estamos deixando de discutir as verdadeiras pautas nesse protesto”](#)
- [As caras do protesto pró-Governo](#)

Cabe perguntar: E agora, o que acontece?

Milhares de cartazes cheios de criatividade, muitos escritos à mão, revelavam a insatisfação de um país que sente que sua vida piora a cada dia. “Que nos devolvam o Brasil”, rezava outro cartaz e, ao

seu lado: “Dilma, a paciência acabou”. Outros destacavam: “Não somos a elite. Não somos de direita. Somos o Brasil”.

É verdade. A idiossincrasia das manifestações, em todas as cidades, desmentiu as aves de mau agouro da véspera. O Brasil os desmentiu redondamente. Diziam que era o país do “caviar”, o dos ricos, o que sairia à rua para exigir a cabeça de Dilma. Não foi. Foi o Brasil plural, foi o Brasil mestiço, o que saiu à rua sem ideologias nem classes. Desfilaram juntas famílias inteiras com seus filhos; casais de namorados de mãos dadas, idosos, muitos jovens e até grávidas felizes. Trabalhadores lado a lado com empresários.

Temia-se que, como em 2013, grupos violentos tentariam abortar as manifestações. Não apareceram. Não houve incidentes. Mais ainda, os brasileiros revelaram o melhor de sua alma: seu espírito festivo, sua criatividade, sua paixão por estar juntos, seu pluralismo e a defesa de um valor que não estão dispostos a renunciar: a democracia.

Foi o Brasil no qual as crianças tiravam fotos com os policiais militares armados até os dentes. Foi o Brasil que às portas do Congresso Nacional, em Brasília, entregavam flores brancas às forças da ordem.

Garantia-se que tinham saído à rua grupos que exigem a volta dos militares. Não foram. Só dois ou três cartazes sobre isso foram anulados pelos milhares de caráter democrático.

Houve até quem apostasse que os convocados pelas redes sociais acabariam na rua enfrentando os que pediam o impeachment de Dilma, os que eram contra e os que defenderiam o governo. Que as manifestações reforçariam a polaridade de um país dividido em dois. Enganaram-se.

Dilma Rousseff já deu a entender que não se afastará. Foi um Brasil unido nas mesmas reivindicações. À súplica da presidenta Rousseff em seu primeiro discurso dias atrás depois de sua reeleição, [de que “tivessem paciência” diante da crise](#) que seria passageira, os manifestantes lhe responderam que já estava esgotada. Saiu à rua esse Brasil em que, a pouco mais de dois meses de sua reeleição, [apenas 7% aprova seu governo nas pesquisas](#).

Foi o Brasil que desfilou com suas caras pintadas de verde e amarelo e que gritava: “Nossa bandeira não é vermelha”. E não houve nos desfiles em todo o país uma só bandeira de partido.

Diante disso, e diante de um governo atônito que na véspera tinha minimizado o protesto por não contar com mais apoio do que o das redes sociais, cabe a pergunta: E agora, Dilma?

É difícil saber que resposta poderá dar amanhã o governo a esse protesto em massa contra ele. Rousseff já deu a entender que não vai renunciar. [Um impeachment, mesmo sendo constitucional](#) se houver motivos legais, é um processo lento e complicado.

A oposição aposta que o segundo governo de Rousseff, o quarto do PT, [vá dessantrar pouco a pouco](#). Difícil adivinhar a resposta que o governo e a classe política em geral, em seu momento de maior desprestígio diante da opinião pública, [dizimada pelo escândalo da Petrobras](#), dará nos próximos dias a esse Brasil que despertou e perdeu o medo da rua.

No mínimo, Dilma deveria amanhã mesmo refazer seu governo, começando por reduzi-lo à metade. Hoje com 39 ministros, é maior do que os governos dos Estados Unidos e Alemanha juntos. Depois da China, é o país com maior número de ministros do mundo, com um gasto federal de 377 bilhões de reais.

O governo necessita de poucos ministros, mas à altura da crise em que está imerso, com um curto-circuito com o Congresso e com a opinião pública e uma economia agonizante.

O ex-presidente Lula confessou que seu partido, o PT, com doze anos no governo, precisa se refundar e voltar às suas origens, já que a opinião pública o culpa de ter-se corrompido, de ter-se apoderado do Estado e de ser o maior protagonista dos dois maiores escândalos de corrupção política: o mensalão e o petróleo.

O ex-presidente Lula confessou que seu partido, o PT, já com 12 anos no Governo, precisa se refundar

Esse momento chegou e não se pode esperar mais. Os manifestantes arrastavam um cartaz que dizia: “Vá embora, Dilma, e leve o PT junto”.

O Brasil viverá amanhã um dos momentos mais sérios e mais graves de reflexão política e social sobre seu presente e seu futuro.

O Brasil que confessou ter perdido sua paciência merece respeito por parte de seus governantes e políticos. Ontem esse Brasil distribuiu flores. Amanhã essas flores brancas poderão tingir-se de negro nas urnas.

O Brasil continua apostando maciçamente em seus valores democráticos e em suas melhorias econômicas e sociais, conquistadas com sangue e dor. Frustrar essa esperança, esconder a cabeça na terra, acordar amanhã como se nada tivesse acontecido, poderia transformar o protesto festivo em algo mais lúgubre, que ninguém deseja.

Não é verdade que os brasileiros agora têm o direito de perguntar ao poder: e agora, o que acontece?

- Recomendar no Facebook11
- Twittear1
- Enviar para LinkedIn0

Post scriptum – o golpe

Paulo Ghiraldelli, 57, filósofo

<http://ghiraldelli.pro.br/o-fabuloso-mundo-da-crianca/>

Notaram pessoas, em nossa sociedade brasileira deste momento, que pedem “intervenção militar”? O problema delas não é serem protofascistas. Antes disso, elas são *crianças fascistas*. Crianças que acreditam que apertam um botão do seu PC ligado à Internet e, então, um anjo (no caso, um demônio) é chamado para salvá-las de algo que não está lhes fazendo mal algum, talvez até fazendo bem (nunca os ricos foram tão ricos!). Mas é que crianças sempre estão a chamar deuses, anjos, amigos imaginários, super-heróis e pais. Ora, não há Exército brasileiro em clima de golpe ou querendo a tal coisa chamada de “intervenção militar constitucional”. Não há lideranças importantes querendo acionar o Exército. Nem mesmo Impeachment! (Aécio e FHC já disseram: “não está na agenda”). Não há Partido da Imprensa Golpista (PIG) porque golpe não se faz com meia dúzia de artigos (nem com mais de meia dúzia). Não há sequer um inimigo efetivo, como já houve

com o “comunismo” ou a invenção de que havia o comunismo (como em 1964); os únicos inimigos comuns mesmo, existentes, é o mosquito da dengue e as madeiras. Os outros inimigos, ora bolas, até que a Polícia Federal está lá fazendo seu serviço! Então, do nada, da pura imaginação infantil, cada “criança fascista” (alimentada às vezes pela “criança comunista”) crê que há um botão em um aparelho do seu quarto, chamado Facebook, ligado a Deus, e que este vai realizar seus sonhos, tirar seus medos. Nessa doideira, a “criança fascista” fala para si mesma que Deus vai mandar o Exército e este já até está nas ruas, com vontade de obedecer Deus! Talvez Descartes, ao temer a imaginação como temeu, estivesse pensando na produção maligna desse tipo de gente, fruto de uma infância não superada, morando nos Jardins, o bairro rico de São Paulo.

A Nova República acabou, diz filósofo Vladimir Safatle

Daniel Buarque - Do UOL, em São Paulo
15/03/2015 10h58

<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/a-nova-republica-acabou-diz-filosofo-vladimir-safatle.htm>

Ouvir texto

0:00

Imprimir Comunicar erro

• Danilo Verpa/Folhapress



Centenas de milhares de pessoas são esperadas em protestos contra a corrupção e o governo Dilma por todo o país neste domingo. Dois dias antes, milhares de manifestantes foram às ruas de várias cidades defender o governo democraticamente eleito. Entre defensores da situação e da oposição há uma disputa pelo poder, e o país parece enfrentar um teste de estresse político inédito, como avaliou o cientista político André Singer. Para o filósofo Vladimir Safatle, entretanto, o momento é muito pior de que as pessoas querem admitir, mas não estamos passando por uma simples disputa entre PT e PSDB, pois o problema é mais amplo e atinge todo o sistema político nacional. "Nesse momento da história, é necessário ter claro o fato de que a Nova República acabou, morreu", disse, em entrevista ao **UOL Notícias**. Safatle é professor livre-docente do Departamento de filosofia da USP (Universidade de São Paulo) e colunista da "Folha de S.Paulo". Segundo ele, nem mesmo durante a ditadura houve uma depressão sociocultural como a atual, e as manifestações populares são um sinal do esgotamento nunca antes visto do modelo político - um problema que vai além da corrupção e a crise de representatividade. "Trocar o PT por outro partido não muda nada. É como trazer Dunga de volta à seleção brasileira após a derrota na Copa. Continuamos aprisionados ao processo", disse. "Se é verdade que os partidos políticos fazem parte dos protestos, é piada achar que as passeatas podem fazer diferença."

Safatle acredita que o governo Dilma já naufragou. Segundo ele, entretanto, a solução passa não por impeachment, mas por uma reforma ampla do modelo democrático que aumente a participação da sociedade nas decisões políticas. "O país está em ebulição, procurando novas formas desesperadamente", disse.

Leia abaixo a entrevista completa.

UOL - Há setores da sociedade falando em impeachment atualmente, e há quem acuse esses setores de serem golpistas. O que o senhor acha das atuais manifestações?

Vladimir Safatle - O estranho das manifestações atuais é saber o que elas querem. Vão afastar o governo para quê? Não se fala em estabelecimento de uma nova ideia de política no país. Se é verdade que os partidos políticos fazem parte dos protestos, é piada achar que as passeatas podem fazer diferença.

Mesmo assim, essa manifestação é só a primeira. O país não vai ficar quatro anos paralisado. O governo Dilma cometeu dois erros mortais. Primeiro ele desmobilizou o próprio campo numa situação de tensão, e mesmo as pessoas que circulavam em torno do núcleo ideológico do governo foram desmobilizadas quando ela mudou o encaminhamento econômico e parou de governar. Segundo, ela transformou o medo no aspecto político central da sua campanha. O governo já naufragou. A questão é saber se a esquerda vai naufragar junto com ele.

UOL - Vivemos atualmente uma instabilidade política em meio a comemorações de 30 anos da redemocratização. A democracia brasileira está consolidada? Pode-se dizer que o Brasil é uma democracia de fato?

Safatle - O Brasil é uma neodemocracia. Precisamos de mais conceitos para compreender situações como a brasileira. Não há só dois conceitos em oposição, não é uma questão apenas de democracia ou regime autoritário. A situação do Brasil é um tipo de experiência política em que se tem uma série de garantias democráticas, mas também se tem uma permeabilidade a forças de fora do espectro político que interferem de maneira tal na aplicação da lei e que fazem com que não possamos falar em democracia no sentido completo do termo.

Apesar disso, é falso chamar de "democracia incompleta". O certo é dizer que é uma neodemocracia que gira em torno dos seus impasses há 30 anos. Do final dos anos 1980 até hoje a democracia não se aperfeiçoou, e os seus problemas ficaram mais evidentes, como a baixa participação popular, um sistema parlamentar que produz distorções no sistema representativo e perpetuação de castas que interferem no sistema, interferências econômicas inacreditavelmente altas nos processos eleitorais.

Nesse momento da história, é necessário ter claro o fato de que a Nova República acabou, morreu.

UOL - O que isso quer dizer? Quais são os impactos disso para o sistema democrático e para o país?

Safatle - A Nova República foi, entre outras coisas, um modelo de construção pós-ditadura na qual a governabilidade era compreendida através da cooptação de uma parte da classe política que se desenvolveu na própria ditadura, e da gestão de toda essa massa fisiológica da política brasileira vinculada a interesses locais. Foi assim no governo de Fernando Henrique Cardoso, com apoio de Antonio Carlos Magalhães e do PFL, e foi assim no governo Lula, com Sarney. Nos dois casos, o PMDB era o grande gestor da fisiologia política.

Esse modelo se esgotou completamente. A produção de grandes atores políticos, do PT e do PSDB, se desmontou. Esses dois núcleos se esgotaram por completo. Ninguém mais espera que o processo de modernização nacional possa ser feito a partir de propostas desses dois grupos. Os dois já foram testados e demonstraram limites muito evidentes. Ninguém vai conseguir fazer nada continuando este modelo.

O trágico é que quando uma coisa termina, ela não acaba necessariamente logo, e pode continuar como zumbi, como morto-vivo, e o país fica paralisado por muito tempo. Nada está acontecendo, apesar de todos os embates atuais. O fim do modelo é trágico, e leva consigo os atores políticos, intelectuais e formadores de opinião.

UOL - E como fica a democracia nesse processo de esgotamento do modelo?

Safatle - As experiências de democracia liberal, este modelo esgotado, negligenciaram a inteligência prática das pessoas que são afetadas pelas decisões políticas. Existe o problema de pensar que só há política sob o império da representação. Isso é um absurdo e limita a capacidade de pensamento. A filosofia já abandonou essa questão da representação como elemento decisivo. A ideia de representação é equivocada, e as pessoas têm medo de discutir formas alternativas pensando que isso é um convite ao autoritarismo. Não é. Podemos abandonar a ideia de representação sem implicar em unidade totalitária.

O problema da representação é que quando ela se organiza, ela diz quais são as condições para a pessoa ser representável. Quem organiza o espaço de representação define quem ocupa o poder. Criam-se limitações para a participação política e excluem-se uma quantidade enorme de pessoas.

O Brasil vive um processo em que cada vez menos pessoas votam. Isso se repete em muitos outros países, e não é uma questão de confiança no sistema político, mas de descontentamento mesmo em democracias ditas consolidadas, como Inglaterra, Alemanha, França e Itália. Mesmo esses países vivem uma degradação de modelo de democracia representativa.

UOL - Qual a alternativa ao sistema de representação, então?

Safatle - Dentro do contexto atual, é importante ter mais ousadia de pensamento. Acredito na fragmentação da democracia direta, e isso não é discutido mais nem em universidades.

Temos condições técnicas para implementar uma democracia digital, se utilizando da facilidade tecnológica para ter alta participação popular. Não precisamos criar um sistema de representação por impossibilidade de participação. Isso acabou. Podemos, sim, passar gradativamente atribuições de todos os poderes para a participação popular, com capacidade de deliberação. E os poderes se transformam em poderes de implementação de decisões que não são tomadas por eles, mas pela participação popular.

Claro que ninguém é ingênuo de achar que isso é implementado de repente e por mera vontade política. O que é imperdoável é não se tente, não se teste isso, nem que seja em pequena escala. Isso permitira que toda a população tivesse consciência das possibilidades de outras formas de poder e organização do Estado, e sua relação com a sociedade civil, organizada ou não.

O país está em ebulição, procurando novas formas desesperadamente. O país tem consciência de que chegou ao esgotamento e que não quer continuar nesse modelo esgotado.

UOL - O senhor mencionou problemas em democracias da Europa, que costumam ser vistas como modelos mais consolidados. Existe um modelo ideal a ser seguido para fortalecer a democracia?

Safatle - Ninguém nunca esperou a democracia perfeita. A democracia está em processo constante de construção e desconstrução. Uma democracia forte não tem medo de desconstruir suas instituições. O fundamental é a presença contínua do poder constituinte.

Várias democracias consolidadas tiveram mudanças institucionais drásticas, como a França no final dos anos 1960, refundando a república. Precisamos de uma república nova no Brasil hoje. Não

precisamos defender as instituições, mas desconstruir as instituições que funcionam mal. Eu não vou defender o Congresso, pois suas estruturas estão equivocadas. Precisamos de uma discussão profunda sobre o modelo de instituições que queremos. O problema é que a discussão acontece com pessoas que se aproveitam do sistema atual.

UOL - Mesmo com toda a instabilidade, há quem diga que este é o momento mais democrático pelo qual o Brasil já passou, olhando sob a perspectiva histórica. O que o senhor acha?

Safatle - De fato, do ponto de vista do funcionamento democrático, pode parecer que já passamos por situações piores. Claro que não podemos comparar o momento atual com a ditadura, que é a antipolítica por excelência.

Dentro da experiência democrática brasileira, comparando com o período entre 1945 e 1964, entretanto, esta é a primeira vez que a população brasileira olha para o futuro e não vê algo possivelmente diferente do que ela viu até agora. Entre 45 e 64 havia um processo em massa, apesar dos conflitos brutais e tentativas de golpe. Havia a expectativa de uma tomada democrática do poder, de uma implementação de reformas. Havia um projeto que pensava no futuro. De 1985 para cá, houve algo parecido, em dois projetos de modernização nacional. O problema é que esses dois projetos acabaram. Pela primeira vez na política brasileira temos mais de que uma crise de representação, mas o vazio de atores políticos. Ninguém consegue mobilizar a população brasileira. Nesse contexto, a situação atual brasileira é de fato a pior possível.

Esse tipo de situação, em que países dão menos de que podem dar, cria uma depressão política, econômica e social, e os países ficam menores de que eles são. Não tem nada pior. Nem mesmo durante a ditadura havia uma depressão sociocultural como temos hoje, pois existia uma força de contraposição, que aumentava gradativamente.

UOL - O que poderia ser mudado? Como melhorar o sistema que está em crise?

Safatle - A primeira coisa que é preciso fazer é admitir que estamos nessa situação. Acabou. É preciso que todo mundo fale isso em voz alta para podermos produzir uma nova situação.

Trocar o PT por outro partido não muda nada. É como trazer Dunga de volta à seleção brasileira após a derrota na Copa. Continuamos aprisionados ao processo. Precisamos de uma consciência clara de

que esse é um modelo singular, de esgotamento nunca antes visto. Enquanto não percebermos que acabou, nada vai acontecer.

Vivemos agora a lógica dos pequenos problemas, da corrupção, do estado inchado, quando na verdade o problema é muito maior. Todos os escândalos de corrupção dos últimos 13 anos envolveram todos os partidos relevantes do Brasil. Isso significa que trocar de partidos no interior do modelo de governabilidade é continuar uma piada. O modelo de governabilidade é o grande problema

UOL - O que o senhor acha do debate a respeito de uma possível reforma política?

Safatle - Todo mundo sabe que não haverá reforma política. A reforma política que se propõe é pior de que a situação atual. O Brasil hoje é uma partidocracia. Os partidos vão tentar instituir o monopólio da representação política brasileira. Não é crível esperar que uma reforma política seja feita dessa maneira. Existe uma baixa densidade de participação popular em processos decisórios de estado. A população só é convocada para eleições a cada quatro anos. A população não tem poder de deliberação.

O que tem que ser posto é de uma Constituinte exclusiva para a reforma política. Isso tem que ocorrer fora do parlamento e do processo de escolha determinado pelo parlamento. A Europa pensou sobre isso depois de 2008, e o caso da Islândia é paradigmático. Eles fizeram uma Constituição fora do Parlamento. É preciso fazer um processo em que não são os políticos que são eleitos. Em crise de representação vai-se ao grau zero de representação, aproximando o máximo possível da presença popular, reconstruindo a estrutura institucional a partir disso. A Assembleia tem que ter pessoas simples participando, professores, enfermeiros, pessoas comuns, e não só políticos.

Precisamos de criatividade política. Os países que conseguem mobilizar a população são os que saem da crise. Ter medo, pensar em riscos para a democracia, vai nos deixar num processo infinito de degradação.

Impeachment é pouco

Vladimir Safatle

Você na rua, de novo. Que interessante. Fazia tempo que não aparecia com toda a sua família. Se me lembro bem, a última vez foi em 1964, naquela "Marcha da família, com Deus, pela liberdade". É engraçado, mas não sabia que você tinha guardado

até mesmo os cartazes daquela época: "Vai para Cuba", "Pela intervenção militar", "Pelo fim do comunismo". Acho que você deveria ao menos ter tentado modernizar um pouco e inventar algumas frases novas. Sei lá, algo do tipo: "Pela privatização do ar", "Menos leis trabalhistas para a empresa do meu pai".

Vi que seus amigos falaram que sua manifestação foi uma grande "festa da democracia", muito ordeira e sem polícia jogando bomba de gás lacrimogêneo. E eu que achava que festas da democracia normalmente não tinham cartazes pedindo golpe militar, ou seja, regimes que torturam, assassinam opositores, censuram e praticam terrorismo de Estado. Houve um tempo em que as pessoas acreditavam que lugar de gente que sai pedindo golpe militar não é na rua recebendo confete da imprensa, mas na cadeia por incitação ao crime. Mas é verdade que os tempos são outros.

Por sinal, eu queria aproveitar e parabenizar o pessoal que cuida da sua assessoria de imprensa. Realmente, trabalho profissional. Nunca vi uma manifestação tão anunciada com antecedência, um acontecimento tão preparado. Uma verdadeira notícia antes do fato. Depois de todo este trabalho, não tinha como dar errado.

Agora, se não se importar, tenho uma pequena sugestão. Você diz que sua manifestação é apartidária e contra a corrupção. Daí os pedidos de impeachment contra Dilma. Mas em uma manifestação com tanta gente contra a corrupção, fiquei procurando um cartazete sobre, por exemplo, a corrupção no metrô de São Paulo, com seus processos milionários correndo em tribunais europeus, ou uma mera citação aos partidos de oposição, todos eles envolvidos até a medula nos escândalos atuais, do mensalão à Petrobras, um "Fora, Alckmin", grande timoneiro de nosso "estresse hídrico", um "Fora, Eduardo Cunha" ou "Fora, Renan", pessoas da mais alta reputação. Nada.

Se você não colocar ao menos um cartaz, vai dar na cara de que seu "apartidarismo" é muito farsesco, que esta história de impeachment é o velho golpe de tirar o sujeito que está na frente para deixar os operadores que estão nos bastidores intactos fazendo os negócios de sempre. Impeachment é pouco, é cortina de fumaça para um país que precisa da refundação radical de sua República. Mas isto eu sei que você nunca quis. Vai que o povo resolve governar por conta própria.

VLADIMIR SAFATLE

Golpismo sim, senhor

ANTONIO LASSANCE 15 de Março de 2015 às 15:32

As manifestações do dia 15 são uma marcha golpista, antidemocrática, hipócrita, financiada empresarialmente e comandada por aqueles que perderam a eleição

(originalmente publicado na [Carta Maior](#))

Era uma vez uma manifestação que se dizia em defesa do Brasil, da democracia e contra a corrupção. Aconteceria em várias capitais do país e reuniria todos os cidadãos de bem, honestos e interessados em lutar contra os desmandos e malfeitos que tomavam conta do país.

Era um movimento apartidário, de pessoas indignadas que abominavam a política como ela é e que resolveram tomar uma atitude em defesa da moral e dos bons costumes na política e na sociedade.

Palavras de ordem pediam a renúncia ou afastamento (o que hoje se chama pelo nome técnico de impeachment) de quem ocupava a Presidência da República. Uma minoria mais afoita pedia abertamente um golpe militar para varrer a sujeira que contaminava as instituições.

A imprensa golpista deu a essa iniciativa e a seu espírito aguerrido a mais ampla divulgação - antes, durante e depois. Celebidades se manifestaram, como que tomadas por imperioso e urgente esforço de emprestar um pouco de seu brilho àquele espetáculo.

Empresários benevolentes patrocinaram os gastos como quem paga um banquete caro, mas que vale a pena pelo que pode proporcionar num futuro próximo.

O evento foi um sucesso de público e crítica. Levou milhões às ruas. Se não levou, a imprensa golpista falou que levou e reproduziu imagens de aglomerações de centenas e mesmo milhares de pessoas que fariam os milhões parecerem verdade. Até mesmo expressões do tipo 'o país inteiro está com a gente' e 'ninguém aguenta mais' tornariam-se mentiras muito sinceras.

Um detalhe importante é que as pessoas se manifestavam por meio de cartazes que diziam 'queremos governo honesto', 'verde e amarelo, sem foice e sem martelo' e também pediam políticos no xadrez - não todos, só os que incomodavam. Afinal, é para isso que servem as prisões, para colocar lá as pessoas que não toleramos, não é mesmo?

A primeira daquelas marchas aconteceu há cerca de meio século - tempo suficiente para que muitos jamais tenham ouvido falar dela e outros a requeiem ao esquecimento. Tempo suficiente para que a fórmula gasta possa ser reprisada sem que alguém pense já ter visto esse filme.

A primeira dessas manifestações ocorreu em São Paulo, a 19 de março do ano de 1964. A marcha apartidária era organizada por políticos reacionários de partidos de direita.

O combate à corrupção tinha o apoio entusiasmado do governador de São Paulo, Adhemar de Barros, talvez o primeiro político brasileiro associado ao epíteto "rouba, mas faz".

Foi apelidada de Marcha da Família com Deus, pela Liberdade, um slogan impositivo e bastante eficiente; afinal, quem não está com Deus, pela família e pela liberdade bom sujeito não é.

Nas manifestações de 1964, quando as pessoas 'de bem' chegavam, ao invés de Deus, família e liberdade, se deparavam com cartazes um pouco diferentes, do tipo 'tá chegando a hora de Jango ir embora', 'Brizola no xadrez' e 'intervenção militar, já!'. Faz parte da democracia cada um dizer o que quer, não é mesmo?

O espírito cívico e democrático do evento foi saudado como o primeiro passo para um golpe que, em 1º de abril daquele ano, instaurou uma ditadura. O trabalho de limpar o país da corrupção foi tão bem feito que nos deixou de legado, como maiores referências da política nacional de então, figuras como Paulo Maluf, José Sarney e Antônio Carlos Magalhães.

Em prol da liberdade se fez o Estado de sítio, a censura e a tortura em larga escala. Os que invocaram o nome de Deus transformaram os verbos roubar, matar e odiar em política de Estado.

A velha história de sempre se repete, ou quase. Da mesma forma como um filósofo barbudo e genial do século XIX nos alertava: da primeira vez, como tragédia; da segunda, como farsa.

Sabedores que somos da tragédia que se abateu sobre o país quando o golpismo e a intolerância se fingiram de espírito cívico e democrático, não devemos ter com a manifestação do dia 15 qualquer condescendência. Meias palavras servem apenas para raciocínios pela metade.

Que eles todos, sem exceção, sejam tratados da forma como bem merecem e homenageados pelo papel histórico que pretendem cumprir, como todos aqueles que marcharam contra Jango em 1964.

As manifestações do dia 15 são uma marcha golpista, antidemocrática, hipócrita, financiada empresarialmente, comandada pelos partidos que perderam as eleições e coalhada de gente irritada que quer apenas desabafar, mas não faz a menor ideia dos interesses que estão por trás do convite que receberam para protestar.

Falar de impeachment não é golpismo, certo? Certíssimo. Mas falar de impeachment de uma presidente da República eleita sobre a qual não pesa, em qualquer inquérito, a mínima evidência de qualquer envolvimento com crimes de corrupção é golpismo sim, senhor. Golpismo da pior espécie.

As manifestações de 2015 pelo impeachment são tão democráticas e inofensivas para as instituições quanto foram aquelas que serviram de mote para o golpe de 1964.

Quinze de março é dia do desfile da hipocrisia. Feito por gente que quer o impeachment de Dilma, mas gastou seu tempo no Congresso, nesta última semana, defendendo Eduardo Cunha (presidente da Câmara) e Renan Calheiros (presidente do Senado) contra a ação do Procurador-Geral da República no escândalo da Lava Jato.

O senador Aécio Neves diz que o ato, do qual fala como um verdadeiro porta-voz, é contra o estelionato eleitoral, assunto no qual é um especialista, basta ver os resultados de seu choque de gestão em Minas Gerais. Se for isso mesmo, no domingo se pedirá, em São Paulo, a cabeça do governador Geraldo Alckmin; em Curitiba, a de Beto Richa; no Rio Grande do Sul, a de José Ivo Sartori.

As manifestações de domingo são tão apartidárias quanto o ilustre candidato a vice-presidente na chapa de Aécio Neves, o senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), que já confirmou presença. São tão éticas e probas quanto era o ex-senador Demóstenes Torres (DEM-GO), que ainda não confirmou presença, anda até meio sumido, mas certamente torce pelo sucesso de mais essa empreitada.

Dessa vez, a marcha do dia 19 de março cairá no dia 15, mas saberemos, assim como há 50 anos, o tamanho do golpismo no Brasil. E teremos a chance de ver sua face mais obtusa e saliente. Pena que não a fizeram já no ano passado. Poderiam ter comemorado bodas de sangue.

A tragédia golpista se repete agora como farsa golpista. Marte, o deus da guerra, virá platinado por um rio de painéis de alumínio, tão vazias de espírito cívico e democrático quanto as cabeças dos que as empunharão. Quanto mais ocas, mais estridentes.

Dia 15 passará para a posteridade como o dia em que a oposição, cansada de perder eleições, teve uma vitória de Pirro, mas saiu derrotada ao assumir de vez seu espírito antidemocrático, golpista, hipócrita e irresponsável diante das instituições do país.

Aqueles que querem fazer parte da história do golpismo no Brasil poderão estrear seu álbum de fotos. Que façam bom proveito de seu domingo.

Foi mais uma palhaçada que um protesto

Postado em 15 mar 2015 - <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/com-todo-o-respeito-foi-muito-mais-uma-palhaçada-que-um-protesto/>

Paulo Nogueira

Também idiomas estrangeiros foram agredidos

No futuro, quando a posteridade quiser aferir a estupidez política destes dias, bastará olhar para as fotos do protesto deste domingo.

Os pósteros não terão nem o trabalho de ler textos.

Nas fotos, pessoas faziam o seguinte:

1. Pediam intervenção em variadas línguas, frequentemente com erros monumentais. Num cartaz, um homem com um apito nas bocas pedia um golpe militar em alemão.
2. Mostravam o tipo de ideologia que as move. Foi possível encontrar até uma suástica na Paulista.
3. Deixavam claro seu conceito de democracia. Viralizou nas redes sociais uma imagem em que Dilma aparece enforcada. Um pouco menos agressivo, um cidadão foi às ruas com uma camiseta na qual se lia: “O Dilma!! Vai tomar no CÚ”. O acento no “u” era

apenas um sinal de quanto o português foi agredido nas manifestações de hoje por analfabetos não apenas políticos, mas gramaticais.

4. Invocavam figuras como Jesus. Num cartaz, Jesus Cristo dividia espaço com o diabo. Estava dito: “O PT segue o comunismo. O PT adora o diabo. O PT rouba, mente e quer fechar todas as igrejas porque não acredita em Deus.”
5. Ofereciam-se para pagar a Dilma uma passagem para a Indonésia, presumivelmente para que ela seja fuzilada. Poderíamos ir adiante, muito adiante, na lista das aberrações.

O que passa na cabeça das pessoas que foram às ruas hoje? Aparentemente, nada. Ou pensamentos tenebrosos, a julgar pelos cartazes que elas portaram pelo país.

Mas quantas são exatamente essas pessoas? Ou melhor: quantas foram à avenida Paulista, epicentro dos protestos?

Há um problema aí. A PM de São Paulo, que costuma fazer a estimativa, tem-se comportado como um partido político. Seus números são ideológicos, e não concretos.

No meio da tarde, a PM falou em 1 milhão de manifestantes. É um número imponente, redondo, vibrante – mas, ao que tudo indica, falso.

O Datafolha, insuspeito de simpatia pelo PT, trouxe no começo da noite um cálculo *cinco* vezes menor. Repito: *cinco*. Isso quer dizer o seguinte: a partir de agora, a PM de São Paulo, já tão desacreditada pela violência, passa a ser desprezada até como contadora de pessoas em manifestações.

Apenas para registro: é menos que a Parada Gay de 2012, que levou 270 000 pessoas para a Paulista.

Dado o reacionarismo dos que foram à Paulista, não chegou a ser surpresa o fato de muita gente tirar selfies com os policiais militares.

Camaradas

Muito depois de o Datafolha corrigir a PM, a Globonews continuava a alardear o milhão nas análises de seus comentaristas.

A cobertura da Globonews nos protestos lembrava Galvão narrando Senna. Torcida, euforia, paixão – e nada de jornalismo.

“A manifestação não está na rua, mas na tevê”, disse no Facebook Gilberto Maringoni, candidato do PSOL ao governo paulista em 2014.

“A Globonews tá em surto”, disse, no Twitter, o jornalista e ativista Bruno Torturra.

Momento de humor na Paulista

Anos de informação desonesta da mídia construíram a multidão que hoje foi às ruas.

O que muda a partir de agora?

Pouca coisa.

O impacto dos protestos, pelos números do Datafolha, tem apenas um quinto da potência que se imaginou que tivesse.

Dilma tem quase todo o segundo mandato para fazer as coisas que verdadeiramente poderão mudar o Brasil.

Uma reforma política, em primeiro lugar. Não uma de mentirinha, como a intentada por Eduardo Cunha.

Mas uma que traga mudanças como a proibição do financiamento privado das campanhas, que é a forma como a plutocracia toma conta da democracia e, mais que isso, é a origem suprema da corrupção.

Dilma não poderá fugir também da luta pela regulação da mídia.

Quanto a mídia deixou de informar a sociedade para simplesmente manipulá-la, ficou claro na patética cobertura da Globonews aos protestos.

E agora? Manifestações desafiam o governo

Dilma e a democracia

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA

16 Março 2015 | 11:50

Os apoiadores do governo Dilma quiseram se contrapor às manifestações de ontem, domingo 15 de março, e perderam. Perderam, antes de tudo, porque na sexta-feira puseram menos gente nas ruas e não conseguiram dramatizar o ato que organizaram. Foram superados em alguns bons milhões, o que não é desprezível se considerarmos que povo nas ruas era, até então (ou até 2013), uma espécie de monopólio do PT.

Foram efetivamente milhões contra o governo. Especialmente da classe média e da “classe alta”, pelo que se pôde ver na superfície, nas caras, no estilo. Eleitores tucanos, na maioria, com certeza. Mas teria sido somente isso? O povão terá permanecido indiferente, alheio à massa de gente que se manifestou? Fechou-se em silêncio para reiterar o apoio ao governo? Não há como saber. Os governistas disseram que foi uma manifestação de “brancos”, que os negros ficaram em casa. Falaram que as pessoas foram induzidas e estimuladas pela Globo e pela “mídia golpista”, que os “fascistas” eram a maioria. Tentaram fazer de tudo para deslegitimar os protestos. O que fica são as imagens da TV, um pouco de bom senso analítico e as vibrações da corrente elétrica que tomou conta de muitas cidades e que, em São Paulo, permaneceu ativa durante 12 horas. Perto da meia-noite ainda se ouvia uma panelinha aqui e ali.

Foi um barulho emblemático, simbólico, polifônico e em boa medida espontâneo, fora de controle. Expressou a babel brasileira em ação, juntando democratas irritados, gente desencantada com a política, grupos saudosos da ditadura e pessoas que acreditam que uma “intervenção militar” pode endireitar o país. Falou-se contra o PT e o comunismo, como se fossem sinônimos, contra a corrupção, contra os políticos e os partidos. Vestidas de verde-e-amarelo, as vozes pareciam querer se unir em torno da defesa de um País. Não necessariamente de uma comunidade política.

O governo também perdeu quando quis reagir. Não porque escalou Rossetto e Cardoso para falarem pela Presidente. Eles até que cumpriram o que deve ter sido combinado. O problema foi o script, o teor da fala, a postura. Nenhuma novidade, nenhuma proposta, nem sequer um minúsculo reconhecimento de que há um fosso entre as ruas e o Palácio. Ofereceram o mesmo lenga-lenga de sempre, sem nem se darem ao trabalho de requebrá-lo.

O governo Dilma errou feio quando fez de conta que não sentiu a pancada. Não saiu do córner para onde foi empurrado. Isolou-se um pouco mais. Continuou a insistir nas mesmices que adotou como discurso desde 2013: há uma crise mundial, não temos culpa pelas

dificuldades, fizemos tudo certo até agora mas o modelo se esgotou e a conjuntura conspira contra, estamos empenhados em estruturar um pacto contra a corrupção e pela reforma política.

O painel que acompanhou a entrevista dos ministros foi uma declaração bombástica: mudem o disco, este que continua a nos ser oferecido ninguém mais quer ouvir.

Foi preocupante. Não é bom para a democracia que um governo recém-eleito fique nas cordas, sem capacidade de reação inteligente. Como não cairá — não há golpe nem *impeachment* com chances reais de afirmação —, a perspectiva de tê-lo enfraquecido e zonzinho por mais quatro anos não é boa. Poderá deixar as coisas ainda piores, sobretudo no chão duro da vida. Não somente na política.

Por isto, hoje há uma única pergunta pedindo respostas: e agora? O importante não é descobrir os próximos passos dos opositores, se haverá ou não novas manifestações, se serão ainda maiores e envolverão as forças políticas, ou se a onda arrefecerá na praia. O importante é, por um lado, ver o efeito disso na democracia, no sistema político e nos partidos: ver como reagirão, se conseguirão estabelecer um link ativo com as ruas, se conseguirão ser mais protagonistas e ajudar a organizar politicamente a virtude das ruas. Por outro lado, e sobretudo, é saber o que fará o governo Dilma, o PT, sua base parlamentar. Não é razoável achar que não farão nada. Não é razoável, mas a vida não é feita só de ações e reações razoáveis. Sempre há cordas e espaços para quem pensa em se enforcar.

Os políticos brasileiros — todos eles, sem exceção — têm cultuado um desconcertante desprezo pela interação social: não dialogam com o povo, não vão aonde ele está, só o procuram em épocas eleitorais. Não demonstram qualquer disposição para compreender a sociedade que aí está. São “antissociológicos”, digamos assim: acham que sociologia e análise sociológica são coisas de intelectuais acadêmicos, diversionismo e perda de tempo. Parecem desconhecer o mundo em que vivem, não reconhecem que o modo de vida mudou, que as pessoas são diferentes e estão mais massificadas do que nunca, não cabendo mais nos esquemas analíticos dicotômicos: nós e eles, ricos e pobres, burgueses e proletários.

A própria dupla esquerda x direita — que continua vivíssima, assim como o conflito social — ganhou contornos mais complicados. Os políticos precisam se libertar dos chavões dogmáticos que fazem com que a luta de classes se converta em expediente doutrinário para a luta política e perca densidade como critério de análise

política. Não adianta falar em correlação de forças sem que se compreenda o estado atual das forças em jogo. São completamente insuficientes os lugares-comuns do “bom governismo”: estamos fazendo o melhor, o certo e o possível, mas nossos inimigos não nos dão trégua e não nos deixam fazer mais. Falar em participação e democracia é fácil, difícil é viabilizar isso como critério de sustentação governamental e de governação.

O governo Dilma ainda tem 14 rounds pela frente, depois de ter saído grogue do primeiro. Os que estão contra ele hoje ainda não estão articulados e nem apoiam seus adversários da oposição política. O governo tem tempo e recursos para sair do córner e agir com inteligência. Deveria começar por um ajuste no discurso e na comunicação, explicar porque não consegue cumprir as promessas eleitorais de 2014, caprichar na linguagem. Pode mexer no ministério: incluir nele uma boa cota de figuras dotadas de brilho próprio e liderança. Se fizer isso, porém, para dar mais peso ao PMDB e acalmar a tropa no Congresso, pulará no precipício. O governo e o PT deveriam reformular o modo como praticam o presidencialismo de coalizão. Se quiser ganhar corpo e decolar, o governo pode até mesmo acenar para a oposição, chamá-la para conversar e fazer algo em conjunto.

Para qualquer uma destas opções, porém, precisa se desvencilhar da empáfia, da arrogância e da autossuficiência, aceitar que errou em certos pontos, que não retém toda a sabedoria política e gerencial da nação, que a crise é real e complicada não só porque o capitalismo globalizado é real e complicado, mas porque a sociedade brasileira é real e complicada, não tem donos nem patronos.

Podemos esperar algo assim?

A mais maldita das heranças do PT

Mais brutal para o Partido dos Trabalhadores pode ser não a multidão que ocupou as ruas em 15 de março, mas aquela que já não sairia de casa para defendê-lo em dia nenhum

- [Leia mais artigos de Eliane Brum no EL PAÍS Brasil](#)
- [Uma multidão protesta contra o Governo Dilma](#)
- FOTOGALERIA [Os protestos pelo Brasil](#)

ELIANE BRUM 16 MAR 2015 - 13:10 BRT

- Recomendar no Facebook 2.226
- Twitter 254
- Enviar para LinkedIn 0
- Enviar para Google + 2

O maior risco para o PT, para além do governo e do atual mandato, talvez não seja [a multidão que ocupou as ruas do Brasil](#), mas a que não estava lá. São os que não estavam nem no dia 13 de março, quando [movimentos como CUT, UNE e MST organizaram uma manifestação](#) que, apesar de críticas a medidas de ajuste fiscal tomadas pelo governo, defendia a presidente Dilma Rousseff. Nem estavam no já histórico domingo, 15 de março, [quando centenas de milhares de pessoas aderiram aos protestos](#), em várias capitais e cidades do país, em manifestações contra Dilma Rousseff articuladas nas redes sociais da internet, com bandeiras que defendiam o fim da corrupção, o impeachment da presidente e até uma aterradora, ainda que minoritária, defesa da volta da ditadura. São os que já não saíam de casa em dia nenhum empunhando uma bandeira do PT, mas que também não atenderiam ao chamado das forças de 15 de março, os que apontam que o partido perdeu a capacidade de representar um projeto de esquerda – e gente de esquerda. É essa herança do PT que o Brasil, muito mais do que o partido, precisará compreender. E é com ela que teremos de lidar durante muito mais tempo do que o desse mandato.

Tenho dúvidas sobre a tecla tão batida por esses dias do Brasil polarizado. [Como se o país estivesse dividido em dois polos opostos e claros](#). Ou, como querem alguns, uma disputa de ricos contra pobres. Ou, como querem outros, entre os cidadãos contra a corrupção e os beneficiados pela corrupção. Ou entre os a favor e os contra o governo. Acho que a narrativa da polarização serve muito bem a alguns interesses, mas pode ser falha para a interpretação da atual realidade do país. Se fosse simples assim, mesmo com a tese do impeachment nas ruas, ainda assim seria mais fácil para o PT.

Algumas considerações prévias. Se no segundo turno das eleições de 2014, [Dilma Rousseff ganhou por uma pequena margem](#) – 54.501.118 votos contra 51.041.155 de Aécio Neves –, não há dúvida de que ela ganhou. Foi democraticamente eleita, fato que deve ser respeitado acima de tudo. Não existe até esse momento [nenhuma base para impeachment](#), instrumento traumático e seríssimo que não pode ser manipulado com leviandade, nem mesmo no discurso. Quem não gostou do resultado ou se arrependeu do voto, paciência, vai ter de esperar a próxima eleição. Os resultados valem também quando a gente não gosta deles. E

tentar o contrário, sem base legal, é para irresponsáveis ou ignorantes ou golpistas.

Na tese do Brasil polarizado, onde ficam os mais de 37 milhões que não votaram nem em Dilma nem em Aécio?

No [resultado das eleições](#) ampliou-se a ressonância da tese de um país partido e polarizado. Mas não me parece ser possível esquecer que outros 37.279.085 brasileiros não escolheram nem Dilma nem Aécio, votando nulo ou branco e, a maior parte, se abstendo de votar. É muita gente – e é muita gente que não se sentia representada por nenhum dos dois candidatos, pelas mais variadas razões, à esquerda e também à direita, o que complica um pouco a tese da polarização. Além das divisões entre os que se polarizariam em um lado ou outro, há mais atores no jogo que não estão nem em um lado nem em outro. E não é tão fácil compreender o papel que desempenham. No mesmo sentido, pode ser muito arriscado acreditar que quem estava nos protestos neste domingo eram todos [eleitores de Aécio Neves](#). A rua é, historicamente, o território das incertezas – e do incontrollável.

Há lastro na realidade para afirmar também que uma parte dos que só aderiram à Dilma Rousseff no segundo turno era composta por gente que acreditava em duas teses amplamente esgrimidas na internet às vésperas da votação: 1) a de que Dilma, assustada por quase ter perdido a eleição, [em caso de vitória faria “uma guinada à esquerda”](#), retomando antigas bandeiras que fizeram do PT o PT; 2) a de votar em Dilma “para manter as conquistas sociais” e “evitar o mal maior”, então representado por Aécio e pelo PSDB. Para estes, Dilma Rousseff não era a melhor opção, apenas a menos ruim para o Brasil. E [quem pretendia votar branco, anular o voto ou se abster](#) seria uma espécie de traidor da esquerda e também do país e do povo brasileiro, ou ainda um covarde, acusações que ampliaram, às vésperas das eleições, a cisão entre pessoas que costumavam lutar lado a lado pelas mesmas causas. Neste caso, escolhia-se ignorar, acredito que mais por desespero eleitoral do que por convicção, que votar nulo, branco ou se abster também é um ato político.

Faz sentido suspeitar que uma fatia significativa destes que aderiram à Dilma apenas no segundo turno, que ou esperavam “uma guinada à esquerda” ou “evitar o mal maior”, ou ambos, decepcionaram-se com o seu voto depois da escolha de ministros como [Kátia Abreu](#) e [Joaquim Levy](#), à direita no espectro político, assim como com medidas que afetaram os direitos dos

trabalhadores. Assim, se a eleição fosse hoje, é provável que não votassem nela de novo. Esses arrependidos à esquerda aumentariam o número de eleitores que, pelas mais variadas razões, votaram em branco, anularam ou não compareceram às urnas, tornando maior o número de brasileiros que não se sentem representados por Dilma Rousseff e pelo PT, nem se sentiriam representados por Aécio Neves e pelo PSDB.

Esses arrependidos à esquerda, assim como todos aqueles que nem sequer cogitaram votar em Dilma Rousseff nem em Aécio Neves porque se situam à esquerda de ambos, tampouco se sentem identificados com qualquer um dos [grupos que foi para as ruas no domingo contra a presidente](#). Para estes, não existe a menor possibilidade de ficar ao lado de figuras [como o deputado federal Jair Bolsonaro \(PP\)](#) ou de defensores da ditadura militar ou mesmo de *Paulinho da Força*. Mas também não havia nenhuma possibilidade de andar junto com movimentos como CUT, UNE e MST, que para eles “pelegaram” quando o PT chegou ao poder: deixaram-se cooptar e esvaziaram-se de sentido, perdendo credibilidade e adesão em setores da sociedade que costumavam apoiá-los.

Não há hoje uma figura nacional para ocupar o lugar de representação da
esquerda

Essa parcela da esquerda – que envolve desde pessoas mais velhas, que historicamente apoiaram o PT, e muitos até que ajudaram a construí-lo, mas que se decepcionaram, assim como jovens filhos desse tempo, em que a ação política precisa ganhar horizontalidade e se construir de outra maneira e com múltiplos canais de participação efetiva – [não encontrou nenhum candidato que a representasse](#). No primeiro turno, dividiram seus votos entre os pequenos partidos de esquerda, como o PSOL, [ou votaram em Marina Silva](#), em especial por sua compreensão da questão ambiental como estratégica, num mundo confrontado com a mudança climática, mas votaram com dúvidas. No segundo turno, não se sentiram representados por nenhum dos candidatos.

Marina Silva foi quem chegou mais perto de ser uma figura com estatura nacional de representação desse grupo à esquerda, mais em 2010 do que em 2014. Mas fracassou na construção de uma alternativa realmente nova dentro da política partidária. Em parte por não ter conseguido registrar seu partido a tempo de concorrer às eleições, [o que a fez compor com o PSB, sigla bastante complicada](#) para quem a apoiava, e assumir a cabeça de chapa por

conta de uma tragédia que nem o mais fatalista poderia prever; em parte [por conta da campanha mentirosa e de baixíssimo nível](#) que o PT fez contra ela; em parte por equívocos de sua própria campanha, como [a mudança do capítulo do programa em que falava de sua política para os LGBTs](#), recuo que, além de indigno, só ampliou e acentuou a desconfiança que muitos já tinham com relação à interferência de sua fé evangélica em [questões caras como casamento homoafetivo e aborto](#); em parte porque escolheu ser menos ela mesma e mais uma candidata que supostamente seria palatável para estratos da população que precisava convencer. São muitas e complexas as razões.

O que aconteceu com Marina Silva em 2014 merece uma análise mais profunda. O fato é que, embora ela tenha ganhado, no primeiro turno de 2014, cerca de 2,5 milhões de votos a mais do que em 2010, seu capital político parece ter encolhido, e o partido que está construindo, a Rede Sustentabilidade, já sofreu deserções de peso. Talvez ela ainda tenha chance de recuperar o lugar que quase foi seu, mas não será fácil. Esse é um lugar vago nesse momento.

Há uma parcela politizada, à esquerda, que hoje não se sente representada nem pelo PT nem pelo PSDB, não participou de nenhum dos painéis nem de nenhuma das duas grandes manifestações dos últimos dias, [a de 15 de março várias vezes maior do que a do dia 13](#). É, porém, muito atuante politicamente em várias áreas e tem grande poder de articulação nas redes sociais. Não tenho como precisar seu tamanho, mas não é desprezível. É com essa parcela de brasileiros, que votou em Lula e no PT por décadas, mas que deixou de votar, ou de jovens que estão em movimentos horizontais apartidários, por causas específicas, que apontam o que de fato deveria preocupar o PT, porque esta era ou poderia ser a sua base, e foi perdida.

O partido das ruas perdeu as ruas porque acreditou que não precisava mais caminhar por elas

A parcela de esquerda que não bateria panelas contra Dilma Rousseff, mas também não a defenderia, aponta a falência do PT em seguir representando o que representou no passado. Aponta que, em algum momento, [para muito além do Mensalão e da Lava Jato](#), o PT escolheu se perder da sua base histórica, numa mistura de pragmatismo com arrogância. É possível que o PT tenha deixado de entender o Brasil. Envelhecido, não da forma desejável, representada por aqueles que continuam curiosos em compreender

e acompanhar as mudanças do mundo, mas envelhecido da pior forma, cimentando-se numa conjuntura histórica que já não existe. E que não voltará a existir. Essa aposta arriscada precisa que a economia vá sempre bem; quando vai mal, o chão desaparece.

Fico perplexa quando lideranças petistas, e mesmo Lula, perguntam-se, ainda que retoricamente, por que perderam as ruas. Ora, perderam porque o PT gira em falso. O partido das ruas perdeu as ruas – menos porque foi expulso, mais porque se esqueceu de caminhar por elas. Ou, pior, acreditou que não precisava mais. Nesse contexto, Dilma Rousseff é só a personagem trágica da história, porque em algum momento [Lula, com o aval ativo ou omissivo de todos os outros](#), achou que poderia eleger uma presidente que não gosta de fazer política. Estava certo a curto prazo, podia. Mas sempre há o dia seguinte.

Não adianta ficar repetindo que [só bateu panela quem é da elite](#). Pode ter sido maior o barulho nos bairros nobres de São Paulo, por exemplo, mas basta um pequeno esforço de reportagem para constatar que houve batucada de panelas também em bairros das periferias. Ainda que as panelas batessem só nos bairros dos ricos e da classe média, não é um bom caminho desqualificar quem protesta, mesmo que você ou eu não concordemos com a mensagem, com termos como “sacada gourmet” ou “panelas Le Creuset”. Todos têm direito de protestar numa democracia e muitos dos que ridicularizam quem protestou pertencem à mesma classe média e talvez tenham uma ou outra panelinha Le Creuset ou até pagou algumas prestações a mais no apartamento para ter uma sacada gourmet, o que não deveria torná-los menos aptos nem a protestar nem a criticar o protesto.

Nos panelaços, só o que me pareceu inaceitável [foi chamar a presidente de “vagabunda” ou de “vaca”](#), não apenas porque é fundamental respeitar o seu cargo e aqueles que a elegeram, mas também porque não se pode chamar nenhuma mulher dessa maneira. E, principalmente, porque o “vaca” e o “vagabunda” apontam a quebra do pacto civilizatório. É nesses xingamentos, janela a janela, que está colocado o rompimento dos limites, o esgarçamento do laço social. Assim como, no domingo de 15 de março, essa ruptura esteve colocada naqueles que defendiam a volta da ditadura. Não há desculpa para desconhecer que [o regime civil militar que dominou o Brasil pela força](#) por 21 anos [torturou gente, inclusive crianças](#), e matou gente. Muita gente. Assim, essa defesa é inconstitucional e criminosa. Com isso, sim, precisamos

nos preocupar, em vez de misturar tudo numa desqualificação rasteira. É urgente que a esquerda faça uma crítica (e uma autocrítica) consistente, se quiser ter alguma importância nesse momento agudo do país.

Tão ou mais importante do que a corrupção, que não foi inventada pelo PT no Brasil, é o fato de o partido ter traído algumas de suas bandeiras de identidade

Também não adianta continuar afirmando que quem foi para as ruas é aquela fatia da população que é contra as conquistas sociais promovidas pelo governo Lula, [que tirou da miséria milhões de brasileiros](#) e fez com que outros milhões ascendessem ao que se chamou de classe C. Pessoas as quais é preciso respeitar mais pelo seu passado do que pelo seu presente ficaram repetindo na última semana que quem era contra o PT não gostava de pobres nos aeroportos ou estudando nas universidades, entre outras máximas. É fato que existem pessoas incomodadas com a mudança histórica que o PT reconhecidamente fez, mas dizer que toda oposição ao PT e ao governo é composta por esse tipo de gente, ou é cegueira ou é má fé.

Num momento tão acirrado, todos que têm expressão pública precisam ter muito mais responsabilidade e cuidado para não aumentar ainda mais o clima de ódio – e disseminar preconceitos já se provou um caminho perigoso. Até a negação deve ter limites. E a negação é pior não para esses ricos caricatos, mas para o PT, que já passou da hora de se olhar no espelho com a intenção de se enxergar. De novo, esse discurso sem rastro na realidade apenas gira em falso e piora tudo. Mesmo para a propaganda e para o marketing, há limites para a falsificação da realidade. Se é para fazer publicidade, a boa é aquela capaz de captar os anseios do seu tempo.

É também por isso que me parece que o grande problema para o PT não é quem foi para as ruas no domingo, nem quem bateu panela, mas quem não fez nem uma coisa nem outra, mas também não tem a menor intenção de apoiá-lo, embora já o tenha feito no passado ou teria feito hoje se o PT tivesse respeitado as bandeiras do passado. Estes apontam o que o PT perdeu, o que já não é, o que possivelmente não possa voltar a ser.

O PT traiu algumas de suas bandeiras de identidade, aquelas que fazem com que em seu lugar seja preciso colocar máscaras que não se sustentam por muito tempo. Traiu não apenas por ter

aderido à corrupção, que obviamente não foi inventada por ele na política brasileira, fato que não diminui em nada a sua responsabilidade. A sociedade brasileira, como qualquer um que anda por aí sabe, é corrupta da padaria da esquina ao Congresso. Mas ser um partido “ético” era um traço forte da construção concreta e simbólica do PT, era parte do seu rosto, e desmanchou-se. Embora ainda existam pessoas que merecem o máximo respeito no PT, assim como núcleos de resistência em determinadas áreas, secretarias e ministérios, e que precisam ser reconhecidos como tal, o partido traiu causas de base, aquelas que fazem com que se desconheça. Muitos dos que hoje deixaram de militar ou de apoiar o PT o fizeram para serem capazes de continuar defendendo o que o PT acreditava. Assim como compreenderam que o mundo atual exige interpretações mais complexas. Chamar a estes de traidores ou de fazer o jogo da direita é de uma boçalidade assombrosa. Até porque, para estes, o PT é a direita.

A síntese das contradições e das traições do PT no poder não é a Petrobras, mas Belo Monte

A parcela à esquerda que preferiu ficar fora de manifestações a favor ou contra lembra que tão importante quanto [discutir a corrupção na Petrobras](#) é debater a opção por combustíveis fósseis que a Petrobras representa, num momento em que o mundo precisa reduzir radicalmente suas emissões de gases do efeito estufa. Lembra que estimular a compra de carros como o governo federal fez é contribuir com o transporte privado individual motorizado, em vez de investir na ampliação do transporte público coletivo, assim como no uso das bicicletas. É também ir na contramão ao piorar as condições ambientais e de mobilidade, que costumam mastigar a vida de milhares de brasileiros confinados por horas em trens e ônibus lotados num trânsito que não anda nas grandes cidades. Lembra ainda que estimular o consumo de energia elétrica, como o governo fez, é uma irresponsabilidade não só econômica, mas socioambiental, já que os recursos são caros e finitos. Assim como olhar para o colapso da água visando apenas obras emergenciais, mas sem se preocupar com a mudança permanente de paradigma do consumo e sem se preocupar com o desmatamento tanto da floresta amazônica quanto do Cerrado quanto das nascentes do Sudeste e dos últimos redutos sobreviventes de Mata Atlântica fora e dentro das cidades é um erro monumental a médio e a longo prazos.

Os que não bateram panelas contra o PT e que não bateriam a favor lembram que a forma de ver o país (e o mundo) do lulismo pode ser excessivamente limitada para dar conta dos vários Brasis. Povos tradicionais e povos indígenas, por exemplo, não cabem nem na categoria “pobres” nem na categoria “trabalhadores”. Mas, ao fazer grandes hidrelétricas na Amazônia, ao ser o governo de Dilma Rousseff o que menos demarcou terras indígenas, assim como teve desempenho pífio na criação de reservas extrativistas e unidades de conservação, ao condenar os povos tradicionais ao etnocídio ou à expulsão para a periferia das cidades, é em pobres que são convertidos aqueles que nunca se viram nesses termos. Em parte, a construção objetiva e simbólica de Lula – e sua forma de ver o Brasil e o mundo – encarna essa contradição ([escrevi sobre isso aqui](#)), que o PT não foi capaz nem quis ser capaz de superar no poder. Em vez de enfrentá-la, livrou-se dos que a apontavam, caso de Marina Silva.

O PT no governo priorizou um projeto de desenvolvimento predatório, baseado em grandes obras, que deixou toda a complexidade socioambiental de fora. Escolha inadmissível num momento em que a ação do homem como causa do aquecimento global só é descartada por uma minoria de céticos do clima, na qual se inclui o atual ministro de Ciência e Tecnologia, Aldo Rebelo, mais uma das inacreditáveis escolhas de Dilma Rousseff. A síntese das contradições – e também das traições – do PT no poder não é a Petrobras, [mas Belo Monte](#). Sobre a usina hidrelétrica já pesa a denúncia de que só a construtora Camargo Corrêa teria pagado mais de R\$ 100 milhões em propinas para o PT e para o PMDB. É para Belo Monte que o país precisaria olhar com muito mais atenção. É na Amazônia, onde o PT reproduziu a visão da ditadura ao olhar para a floresta como um corpo para a exploração, que as fraturas do partido ao chegar ao poder se mostram em toda a sua inteireza. E é também lá que a falácia de que quem critica o PT é porque não gosta de pobre vira uma piada perversa.

A sorte do PT é que a Amazônia é longe para a maioria da população e menos contada pela imprensa do que deveria, ou contada a partir de uma visão de mundo urbana que não reconhece no outro nem a diferença nem o direito de ser diferente. Do contrário, [as barbaridades cometidas pelo PT](#) contra os trabalhadores pobres, os povos indígenas e as populações tradicionais, e contra uma floresta estratégica para o clima, para o presente e para o futuro, seriam reconhecidas como o escândalo

que de fato são. É também disso que se lembram aqueles que não gritaram contra Dilma Rousseff, mas também não a defenderiam.

Lembram também que o PT não fez a reforma agrária; ficou aquém na saúde e na educação, transformando [“Brasil, Pátria Educadora”](#) num slogan natimorto; avançou muito pouco numa política para as drogas que vá além da proibição e da repressão, modelo que encarcera milhares de pequenos traficantes num sistema prisional sobre o qual [o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo](#), já disse que “prefere morrer a cumprir pena”; cooptou grande parte dos movimentos sociais (que se deixaram cooptar por conveniência, é importante lembrar); priorizou a inclusão social pelo consumo, não pela cidadania; recuou em questões como o kit anti-homofobia e o aborto; se aliou ao que havia de mais viciado na política brasileira e aos velhos clãs do coronelismo, como os Sarney.

Isso é tão ou mais importante do que a corrupção, sobre a qual sempre se pode dizer que começou bem antes e atravessa a maioria dos partidos, o que também é verdade. Olhar com honestidade para esse cenário depois de mais de 12 anos de governo petista não significa deixar de reconhecer os enormes avanços que o PT no poder também representou. Mas os avanços não podem anular nem as traições, nem os retrocessos, nem as omissões, nem os erros. É preciso enfrentar a complexidade, por toda as razões e porque ela diz também sobre a falência do sistema político no qual o país está atolado, para muito além de um partido e de um mandato.

Há algo que o PT sequestrou de pelo menos duas gerações de esquerda e é essa a sua herança mais maldita. E a que vai marcar décadas, não um mandato. Tenho entrevistado pessoas que ajudaram a construir o PT, que fizeram dessa construção um projeto de vida, concentradas em lutas específicas. Essas pessoas se sentem traídas porque o partido rasgou suas causas e se colocou ao lado de seus algozes. Mas não traídas como alguém de 30 anos pode se sentir traído em seus últimos votos. Este tem tempo para construir um projeto a partir das novas experiências de participação política que se abrem nesse momento histórico muito particular. Os mais velhos, os que estiveram lá na fundação, não. Estes sentem-se traídos como alguém que não tem outra vida para construir e acreditar num novo projeto. É algo profundo e também brutal, é a própria vida que passa a girar em falso, e justamente no momento mais crucial dela, que é perto do fim ou pelo menos nas

suas últimas décadas. É um fracasso também pessoal, o que suas palavras expressam é um testemunho de aniquilação. Algumas dessas pessoas choraram neste domingo, dentro de casa, ao assistir pela TV o PT perder as ruas, como se diante de um tipo de morte.

O sequestro dos sonhos de pelo menos duas gerações de esquerda é a herança mais maldita do PT, ainda por ser desvendada em toda a sua gama de sentidos para o futuro

O PT, ao trair alguns de seus ideais mais caros, escavou um buraco no Brasil. Um bem grande, que ainda levará tempo para virar marca. Não adianta dizer que outros partidos se corromperam, que outros partidos recuaram, que outros partidos se aliaram a velhas e viciadas raposas políticas. É verdade. Mas o PT tinha um lugar único no espectro partidário da redemocratização, ocupava um imaginário muito particular num momento em que se precisava construir novos sentidos para o Brasil. Era o partido “diferente”. Quem acreditou no PT esperou muito mais dele, o que explica o tamanho da dor daqueles que se desfilaram ou deixaram de militar no partido. A decepção é sempre proporcional à esperança que se tinha depositado naquele que nos decepciona.

É essa herança que precisamos entender melhor, para compreender qual é a profundidade do seu impacto no país. E também para pensar em como esse vácuo pode ser ocupado, possivelmente não mais por um partido, pelo menos não um nos moldes tradicionais. Como se sabe, o vácuo não se mantém. Quem acredita em bandeiras que o PT já teve precisa parar de brigar entre si – assim como de desqualificar todos os outros como “coxinhas” – e encontrar caminhos para ocupar esse espaço, porque o momento é limite. O PT deve à sociedade brasileira um ajuste de contas consigo mesmo, porque o discurso dos pobres contra ricos já virou fumaça. Não dá para continuar desconectado com a realidade, que é só uma forma estúpida de negação.

MAIS INFORMAÇÕES

- **FOTOGALERIA** [Protestos neste domingo](#)
- [Uma multidão protesta contra o Governo Dilma](#)
- [Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências](#)
- [Após 12 anos de governo do PT, parte da esquerda brasileira se vê exilada](#)
- ['Aos que defendem a volta da ditadura', por ELIANE BRUM](#)
- ['Belo Monte: a anatomia de um etnocídio', por E. BRUM](#)

Para o PT, a herança mais maldita que carrega é o silêncio daqueles que um dia o apoiaram, no momento em que perde as ruas de forma apoteótica. O PT precisa acordar, sim. Mas a esquerda também.

Eliane Brum é escritora, repórter e documentarista. Autora dos livros de não ficção *Coluna Prestes - o Averso da Lenda*, *A Vida Que Ninguém vê*, *O Olho da Rua*, *A Menina Quebrada*, *Meus Desacontecimentos* do romance *Uma Duas*.

Site: desacontecimentos.com Email: elianebrum.coluna@gmail.com Twitter: [@brumelianebrum](https://twitter.com/brumelianebrum)

•	Recomendar no Facebook	2.226
•	Twitter	254
•	Enviar para LinkedIn	0
•	Enviar para Google +	2

Dia 15: a geração video-game ficou adulta, ou quase!

Published on 16/03/2015 by [Paulo Ghiraldelli](#)

<http://ghiraldelli.pro.br/video-game/>



Coxinhas são de direita. Por falta de coisa melhor, quibes são de esquerda. Mas não são qualquer direita e ou qualquer esquerda. São os folclóricos. Como é ser folclórico? Ora, é ser ideologizado de tal forma que há a perda do bom senso, ou a falta original dele. Dos dois lados, o caso é um só: o fracasso pessoal e a vontade de se diferenciar sem méritos garante tudo. Então, vem o ridículo.

Veja como funciona o plano histórico dessa geringonça!

Uma parte da esquerda faz o mensalão (2005) e é atacada, e então inventa que está ocorrendo um golpe, e cria na imaginação o PIG: Partido da Imprensa Golpista. Ou seja, certos jornalistas, sem apoio

de lideranças partidárias e sem apoio armado, estariam dando um golpe! Um golpe que já dura mais de dez anos, e que nunca ocorre. Militares não se movem! Que moles! Os Mariners insistem em não vir! Já não se fazem Mariners como antigamente! E pior de tudo, o outro PIG, o PIG real, o Partido da Imprensa Governista, com jornalistas fingindo serem jornalistas para mentir (mas usando o nosso dinheiro – Nassif à frente) continuam alimentando que há um golpe contra o PT. Aí a direita, não contente em deixar o PT mentir sozinho, começa a inventar que há mesmo motivo para o golpe, que o país vive sob o “comunismo de Lula-Dilma”. Por causa de meia dúzia de bolsa-família e uma merreca de leis de proteção a negros, gays, mulheres e crianças, há já o comunismo que, enfim, irá destruir a pátria. Irá destruir a pátria à medida que dá muita coisa para o pobre e faz dele ainda mais vagabundo do que ele já é – dizem o coxinhas. Eles continuam: há uma cubanização do país! Mesmo que Cuba tenha em sua capital um Obama já reconstruindo a hegemonia americana, a Ilha inexplicavelmente continua exportando a Revolução! Putz! Sempre achei que Tchê havia morrido! Ah, sim, mas talvez essa direita, como ela é meio Pondé, imagine que Obama seja um Lênin disfarçado. Uma direita kardecista: Tchê está na pele do Obama. E eis então que os coxinhas saem às ruas pedindo “intervenção militar”, e assim dão razão fantasiosa à fantasia criada pela esquerda. O resultado é o folclore. Todos os trolls do mundo saem da Internet e vão para a Av. Paulista! Foi isso dia 15.

Do que se trata? Ora, nada mais nada menos que o país dominado pelos loucos! Ou pelos mais burros. Ou então, pelos loucos-tontos. Sim, ficou melhor: loucos-tontos. E regado pela pior espécie de TV e de jornalismo, que fez a tonteira parecer séria. Séria seria se tivéssemos mesmos de internar esse pessoal. Aí não haveria vaga.

Voltemos ao mundo menos maluco.

Não há nenhum país comunista no mundo que se apresente como comunista. China? Cuba? Coreia? Ah, parem com isso! Não há nenhuma violência de rua nas nossas manifestações, e mesmo no período Black Bloc, a imprensa andou inflando a coisa. Não estamos no Egito não! Muito menos estamos nos anos 70, com a política americana disputando espaço nos estertores da Guerra Fria e, então, matando Allende por aí. Vejam o Maduro! Todo mundo

está esperando ele cair de ... podre! O Brasil é aquilo lá, uma Venezuela? Está faltando coisas no supermercado? E apesar da recente alta do custo de vida, o consumo foi estancado? E os ricos não estão mais ricos? Calma. A agitação é mais ideológica e folclórica que movida por agentes sociais reais. Tanto é que para conter os coxinhas, os maluquinhos da direita, o PT pagou 35 reais para os de sempre fazerem uma manifestação prévia. Show de calouros dos dois lados. Show de gente que cresceu jogando vídeo game e que imagina que política é isso, aperta-se um botão no Facebook e depois se vai às ruas e, então, o mundo muda – muda para qualquer coisa, sabe-se lá! É a hiperpolitização mais despolitizada que já vi.

É um tipo de politização, a típica de nossos dias. Eu sempre avisei: um dia esses meninos sem aula de história e geografia, sem matemática, mas com celular, cresceriam. E cresceram: gordos. Não fazem esporte. Quando aparecem musculosos, é bomba. Não fazem sexo. Quando fazem, fazem errado. As mulheres hoje reclamam da Geração Vídeo Game, dizem que os homens de hoje não fazem sexo oral, pois possuem nojo de xoxota. Afinal, tudo era muito limpo, viveram em carpetes. Até casa de classe média baixa tem carpete!

Fui da geração Cuba-Libre e assisti aparecer a geração Coca-Cola, depois vi alguns dessa geração morrer de overdose e, sinceramente, nenhum era meu herói morreu nessa leva. Agora vejo a geração coxinha se divertir com a geração quibe e vice versa, todos assistindo seus pais fingirem que não cheiram cocaína. A culpa da cocaína é do preto pobre da favela. Que a Sherazade cuide dele, à bala! Ou então o cinema de esquerda (vulgo cinema nacional) que cuide dele, fazendo-o herói.

O mundo sem essa gente, os quibes e coxinhas, talvez seja melhor mesmo, mas seria muito sem graça. Em tempos como os nossos no Brasil, em que você junta mil comediantes e não forma um verdadeiro, então que os coxinhas e quibes nos façam rir. Só sobrou essa gente para ocupar a profissão de bobó da corte. Vejam as fotos por aí. Se você não rir, então eu lhe peço desculpas, mas tenho de dizer: você é um deles e, então, deverá saber que eu o estou chamando de tonto, para dizer o mínimo.

Paulo Ghiraldelli, 57, filósofo

Post Scriptum

“Aí entra o Aécio, né?”, diz Karin Salden, 28, administradora e empresária. Ela segurava faixa pela renúncia de Dilma, mas quer impeachment. Quando questionada se sabia quem assumiria o Governo, ela falou em novas eleições. “Aí entra o Aécio, né?”. Quando informada que não, que quem assumiria era Michel Temer, fez uma cara de tristeza. “Aí fica difícil, né?”. “Mas a verdade é que eu não aguento mais. Os pequenos empresários estão sofrendo muito com tanta demissão, aumento em tudo” desabafou.
<http://ow.ly/Kmgxs>

Bem, a diferença do Impeachment do Collor é uma: a resposta de quem iria entrar após Collor sair, para muitos, era Lula. Mas gente que pensava assim era gente desescolarizada. Agora ...

**QUAL SERÁ A RESPOSTA DO
GOVERNO E DO PT?**



16/03/2015

por [Breno Altman](#)



A escalada contra a presidente Dilma Rousseff se transformou, a partir deste domingo, em movimento reacionário de massas. A última vez que assistimos fenômeno dessa natureza foi às vésperas

do golpe militar de 1964, com as marchas que abriram alas para os tanques.

Ainda que a situação política seja distinta e não estejamos às beiras de uma ruptura constitucional, menos ainda da intervenção militar apregoada por frações do antipetismo, mudou de qualidade a disputa entre os dois campos nos quais se divide atualmente o país.

Setores numerosos das camadas médias colocaram na ordem do dia a derrubada de um governo legitimamente eleito. Contam com a associação dos principais meios de comunicação e partidos de direita, incluindo elementos da base aliada.

A chefe de Estado e o Partido dos Trabalhadores precisam decidir qual rumo irão tomar diante deste novo fato político.

A patética entrevista dos ministros Miguel Rossetto e José Eduardo Martins Cardoso, na noite de ontem, aponta o caminho da conciliação e do acordo.

Não tiveram a elegância de ir a público no dia 13, quando o movimento sindical e popular saiu às ruas para defender a democracia e protestar contra o ajuste fiscal.

Mas açodadamente se apresentaram para conferência de imprensa, ao vivo, depois das manifestações convocadas pela República de Higienópolis. Seu discurso as avalizou como democráticas por terem sido pacíficas, além de oferecer uma mão estendida e trêmula para o diálogo.

Não foram capazes nem sequer de denunciar atuação partidária e manipuladora da Rede Globo, uma concessão pública, claramente transformada em porta-voz da intentona reacionária.

Possivelmente o complemento desta atitude seja imaginar que o governo, para se proteger, deva abrir ainda mais espaços para o conservadorismo na composição do gabinete, dobrar-se com maior

genuflexão ao parlamento e renunciar mais claramente à agenda sufragada nas eleições de outubro.

O raciocínio implícito a esta orientação é de que sempre existe a possibilidade de evitar o confronto contra classes sociais e grupos políticos hostis a quaisquer mudanças que minimamente afetem seus interesses ou potencialmente ameacem sua hegemonia.

Getúlio Vargas ceifou a própria vida porque acreditou nesta suposição e viu-se encurralado. João Goulart foi apeado do poder e morreu fora do país porque partilhou a mesma ilusão.

Se for esta a estratégia, por falar em história, o governo correrá o risco de repetir cenário provocado por Neville Chamberlain, então primeiro-ministro inglês, quando cedeu a Tchecoslováquia para os alemães, em 1938, tentando apaziguar Hitler. “Entre a guerra e a desonra, escolheu a desonra, e terá a guerra”, afirmou Winston Churchill, seu clarividente conterrâneo e sucessor.

Mas há outras alternativas à disposição da presidente e do PT.

A mobilização do dia 13 demonstrou que existem potentes reservas de apoio para Dilma recompor o bloco político que permitiu seu triunfo em outubro. Há espaço para a construção de uma frente ampla que defenda a democracia e as reformas populares, buscando reunir nas ruas as forças que faltam ao governo dentro das instituições.

Obviamente este passo será possível apenas se a política econômica e a própria composição ministerial forem revistas.

A presidente instalou um clima de confusão, divisão e desânimo nos últimos meses, com as medidas de ajuste fiscal e a nomeação de ministros sem qualquer compromisso com o programa vitorioso em 2014.

Talvez acreditasse que seu problema principal fosse o mesmo de sempre: como obter maioria parlamentar e apaziguar o capital, de tal forma que sua administração pudesse evitar o isolamento e enfrentar as dificuldades da economia.

A dimensão da jornada antidemocrática, no entanto, mostra que é outra a questão crucial: sem uma repactuação urgente com o campo popular, o petismo perderá as condições de disputar vitoriosamente as praças públicas, os corações e mentes dos milhões de trabalhadores que formam sua base social.

Não há tempo a perder, esta é a verdade.

Os próximos dias e semanas valerão por anos.

O projeto histórico representado pelo PT e a esquerda está em perigo real e imediato.



Protestos deixam o governo baratinado

Luiz Carlos Azedo - segunda-feira, 16 de março de 2015

<http://blogdoazedo.blogspot.com.br/2015/03/protestos-deixam-o-governo-baratinado.html?spref=fb>



O governo da presidente Dilma Rousseff foi alvo de protestos maciços ontem nos 26 estados da Federação, no Distrito Federal e até em cidades do exterior. O povo nas ruas entoava palavras de ordem contra a corrupção e reclamava da situação econômica. Gritos de "Fora Dilma" e "Fora PT" foram ouvidos em todo o país. Grande parte pediu impeachment da presidente. Uma parcela pequena defendeu intervenção militar e foi criticada pelos demais participantes.

Governistas e opositores agora se digladiam quanto à contabilidade dos protestos, que a PM avaliou ter reunido 1,75 milhão, sendo 1 milhão apenas na principal manifestação, na Avenida Paulista, em São Paulo. O DataFolha, porém, mediu 210 mil na Paulista. Cálculos à parte, mesmo assim, foi a maior manifestação desde as "Diretas-Já" e surpreendeu o governo, que está baratinado com a situação. Tanto quanto os militantes petistas, que perderam o monopólio das ações de rua e não conseguem entender o que acontece no país.

A presidente Dilma Rousseff passou o dia de ontem no Palácio da Alvorada, acompanhando os protestos. Pela manhã, o governo avaliava que seria de menor expressão. Havia comemorado as manifestações sindicais chapa-branca de sexta-feira. No final da tarde, Dilma chamou os ministros para conversar. Estava atônita; fora pega de surpresa pelo tamanho dos protestos, inclusive na Esplanada dos Ministérios.

O estado-maior de Dilma Rousseff não incluiu os aliados, somente os petistas de sua confiança: José Eduardo Cardozo (Justiça) e Miguel Rosseto (Secretaria-Geral da Presidência), os ministros Aloizio Mercadante (Casa

Civil), Thomas Traumann (Comunicação Social), Jaques Wagner (Defesa) e Giles Azevedo, assessor especial.

O grupo não representa nada em termos da base do governo Congresso, nem a própria bancada do PT. O ministro das Relações Institucionais (Articulação Política), Pepe Vargas, sequer foi chamado. Informalmente, já foi demitido. A resposta do governo foi pífia, de quem está tomado pela perplexidade e não tem alternativa a oferecer ao país.

Os ministros José Eduardo Cardozo, da Justiça, e Miguel Rosseto, secretário-geral da Presidência, acenaram com três propostas velhas, nas quais ninguém acredita, porque até hoje não foram colocadas em prática: o diálogo com a sociedade e o Congresso; o pacote anticorrupção, anunciado no auge da crise de 2013 e que ainda não saiu do papel; e a reforma política, com ênfase no fim do financiamento empresarial das campanhas políticas.

Oposição

A oposição apóia os protestos e comemora, mas teve presença lateral no movimento. Os manifestantes não deixaram discursar nem os parlamentares que defendem o impeachment da presidente Dilma Rousseff. O deputado Paulo Pereira da Silva (SD-SP), que tenta reunir 1 milhão de assinaturas pela saída de Dilma, foi vaiado na Avenida Paulista quando seu nome foi anunciado. No Rio de Janeiro, o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) foi impedido de falar no carro de som.

As manifestações, porém, deverão ter impacto no Congresso Nacional, onde a CPI que investiga o escândalo da Petrobras concentra as atenções. As dificuldades do governo para aprovar o pacto fiscal devem aumentar. A tendência dos políticos também é se antecipar ao Palácio do Planalto quanto à reforma política.

Os principais partidos de oposição devem subir o tom contra o governo e aumentar as cobranças em relação às demandas da sociedade, a principal delas quando ao escândalo da Petrobras, cuja apuração o governo, nos bastidores, ainda tenta obstruir. Para isso, oferece acordos de leniência

para salvar as empresas envolvidas e acalmar os executivos que ameaçam com novas delações premiadas,

O governo não pode, porém, perder o apoio de sua base no Congresso, na qual o papel fundamental é do PMDB, que controla as duas casas legislativas. Para manter esse apoio, Dilma terá que fazer grandes concessões e fortalecer a presença da legenda aliada no governo, com mudanças ministeriais.

O que muda com os protestos de domingo? - Cinco análises

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/03/150315_analise_protesto_domingo_pai?SThisFB&fb_ref=Default



Governo respondeu dizendo que tem disposição em "ouvir as vozes das ruas e está sempre aberto ao diálogo"

Centenas de milhares de pessoas foram às ruas protestar no domingo, com faixas pedindo combate à corrupção e muitos pregando a saída da presidente Dilma Rousseff do poder.

Em São Paulo, palco da maior manifestação, a PM calculou ter havido 1 milhão de pessoas na Av. Paulista; o Datafolha estimou os participantes em 210 mil.

Estimadas 40 mil pessoas protestaram em Brasília, e 15 mil no Rio Janeiro. Houve protestos também em diversas outras capitais, como Recife, Salvador, Fortaleza, Belém, Vitória, Curitiba e Porto Alegre.

À noite, os ministros José Eduardo Cardozo (Justiça) e Miguel Rossetto (Secretaria-Geral da Presidência) disseram, em entrevista coletiva em Brasília, que o governo tem disposição em "ouvir as vozes das ruas e está sempre aberto ao diálogo".

"Não há democracia sem tolerância; faz parte do ser democrático o respeito a quem pensa diferente e a busca de convergências", disse Cardozo, afirmando que o governo anunciará um pacote de medidas anticorrupção nos próximos dias e voltando a pedir um debate em torno de uma reforma política.

Leia mais: Trinta anos após fim da ditadura, Brasil tem 'democracia imperfeita'

No calor das manifestações, a BBC Brasil pediu a cinco analistas de diferentes espectros políticos, universidades e consultorias uma avaliação inicial dos protestos deste domingo e do clima político do país:

Antonio Lavareda, professor da Universidade Federal de Pernambuco

O cientista político Antonio Lavareda acredita que a presidente Dilma Rousseff tem pouco espaço de manobra para reagir aos protestos de hoje e terá que dar mais espaço para o PMDB no governo para garantir a governabilidade e evitar a paralisia da sua gestão.

"Os protestos surpreenderam e devem significar uma queda ainda maior da popularidade da presidente. Quando o governo está fraco, o preço da composição política aumenta", analisa.

Para Lavareda, a principal motivação do descontentamento da população - e das consequentes manifestações - não está nos cartazes: é a economia. Na sua opinião, porém, o ajuste fiscal, mesmo que impopular, precisa ser feito e deixa a presidente com pouca flexibilidade de atuação nesta área.

Pablo Ortellado, professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da USP

Para Ortellado, os protestos deste domingo surpreenderam pelo tamanho e devem se repetir, colocando o governo em uma situação muito delicada. Ele vê a administração Dilma Rousseff ainda mais enfraquecida porque já não consegue contar com o mesmo apoio da base que a elegeu para contrapor o movimento "antipetista". Esse apoio menor entre os eleitores decorre da adoção de políticas contrárias às defendidas durante a campanha, como as medidas de ajuste fiscal, observa ele.

Leia mais: Democracia no Brasil avança, mas ainda sofre com 'baixa participação política'

"Dilma hoje está pior do que Maduro (presidente venezuelano), pois não tem o mesmo apoio que ele nos movimentos sociais e na esquerda em geral".



Protestos deste domingo tendem a se repetir, diz professor

Ortellado, que esteve na Avenida Paulista, em São Paulo para observar os protestos, diz que não identificou consenso em relação à proposta de impeachment da presidente. Sua percepção é de que o movimento não tinha coesão ou uma pauta concreta e exequível.

"É um protesto da velha classe média - não a nova classe C - motivado por algo muito mais amplo do que o sentimento anticorrupção. A pauta é difusa. O que une os manifestantes, claramente, é o antipetismo", afirma.

A expectativa é de que o governo apresente um pacote anticorrupção como resposta aos protestos, mas Ortellado acredita

que isso não será suficiente para aplacar a insatisfação. "Dilma adotou as medidas econômicas opostas ao que ela defende, e isso não trouxe apoio desse grupo", notou.

Renato Perissinotto, sociólogo e professor da Universidade Federal do Paraná

Diante das grandes dimensões dos protestos desse domingo, Perissinotto acredita que o governo precisa dar uma resposta rápida às manifestações.

Na sua opinião, o mais provável é que o governo apresente propostas no sentido de dar celeridade aos processos de investigação e punição dos casos de corrupção.

"Não compartilho de uma visão negativa nesse campo. Acredito que o país avançou na transparência dos órgãos públicos e nas instituições de investigação, como o Ministério Público e a Polícia Federal. Mas as pessoas querem ver os corruptos sendo de fato punidos".

Apesar do tamanho dos protestos, ele não vê riscos reais de impeachment da presidente por três motivos: 1) não é uma demanda consensual entre os manifestantes; 2) o governo já se mobiliza para melhorar as relações com o Congresso, por exemplo com a mudança na coordenação política, que deve sair das mãos do ministro da Casa Civil, Aloizio Mercadante; 3) o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, tem se manifestado contrariamente.

Rafael Cortez, analista político da consultoria Tendências (SP)

"Os desdobramentos (dos protestos) são incertos, mas os protestos são importantes e sintomáticos dos desafios da presidente Dilma Rousseff: implementar medidas eficientes (num cenário de) baixa popularidade, após um acúmulo de erros no primeiro mandato e em meio às investigações sobre a corrupção na Petrobras", diz Cortez.

Leia mais: Nas redes, política é assunto 4 vezes mais popular do que BBB15

Para ele, o segundo mandato "corre o risco de ser de um governo fraco, que não consegue impor sua agenda. E o ano deve ser marcado por uma agenda negativa, com as investigações na Petrobras e ajustes (fiscais) que não devem gerar receita no curto prazo".



Conjuntura já traz alguns elementos de uma 'tempestade perfeita' para o governo

O mais urgente para o governo, opina Cortez, é melhorar a interlocução com o Congresso – cuja base aliada está rachada – "para não ficar refém do cenário de instabilidade".

Carlos Pereira, cientista político da Fundação Getúlio Vargas no Rio

Pereira diz que o impeachment pedido por grande parte dos manifestantes deste domingo é algo distante da realidade no momento e que parte do grupo "sem dúvida não aceitou os resultados" eleitorais, mas vê o protestos, sobretudo, "como um sinal de que as pessoas estão cansadas, fartas, e em uma magnitude proporcional aos escândalos de corrupção".

Já estão em curso, segundo ele, alguns fatores que formam uma "tempestade perfeita" contra o governo Dilma: medidas fiscais pouco populares, escândalos de corrupção e protestos em massa.

O governo ainda mantém a maioria no Congresso, mas a atual conjuntura também ameaça isso.

"Passados os protestos, será custoso para os aliados apoiarem o governo; será difícil reconstruir essa confiança."

Pereira opina que, até agora, os movimentos de oposição foram "subestimados". "Muitos esperavam um número menor (de

manifestantes) neste domingo, e o governo será forçado a anunciar medidas concretas, de forma cuidadosa, para que as pessoas não acabem mais irritadas" - lembrando quando o ex-presidente Fernando Collor foi à TV pedir que as pessoas usassem verde e amarelo e elas acabaram saindo às ruas, em massa, vestindo preto.

O positivo, diz ele, é que "os protestos ocorreram de forma democrática, sem incidentes - as instituições foram capazes de lidar com tanta polarização de forma democrática".

Publicado em 15/03/15 às 22h08

Governo não tem mais o que dizer; fim de um ciclo

<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/2015/03/15/governo-nao-tem-mais-o-que-dizer-fim-de-um-ciclo/>

Ricardo Kotscho



Manifestantes reunidos na Avenida Paulista neste domingo

Acabei de participar há pouco de um *Jornal da Record News* especial, ao lado de Heródoto Barbeiro, Nirlando Beirão e Aldo Fornazieri, em que apresentamos um resumo e comentamos os principais fatos e desdobramentos deste dia 15 de março de 2015, quando 1,5 milhão de brasileiros foram às ruas para protestar contra o governo de Dilma Rousseff, marcando um divisor de águas na nossa vida política.

Ao sair de casa, na confusão da região próxima à avenida Paulista, fui abalroado por um carro que vinha na contramão e ficou em cima do meu pé. Eu sei que vocês não têm nada com isso, mas preciso explicar o motivo deste texto atrasado, ligeiro e breve que publico abaixo.

Na abertura do programa, ouvimos o pronunciamento e a entrevista coletiva concedidos no final da tarde pelos ministros da Justiça, José Eduardo Cardoso, e da Secretaria-Geral da Presidência, Miguel Rossetto, em nome da presidente, que passou a tarde reunida com seu gabinete de crise no Palácio da Alvorada.

Não queria estar na pele deles. Ficou claro que o governo não tem mais nada de novo para dizer diante do tamanho da crise e das manifestações que duraram o dia todo, em todas as regiões do país. E quem é contra o governo não tem mais paciência para ouvir. Tanto que, bem na hora em que eles começaram a falar, começou outro panelaço em várias cidades do país.

Ficou claro no dia de hoje que está terminando mais um ciclo político no Brasil, o da Nova República, a do chamado presidencialismo de coalização. A corda está arrebentando por todo lado e parece que o governo federal e o Congresso Nacional ainda não se deram conta da gravidade do momento que estamos vivendo.

Foi também num dia 15 de março, exatamente 30 anos atrás, que comemoramos o fim da ditadura, com a posse que deveria ser de Tancredo Neves, o primeiro presidente civil pós-64, e que acabou sendo de José Sarney, que deu início ao ciclo.

O divisor de águas entre a ditadura e a democracia tinha sido a campanha das Diretas Já, em 1984. O último governo militar ainda se arrastou até o ano seguinte, mas o seu ciclo havia terminado.

A grande diferença entre estes dois 15 de março que ficarão na história é que, desta vez, não sabemos o que virá depois. Ao contrário de 1984, hoje não temos partidos nem lideranças políticas

capazes de comandar o processo, nem a menor ideia do que acontecerá amanhã, nem depois de amanhã.

Pelas falas de Cardozo e Rossetto, ficamos com a impressão de que o governo Dilma esgotou sua munição e já não sabe mais o que fazer para acalmar as massas. Os dois falaram novamente em diálogo, que a presidente anunciou no dia da sua reeleição e até agora não colocou em prática nem dentro da própria base aliada, no pacote anticorrupção, prometido ainda durante a campanha eleitoral, na reforma política e no fim do financiamento privado.

Acontece que tudo isso já foi falado antes, e não se mostrou capaz de apontar horizontes nem devolver esperanças. Quem ainda quer diálogo com um governo sem rumo nem norte? Quem acredita em pacotes, sejam fiscais ou de combate à corrupção?

Reforma política depende dos políticos, muitos deles investigados na Lista do Janot. Os poderosos Gilmar Mendes, ministro do STF, que não devolve o processo, e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, já anunciaram que, por eles, o financiamento privado de campanhas, que está na raiz de todas as corrupções, nunca vai acabar.

É este o resumo da opera.

Vida que segue.

Mídia internacional vê protesto "mais velho, mais branco e mais rico" do que os de 2013

Daniel Buarque
Do UOL, em São Paulo
16/03/2015 06h59

Ouvir texto

0:00

Manifestantes lotam a av. Paulista, em São Paulo, em protesto contra o governo

As **manifestações contra o governo Dilma que reuniram cerca de 2 milhões de pessoas pelo Brasil no último domingo** ganharam a atenção da imprensa internacional, que acompanhou de perto os acontecimentos, com publicação de notícias quase em tempo real. Apesar de a cobertura inicial estar mais presa aos fatos, sem que haja ainda muita análise sobre os impactos dos protestos, foi possível perceber que boa parte da mídia estrangeira assumiu uma postura crítica, comparando os protestos com os de junho de 2013 e percebendo uma feição mais elitista da ida às ruas mais recente. Segundo o jornal britânico "The Guardian", os protestos reuniram pessoas "mais velhas, mais brancas e mais ricas" do que em 2013. Mais de uma centena de notícias foram publicadas até o início da noite de domingo citando o Brasil no resto do mundo. Reportagens em inglês, francês, espanhol, italiano e alemão ganharam espaço nos principais veículos de comunicação do mundo. O principal destaque foram as multidões de pessoas que tomaram as ruas e sua oposição ao governo. Algumas reportagens apresentaram entrevistas com manifestantes e falaram sobre a pauta de reivindicações, desde o fim da corrupção ao impeachment de Dilma.

Para socióloga Camila Maria Risso Sales, que faz doutorado sobre a imagem internacional do Brasil na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ainda é cedo para fazer uma avaliação aprofundada dos efeitos das manifestações na reputação do Brasil. Ela avalia que a primeira impressão deixada pela cobertura feita pela mídia estrangeira dos protestos deste fim de semana é de que os principais veículos de imprensa "de alguma maneira associaram os protestos à direita, às classes mais ricas e chamaram a atenção para os pedidos de intervenção militar", disse, em entrevista ao **UOL**.

Segundo a pesquisadora, a publicação de notícias e análises a respeito das manifestações no resto do mundo permite pensar em dois cenários para o se pensa a respeito do Brasil no exterior: "Alguns ressaltarão as manifestações como resultado do processo de consolidação da democracia, mas também podem surgir análises que destaquem a instabilidade gerada pelos protestos", disse. Para ela, entretanto, se houver algum impacto real na

imagem do Brasil, isso vai ocorrer mais por conta da condução da política econômica do que a qualquer outra coisa.

Apesar de a cobertura internacional da realidade brasileira ter sido extremamente crítica em relação à condução da economia pelo governo Dilma, as principais opiniões internacionais a respeito da tensão política procuram minimizar os debates a respeito de impeachment da presidente. Tratando da imagem internacional do Brasil, o impeachment é visto com ressalvas porque ele soa como uma subversão das "regras do jogo" democrático, que é o que dá imagem de estabilidade ao Brasil. A transição democrática estabelecida desde os anos 1990, e fortalecida com os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva criaram uma imagem de segurança institucional para o Brasil, e o impeachment pode romper com as garantias de que o país é confiável para o resto do mundo.

O pesquisador chileno César Jiménez-Martínez avaliou que a atenção dada às manifestações atuais se diferencia por ser menos relacionada à violência, e muito mais ligada aos números de pessoas nas ruas. Jiménez-Martínez analisa em seu doutorado pela London School of Economics a imagem internacional do Brasil durante os protestos de 2013, segundo ele, a cobertura deste ano não parece ter a mesma urgência da de dois anos atrás.

"Em 2013, os números de manifestantes e violência ganhavam destaque. Agora só se fala de números. Isso se encaixa na narrativa de tempos difíceis para o Brasil que vem se construindo nos últimos tempos", disse, em entrevista ao **UOL**. Além disso, ele explica, também há o diferencial do contexto, já que em 2013 havia a expectativa relacionada à Copa do Mundo, e os protestos eram vistos como parte de uma tendência global, seguindo o que havia acontecido na Espanha, na Turquia e nos movimentos Occupy.

Festival do ódio

Em reportagem publicada ainda na tarde de domingo, o jornal inglês "The Guardian" chamou os protestos de "manifestações da direita" causadas por insatisfação crescente com a "economia moribunda", política travada e o imenso escândalo de corrupção na Petrobras. O "Guardian" ainda descreveu cartazes escritos em inglês pedindo a volta da ditadura.

"Os protestos de domingo foram os maiores no Brasil desde 2013, mas o perfil e as políticas dos participantes foram muito diferentes. As manifestações da **Copa das Confederações** dois anos atrás

tiveram suas origens em campanhas para assegurar transporte público gratuito, e se espalharam rapidamente especialmente entre jovens, com ajuda de redes sociais, após a violência policial inflamar a opinião pública. A mais recente onda de protestos, entretanto, é de um grupo mais velho, mais branco e mais rico, reunidos após uma grande cobertura antecipada da grande mídia", disse.

Já a revista de economia "Forbes" chamou os protestos de "festival do ódio". "Estranhamento, não é a deterioração da economia que irrita os brasileiros. É a política. É a corrupção. Em outras palavras, a política de sempre. E, agora, os brasileiros estão abrindo as janelas dos seus apartamentos, colocando as cabeças para fora e gritando", diz, em referência ao filme "Rede de Intrigas", de 1976.

O jornal americano "New York Times" ressaltou que o impeachment ainda parece uma possibilidade distante, e defendeu a postura de Dilma diante dos protestos. "Em contraste com outros líderes da região que responderam à dissidência com ataques a seus críticos e uso de forças de segurança, a senhora Rousseff assumiu uma postura relativamente pouco confrontadora", disse o "New York Times", destacando que a presidente defendeu o direito de protestar dos brasileiros.

O jornal italiano "La Repubblica" destacou que havia manifestantes pedindo intervenção militar para "por fim ao predomínio político do partido dos trabalhadores". O jornal argentino "Clarín" se referiu aos protestos como "uma crise vizinha", e descreveu multidões de "dezenas de milhares" nos protestos. A publicação ressaltou que as manifestações que chegavam a pedir a saída do governo Dilma ocorreram 30 anos depois da redemocratização do país. O jornal disse ainda que alguns partidários do governo chamaram de golpistas os protestos.

Ampliar

Como o mundo noticiou os protestos de 15 de março 11 fotos

7 / 11

Diversos jornais internacionais noticiaram os protestos contra o governo federal realizados neste domingo (15) no país. No geral, eles destacaram o grande número de pessoas que foi às ruas contra a presidente Dilma Rousseff. Na imagem, reprodução da

reportagem publicada na versão online do jornal inglês The Guardian *Reprodução/Guardian*

Veja também

- Protestos contra governo e corrupção reúnem mais de 2 milhões pelo Brasil, dizem PMs
-  Fernando Rodrigues: Governo errou antes e depois dos protestos
- Sakamoto: Dilma precisa decidir se irá colocar em prática as promessas que vendeu nas eleições
- Josias de Souza: O asfalto ferveu, mas a ficha de Dilma não caiu
- Paulista reúne maior ato político desde as Diretas-Já, diz Datafolha
- Após atos, governo diz que país está longe de golpismo e promete medidas

Recomendado para você



30 anos de democracia: Lula defende reforma política



Ministro diz que atos foram formados por pessoas que não voltaram em Dilma



Impeachment é revanche por derrota na eleição, diz ministro da Justiça



Patrocinado

Atingimos nossa maior produção mensal histórica de petróleo no Brasil

(Petrobras)

Passou da hora de baixar a bola

Marcelo Zero - 16/03/2015 10:10 |  | -a +a |

<http://www.brasildebate.com.br/passou-da-hora-de-baixar-a-bola/>

Ou todos jogamos o jogo da democracia e do respeito mútuo ou vamos, todos nós, perder o jogo do desenvolvimento econômico e social e as grandes e inegáveis conquistas que fizemos nos últimos anos

As eleições terminaram no dia 26 de outubro do ano passado, mas o paroxismo político continua, como se viu no dia 15. Parte da oposição resolveu apostar na ingovernabilidade. Nos bastidores, estimulam os pedidos insanos de impeachment.

Trata-se, é claro, de uma aposta política de alto risco. Não apenas para o governo. É uma aposta de alto risco também para a oposição e, sobretudo, para o País e sua democracia.

Com efeito, o neoudenismo que tomou conta do País ameaça converter-se em fonte de condenação da própria atividade política e de todas as suas instituições. Mira-se para a Presidência e o PT, mas a barragem de denúncias, fundamentadas ou não, acaba minando a legitimidade do Senado, da Câmara, das assembleias estaduais, dos governadores, dos prefeitos, dos partidos e de quaisquer outras instituições políticas.

Empresas, mistas e privadas, também se converteram em vítimas desse processo. Mesmo os cidadãos comuns que expressam posições políticas estão sujeitos, hoje, a agressões de toda ordem.

A democracia precisa do oxigênio do debate, mas o que respira atualmente é o monóxido de carbono dos insultos e das ameaças.

Esse clima político doentio não preocuparia, caso estivéssemos num período de bonança econômica. Não estamos. O prolongamento e a exacerbação da grande crise mundial, que já entrou em seu sétimo ano, combinados com o enorme esforço contracíclico realizado para proteger a economia nacional, o emprego, os salários e os avanços sociais duramente conquistados, acabaram cobrando um preço sobre as contas públicas.

Algum tipo de ajuste tornou-se necessário para evitar o pior: o ressurgimento de grandes desequilíbrios macroeconômicos e a consequente incapacidade de retomar o crescimento sustentado.

Entretanto, ajustes impõem algum nível de sacrifício e tendem a provocar, no curto prazo, um arrefecimento da atividade econômica e a consequente piora, ainda que idealmente momentânea, de alguns indicadores sociais.

Associado a isso, há também o choque da crise hídrica, um cenário externo restritivo e um quadro regional politicamente conturbado.

Assim sendo, estão reunidas as condições para que o Brasil e sua democracia sejam atingidos por uma “tempestade perfeita”, cujo rescaldo poderá ser a repetição do “que se vayan todos”, ocorrido na Argentina no início deste século. Nesse caso, nenhuma instituição, nenhuma força política será preservada. Será um jogo de soma zero.

Ante tal quadro, o desejável seria a iniciativa de haver amplos entendimentos em torno de algumas questões básicas.

Em primeiro lugar, tem de se realizar um entendimento em prol da civilidade. Democracia não é briga de rua e não pode se fundamentar no ódio e no ressentimento. Um mínimo de civilidade é fundamental para se que se estabeleça uma cultura democrática. Alguns países não a têm. E pagam um alto preço por isso. O Brasil, que a tinha, está correndo o grave risco de perdê-la.

Em segundo, é preciso um entendimento firme, no que tange ao mandato eletivo da presidenta. Dilma Rousseff foi eleita em pleito livre e limpo. Seu mandato só termina em 2018. Propor o impeachment, sem nenhum fundamento jurídico sólido, é uma

aposta irresponsável na “venezuelização” do processo político do Brasil.

Em terceiro, há de se ter um entendimento relativo à defesa da política e das instituições democráticas. A onipresente criminalização da política e o grande desgaste recente das instituições democráticas é algo péssimo para o País.

Esse clima gera a distorcida noção de que não há alternativas para o Brasil dentro do jogo político democrático e do sistema de representação. Com isso, abrem-se as portas para aventuras autoritárias de toda ordem e para o surgimento de “salvadores da pátria”.

O Brasil já viu esses filmes antes. Nenhum teve final feliz. Precisamos evitar um cenário desse tipo, já evidenciado pelas recentes manifestações. Um acordo sobre alguns pontos essenciais da Reforma Política ajudaria muito, nesse aspecto.

Em quarto, é imprescindível que haja um entendimento em torno do tema da corrupção. O discurso neoudenista tem de ser desconstruído. A corrupção não se combate com sua mera condenação moral, frequentemente oportunista e seletiva.

A corrupção se combate com instituições independentes de controle e com a promoção da transparência na administração pública. E isso vem sendo feito.

O fortalecimento e a crescente independência de instituições como a Polícia Federal, a CGU, o Ministério Público e as procuradorias, bem como a instituição do Portal da Transparência e a promulgação da Lei de Acesso à Informação, criaram uma nova situação, na qual se torna impossível engavetar qualquer processo ou varrer qualquer suspeita para debaixo do tapete, como se fazia até um passado recente.

O Brasil não vive uma crise de corrupção; o Brasil vive a saudável crise do fim de sua histórica impunidade.

É fundamental que esse processo, doloroso, mas necessário, seja apresentado à opinião pública como ele de fato é: um sinal positivo de amadurecimento do País e de suas instituições. É preciso evitar que este processo seja visto como algo negativo, objeto de

oportunismo político e gerador de indignação serôdia e de moralismo estéril, autoritário e seletivo.

A grande fragilidade atual para reequilibrar as contas públicas, retomar o crescimento sustentado e aprofundar os avanços sociais recentemente alcançados é o clima político deteriorado.

Por conseguinte, passou da hora das forças políticas responsáveis baixarem a bola da disputa política sem limites e sem freios. Ninguém vai ganhar nada com isso. Até agora, as grandes disputas políticas nacionais foram ganhas, na democracia, por quem acabou apostando na moderação e na conquista do centro político-ideológico.

E, se ninguém tem nada a ganhar, a não ser os autoritários e os aventureiros, todo o mundo tem muito a perder.

Ou todos jogamos o jogo da democracia e do respeito mútuo ou vamos, todos nós, perder o jogo do desenvolvimento econômico e social e as grandes e inegáveis conquistas que fizemos nos últimos anos.

O Brasil corre risco de ser goleado de novo. Dessa vez por 10 x 0. Todos gols contra.

- See more at: <http://www.brasildebate.com.br/passou-da-hora-de-baixar-a-bola/#sthash.IEbKVGng.XXvIHSgh.dpuf>

Da crise mundial à crise do Lulismo

FELIPE AMIN FILOMENO -

[HTTP://OUTRASPALAVRAS.NET/BRASIL/DA-CRISE-MUNDIAL-A-CRISE-DO-LULISMO/](http://OUTRASPALAVRAS.NET/BRASIL/DA-CRISE-MUNDIAL-A-CRISE-DO-LULISMO/)

– ON 16/03/2015 CATEGORIAS: [BRASIL](#), [CAPA](#), [POLÍTICAS](#)



Por uma década, PT buscou construir social-democracia desenvolvimentista que superasse antagonismo “Casa Grande e Senzala”. Esta conjuntura acabou: a “Casa Grande” foi às ruas

Por **Felipe Amin Filomeno** | Imagem: **Ana Menendez**, dos [Jornalistas Livres](#)

As manifestações ocorridas neste Março confirmam que o Brasil se encontra numa grande crise social, com implicações econômicas, políticas e culturais. Há um consenso emergente entre os intelectuais de esquerda de que a crise está associada ao esgotamento do Lulismo. Defino como Lulismo o modelo de desenvolvimento sócio-econômico implementado pelo PT no governo federal, baseado no tripé presidencialismo de coalizão, prosperidade econômica mundial e desenvolvimentismo social-democrata. Em palavras simples, com o agravamento da crise econômica, o cobertor ficou curto demais para atender às demandas crescentes da parcela da sociedade que ascendeu

socialmente na última década e aos custos de cooptação de partidos políticos que costumavam formar a base aliada do PT no Congresso Nacional.

Diante deste quadro, o PT não inovou em políticas públicas e em estratégia política. Pior, após vencer a eleição presidencial com uma agenda de propostas à esquerda, curvou-se aos seus adversários, adotando uma política de austeridade e o discurso moralista de combate à corrupção. Isto não tem sido suficiente para acalmar os ânimos do “mercado”, para diminuir a oposição das grandes empresas de comunicação, para conter a raiva dos setores conservadores da classe média ou para reaglutinar a “base aliada”. O PT não quis assumir os riscos de uma radicalização e, agora, paga o preço da aposta na agenda conservadora.

 Este site é sustentado por seus leitores. [Clique aqui para contribuir](#)

As forças conservadoras de oposição, por outro lado, galvanizaram-se em um movimento de contra-reforma. Neste movimento, confluem diversas correntes. Primeiramente, há o conservadorismo de classe — daqueles que sempre odiaram a esquerda e o PT, daqueles que não conseguem mais arcar com o salário da empregada doméstica, daqueles que viram seu lucro encolher por causa do aumento dos salários dos empregados, daqueles que passaram a dividir o aeroporto, o shopping e a universidade com pessoas da “periferia”. Em segundo lugar, há o conservadorismo moralista — daqueles que veem na Igreja e no Exército instituições capazes de solucionar, pela via autoritária e fundamentalista, os problemas de uma democracia disfuncional. Um dos principais — talvez o principal — ator neste movimento de contra-reforma conservadora é a mídia capitalista. Seu massacre ideológico contra o PT tem gerado, há anos, um clima de niilismo político e instabilidade que fomenta o radicalismo de direita.

Por mais de uma década, o PT buscou construir consensualmente uma social-democracia desenvolvimentista que fosse capaz de superar o antagonismo da “Casa Grande e Senzala”. Esta conjuntura acabou. A “Casa Grande” foi às ruas no dia 15 de Março. E que a maior parte dos manifestantes contra o governo seja de

classe média não faz desta manifestação menos da “Casa Grande”. Em países centrais, com baixa desigualdade social, uma grande classe média serve como sustentáculo da democracia. No Brasil, não. A classe média brasileira age como “Casa Grande” e, cada vez mais, “ousa dizer seu nome”, admitindo-se fascista, classista, racista e machista. Basta ver o conteúdo dos cartazes das manifestações de direita ocorridas neste dia 15.

Há, claro, indivíduos de classe média que não são conservadores e autoritários, mas que são muito vulneráveis à manipulação ideológica que reduz todos os problemas do país à corrupção associada à Dilma e ao PT (que, na prática, controlam apenas um fragmento do sistema político brasileiro). A classe média brasileira avalia o mundo da perspectiva de sua varanda gourmet, mas não percebe isso. Não são indivíduos que, durante os governos do PT, passaram a ter uma pessoa com nível superior na família pela primeira vez, que passaram a ter carteira assinada pela primeira vez, que viajaram de avião pela primeira vez. Então é lógico que vão bater panela na varanda depois de ficarem enfurecidos com o país ao lerem a capa da *Veja* enquanto estão na fila do caixa do Pão de Açúcar. E a taxa de câmbio é uma variável importantíssima nesta dinâmica política de classe. O dólar alto distancia a classe média brasileira do padrão de consumo dos países avançados e gera frustração política quase imediatamente.

À medida que a crise do Lulismo se agrava, não só as políticas desenvolvimentistas e redistributivas estão a ser desmanteladas, mas a própria democracia brasileira está ameaçada. O PT está refém das forças conservadoras e de seu próprio governismo. A contra-ofensiva conservadora está forte e bem organizada, contando com seu poder econômico, seu aparato midiático-ideológico e suas bancadas parlamentares. Será preciso muita mobilização e inteligência política da parte dos movimentos sociais, dos partidos de esquerda e dos setores esclarecidos da sociedade civil para evitar que o Brasil, ao invés de superar a crise do Lulismo iniciando um novo ciclo de desenvolvimento, faça uma curva de retorno ao neoliberalismo e ao autoritarismo. Há muita coisa no Brasil para se consertar, incluindo erros cometidos pelo PT apesar dos avanços promovidos pelo Lulismo, mas um impeachment

motivado por ódio de classe, por fundamentalismo religioso e por ideologia fascista só agravaria os nossos problemas.

Imagens preocupantes do março15





Manif S.Paulo - Paulista



Manif. POA -100 mil
Brasilia – 15-março-2015
Outras repercussões



Brasilia manif março2015

- [http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/apos-atos-governo-diz-que-pais-esta-longe-](http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/apos-atos-governo-diz-que-pais-esta-longe-de-golpismo-e-promete-medidas.htm?fb_ref=Default)

[de-golpismo-e-promete-medidas.htm?fb_ref=Default](http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/apos-atos-governo-diz-que-pais-esta-longe-de-golpismo-e-promete-medidas.htm?fb_ref=Default)

Internauta registra bloqueio da Dutra em protesto contra Dilma [15/03 | 18h39](#)

- Manifestantes aproveitam protestos do dia 15 para tirar "selfies" [15/03 | 17h42](#)
- Brasileiros protestam contra governo em pelo menos seis países [15/03 | 17h29](#)



- Protestos pelo país geram memes nas redes sociais [15/03 | 17h22](#)



- Caminhoneiros protestam e travam trânsito em avenida de SP [15/03 | 16h49](#)

Recomendado para você

AS RESPOSTAS DO DIA 13 DE MARÇO

EconomiaOpiniãoPolítica — 14 março 2015

<http://www.alemdeeconomia.com.br/blog/?p=15529>



Queiram ou não, ontem os movimentos sociais organizados demonstraram a sua força.

Ao contrário do publicado por alguns meios de comunicação e, também, o que alguns pensam ou imaginam, as manifestações de ontem não foram contra o governo federal da presidenta Dilma Rousseff(PT), mas essencialmente de defesa da democracia.

A primeira resposta é que Dilma e seu partido tem sim ressonância nas ruas, portanto, um processo de impedimento não se repetirá como o ocorrido com Collor e um possível golpe não será como o de 64.

A segunda resposta está na condução da política econômica, é preciso ampliar os direitos daqueles(as) que vivem do trabalho.

A terceira resposta é; mesmo que parte do capital nacional e internacional queiram, não será tranquilo e muito menos fácil qualquer mudança nas leis do Pré-Sal e muito menos pela privatização da Petrobras.

Quarta resposta; a reforma política tem que ser realizada de forma geral e irrestrita urgentemente.

Quinta, os movimentos sociais acertaram em antecipar a manifestação e, principalmente, em colocar força na cidade de São Paulo.

Por fim, foi uma excelente resposta para quem imaginava que seria um fiasco e não teriam capacidade de defender o governo e a presidenta. Resposta mais do que bem dada.

A luta seguirá...

Mas o que ocorre fora das ruas pesa tanto quanto e em muitos aspectos chega mesmo a ser mais importante. Qualquer reducionismo, aqui, empobrece de tal modo a democracia que termina por convertê-la em seu contrário.

O foco principal da construção democrática — da defesa e do fortalecimento da democracia — está no debate público, no circuito cultural, na educação, nas escolas, nas instituições políticas. Somente cidadãos esclarecidos podem valorizar a democracia e se dispor a protegê-la, estejam eles organizados em partidos ou não. Posicionamentos democráticos são maiores do que a defesa de interesses localizados, implicam incorporação de valores, respeito a procedimentos e disposição dialógica, o que nem sempre surge espontaneamente das ruas. Precisam de locais e instâncias onde possam ser processados e organizados numa agenda acordada minimamente entre os diferentes protagonistas. Se não for assim, as ruas podem produzir guerra e violência, não soluções democráticas

Além disso, as ruas nem sempre ajudam: se estiverem mal direcionadas, por exemplo, podem atacar a democracia ou ficarem expostas à ação sibilina de gente que nada tem de democrática, ou ainda se converterem em manifestações que acobertam atos governamentais condenáveis, terminando por defender o que vai contra a democracia. Atos de massa precederam a queda de muitos governos progressistas no mundo ou forneceram alimentos para a ação de golpistas antidemocráticos.

Tudo isso é sabido, mas nem sempre é considerado pelo essencialismo de esquerda que converte a luta de classes em um

princípio de agitação e justificativa, não num critério de análise política.

A crise atual, como qualquer outra crise, tem a ver seguramente com luta de classes: condensa as contradições que atravessam hoje a sociedade brasileira. Tal reconhecimento ajuda decisivamente a que se componha o quadro para além da superficialidade. Deveríamos partir daí para compreender a crise e tentar resolvê-la. Isto, porém, não significa que o governo Dilma seja uma vítima das contradições sociais, até mesmo porque é parte ativa do jogo: colhe o que plantou nos últimos 12 anos. Se a sociedade está hoje dividida entre os que são contra e os que são a favor do governo é porque o governo petista, no correr das últimas décadas, também trabalhou para isso e não soube, digamos assim, organizar a luta de classes para ajudá-lo a governar e a mudar o País. Ele e os demais protagonistas da luta política que se trava no Brasil, os outros partidos. É importante que se diga isso: ninguém mostrou virtude suficiente para impulsionar a sociedade no rumo da autonomia e do ativismo político democrático.

Falhas de planejamento, falta de clareza projetual, decisões equivocadas e déficits de liderança política não podem ser atribuídos aos desejos ocultos ou manifestos da “burguesia” contra os trabalhadores. Serão sempre, hoje ou amanhã, limites subjetivos.